



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA - PPGLL**

ALINE BEZERRA FALCÃO DE OLIVEIRA

**PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
ALAGOAS**

**MACEIÓ
2021**

ALINE BEZERRA FALCÃO DE OLIVEIRA

**PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM
ALAGOAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL, como requisito final para a obtenção do grau de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

MACEIÓ
2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

O48p Oliveira, Aline Bezerra Falcão de.
Palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Alagoas / Aline
Bezerra Falcão de Oliveira. – 2021.
103 f.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vítório.
Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em
Linguística e Literatura. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 99-102.
Anexo: f. 103.

1. Sociolinguística - Variação linguística. 2. Língua portuguesa –
Palatalização - Alagoas. I. Título.

CDU: 81'342.53(813.5)



TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE BEZERRA FALCÃO DE OLIVEIRA

Título do trabalho: “PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM ALAGOAS”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Profa. Dra. Renata Livia de Araújo Santos (UFRPE)

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 26 de novembro de 2021.

Aos meus pais, de quem me orgulho e a quem dedico todas as minhas vitórias e ao Almir, companheiro de todos os momentos, pela compreensão, pelo carinho e incentivo constante.

AGRADECIMENTOS

Este momento de agradecimento é mais que especial, é o instante de agradecer e homenagear pessoas importantes em minha vida, que me incentivaram e me apoiaram ao longo da vida e na produção desta dissertação.

Agradeço inicialmente a Deus por ser luz em meu caminho, a quem devo tudo que sou.

À minha orientadora, Dra. Elyne Vitória, por todos os ensinamentos e incentivo, sobretudo pela confiança depositada em mim;

Aos professores Dr. Aldir Santos de Paula e a Dra. Renata Livia pelas valiosíssimas contribuições dadas à produção desta dissertação;

Agradeço principalmente a minha irmã Juliana por ter sido minha maior incentivadora e ter me ensinado desde cedo o quanto a educação mudaria minha vida;

À minha mãe que mesmo não sendo alfabetizada sempre acreditou em mim e não mediu esforços para me ajudar;

A todos os meus irmãos e irmãs que sempre estiveram ao meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis, em especial à Adriana e Simone que sempre me apoiaram e me deram colo em muitos momentos e sempre me alegraram.

Agradeço e serei eternamente grata, ao meu esposo que sempre me apoiou e esteve do meu lado segurando minha mão e que nos momentos críticos, quando pensava em desistir, me fazia acreditar que conseguiria.

Às amigas Ana Maria, Ana Carolina, que desde a graduação me incentivaram e aguentaram meus momentos de crises e desabafos;

À minha amiga e comadre, Jéssica, que mesmo estando distante sempre me apoiou e torceu por mim;

A todos que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho acadêmico.

As pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente no presente vivo.

LABOV, William.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os processos fonéticos/fonológicos de palatalização regressiva das oclusivas alveolares produzidos no Português Brasileiro falado no estado de Alagoas sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), contrapondo os dados linguísticos coletados com variáveis internas (contexto anterior, posição da sílaba, consoante alvo, tamanho da palavra e natureza do gatilho) e externas (idade, sexo/gênero, escolaridade e distribuição diatópica), com intuito de identificar possíveis condicionantes de uso da variante palatalizada e analisar se o processo de palatalização regressiva reflete uma variação estável ou mudança em progresso. No tratamento da variante fonético-fonológica, emprega-se como aporte teórico-metodológico a teoria de traços (CLEMENTS; HUME, 1995). Para a realização da pesquisa, utiliza-se o Banco de dados do Projeto português Alagoano – PORTAL e o programa computacional R, em sua plataforma de ambiente integrado RStudio para realizar as análises estatísticas. A pesquisa busca analisar os processos de palatalização regressiva nas três principais mesorregiões do estado – Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia, considerando que, em diversas regiões do Brasil, esse contexto regressivo tem sido bastante comum nas comunidades de fala do Sul, Sudeste, Norte e Nordeste do Brasil (HORA, 1990; BISOL, 1991; 1997; DUTRA, 2007, HENRIQUE; HORA, 2012; DA HORA 1990; SOUZA NETO 2008; CRISTOFÁRO SILVA, 2012) em palavras do tipo “[d₃]ia” e “[t₃]ia”. Neste estudo, foi possível observar que a palatalização regressiva na comunidade de fala de Alagoas está em aparente processo de expansão, indo do litoral ao interior do estado.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; palatalização regressiva; Alagoas.

ABSTRACT

This work goal to investigate the phonetic/phonological processes of regressive palatalization of alveolar stops produced in Brazilian Portuguese spoken in Alagoas from the perspective of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), contrasting the linguistic data collected with internal variables (previous context, syllable position, target consonant, word size and trigger nature) and external (age, sex/gender, education and diatopic distribution), in order to identify possible conditions of use of the palatalized variant and analyze whether the process of regressive palatalization reflects a stable variation or change in progress. In the treatment of the phonological variant, the theory of features is used as a theoretical-methodological contribution (CLEMENTS; HUME, 1995). To carry out the research, we used the database of the Português Alagoano Project (PORTAL) and the computer program R, in its integrated environment platform Rstudio to perform the statistical analyses. The research seeks to analyze the processes of regressive palatalization in the three main mesoregions of the state - Maceió, Arapiraca and Delmiro Gouveia, considering that, in several regions of Brazil, this regressive context has been quite common in the speaking communities of the South and Southeast, North and Northeast of Brazil (HORA, 1990; BISOL, 1991; 1997; DUTRA, 2007, HENRIQUE; HORA, 2012; DA HORA 1990; SOUZA NETO 2008; CRISTOFÁRO SILVA, 2012) in words like "[d₃]ia" and "[t₃]ia". In this study, it was possible to conclude that the regressive palatalization in the speech community of Alagoas is in an apparent expansion process, going from the coast to the interior of the state.

Keywords: Variationist sociolinguistics; regressive palatalization; Alagoas.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Estado de Alagoas em referência ao Brasil.....	56
Mapa 2 – Distribuição diatópica da palatalização regressiva na cidade de Maceió ..	94
Mapa 3 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Maceió	95
Mapa 4 – Distribuição diatópica da palatalização regressiva no estado de Alagoas....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variável bairro e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió.....	74
Gráfico 2 – Variável bairro e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió.....	75
Gráfico 3 – Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió	76
Gráfico 4 – Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió	77
Gráfico 5 – Variável consoante alvo e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió	78
Gráfico 6 – Variável escolaridade e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca.....	82
Gráfico 7 – Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca.....	84
Gráfico 8 – Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca.....	85
Gráfico 9 – Variável consoante alvo e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca.....	86
Gráfico 10 – Variável natureza do gatilho e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca.....	86
Gráfico 11 – Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Delmiro Gouveia	90
Gráfico 12 – Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Delmiro Gouveia	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estratificação dos dados do Portal	54
Tabela 2 – Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas).....	73
Tabela 3 – Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final	79
Tabela 4 – Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística).....	79
Tabela 5 – Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativa).....	81
Tabela 6 – Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final	87
Tabela 7 – Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística).....	88
Tabela 8 – Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas).....	89
Tabela 9 – Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final	92
Tabela 10 – Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística).....	93

LISTA DE QUADRO E FIGURAS

Quadro 1 – Palatalização de k, p, f	47
Figura 1 – Representação arbórea dos traços fonológicos	49
Figura 2 – Representação fonológica das consoantes.....	49
Figura 3 – Representação fonológica das vogais.....	50
Figura 4 – Representação fonológica do espriamento de traços	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1. NORDESTE	19
2.1.1. Da Hora (1990).....	19
2.1.2. Henrique; Hora (2012).....	21
2.1.3. Santos (1996).....	23
2.1.4. Cristóforo Silva <i>et.al</i> (2012).....	24
2.1.5. Souza Neto (2008)	26
2.2. NORTE	27
2.2.1. Godinho (2012).....	27
2.2.2. Sanches; Nascimento (2019)	29
2.3. SUDESTE	30
2.3.1. Carvalho (2002)	30
2.4. SUL	32
2.4.1. Bisol (1991).....	32
2.4.2. Dutra (2007)	33
2.4.3. Battisti; Dorneles Filho (2010)	35
3. APORTE TEÓRICO	37
3.1. SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	37
3.1.1. Variação e mudança linguística.....	39
3.1.2. Marcadores, indicadores e estereótipos.....	42
3.1.3. Comunidade de fala.....	43
3.2. GEOMETRIA DE TRAÇOS FONOLÓGICOS	46
4. METODOLOGIA	52
4.1. OBJETIVOS E HIPÓTESES	52
4.2. CARACTERIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS	54
4.3. LOCUS DA PESQUISA: ALAGOAS.....	55
4.3.1. Maceió.....	57

4.3.2. Arapiraca	58
4.3.3. Delmiro Gouveia	58
4.4. VARIÁVEIS ANALISADAS	59
4.4.1. Sexo/Gênero	59
4.4.2. idade.....	61
4.4.3. Escolaridade.....	62
4.4.4. Distribuição diatópica.....	64
4.4.5. Contexto anterior	65
4.4.6. Posição da sílaba	66
4.4.7. Consoante alvo	67
4.4.8. Tamanho da palavra	68
4.4.9. Natureza do gatilho.....	68
4.5. MODELO ESTATÍSTICO.....	69
5. RESULTADOS E ANÁLISES	72
5.1. PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA EM MACEIÓ.....	72
5.2. PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA EM ARAPIRACA	80
5.3. PALATALIZAÇÃO REGRESSIVA EM DELMIRO GOUVEIA.....	88
5.4. SUMARIANDO RESULTADOS.....	93
6. CONCLUSÃO	97
7. REFERÊNCIAS.....	100
8. ANEXO A	1004

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com os estudos linguísticos não é algo recente. Desde os gregos antigos, a língua já era objeto de análise e reflexão, porém, a linguística só veio a se consolidar como ciência propriamente dita com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, atribuído a Ferdinand de Saussure, no início do século XX, (cf. CALVET, 2009).

Entre os axiomas saussurianos acerca da linguagem está a dicotomia língua e fala, em que a fala é considerada a parte individual da linguagem, comportando todos os tipos de diferença e diversidade linguística (cf. SAUSSURE, 2006). Saussure nota a existência de uma heterogeneidade linguística na fala, mas não se preocupa em analisá-la, pelo contrário, eleger a língua como objeto de estudo da ciência linguística, aquilo que é comum a todos os falantes, que não muda e é homogêneo.

Em meados da década de 1960, após uma série de estudos que já apontavam para uma influência social na mudança linguística, a variação passou a ser objeto de investigação dando origem a Teoria da Variação Linguística, que buscava contemplar os diversos usos variáveis dos fenômenos linguísticos em seus contextos sociais, buscando dar conta da fala, que, em Saussure, ocupava um lugar de segundo plano.

William Labov, nos Estados Unidos, em conjunto com outros pesquisadores, como Uriel Weinreich e Marvin Herzog (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2008) realizaram um conjunto de pesquisas sobre as mudanças linguísticas e verificaram que, dentro de uma mesma língua, ao contrário do que Saussure pregava, há uma série de variações que a levam para heterogeneidade e instabilidade.

Dessa forma, os estudos na Sociolinguística Quantitativa têm como objetivo identificar e analisar processos linguísticos variáveis, que ocorrem em diferentes níveis linguísticos e que são condicionados tanto por variáveis linguísticas fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais, discursivas, quanto por variáveis externas, como os grupos de fatores extralinguísticos sexo, idade, escolaridade, profissão, classe social – tidos, na teoria variacionista, como *fatores condicionantes*.

Essa abordagem variacionista dos fenômenos linguísticos marca o início de uma Sociolinguística Laboviana que começa a levar em conta não somente a estrutura formal da língua, como todas as grandes teorias linguísticas da primeira metade do século XX, mas os fatores contextuais, culturais, sociais, ou seja, aqueles externos à língua e que condicionam a variação da estrutura.

Nesse contexto, tem-se como proposta descrever o fenômeno fonético-fonológico da palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no português falado em Alagoas, como em palavras do tipo “dia” e “dente”, que se realizam com as formas oclusivas [t] e [d] ou palatalizadas [tʃ] e [dʒ]. O intuito é contrapor os resultados deste estudo com resultados de trabalhos já realizados no Brasil e analisar as mudanças que pudera ter ocorrido no que concerne ao uso da palatalização regressiva, não somente na cidade de Maceió, mas em Arapiraca e Delmiro Gouveia.

Para tanto, no tratamento da variante fonológica, emprega-se, como aporte teórico-metodológico, a teoria de traços fonológicos (CLEMENTS; HUME, 1995) e, para a realização da análise das variáveis que condicionam esse processo, é utilizada a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), partindo da premissa de correlacionar os aspectos internos da língua com aspectos sociais, o que significa considerar a heterogeneidade linguística da comunidade de fala.

Espera-se, assim, mapear, quantificar e analisar as frequências de uso da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no estado de Alagoas, buscando, dessa forma, entender a realização desse fenômeno e responder perguntas do tipo: quais são as forças sociais que afetam essa variação? Como essa variação é distribuída geograficamente pelo estado de Alagoas? Quais são os fatores internos da língua que condicionam o processo de palatalização regressiva? A possível variação regressiva das oclusivas alveolares em Alagoas constitui um processo de variação estável ou trata-se de um processo de mudança em curso?

A dissertação dividir-se-á em seis seções, sendo a primeira destinada à introdução. Na segunda seção, esboça-se a revisão de literatura que busca resumir os trabalhos realizados sobre o fenômeno da palatalização regressiva em todas as regiões do Brasil. Iniciando com um resumo de trabalhos realizados na região Nordeste, depois na região Norte, Sudeste, Norte e Sul do Brasil¹.

Na terceira seção, é exposto um pouco da Teoria da Sociolinguística Variacionista, que traz achados sobre a variação e mudança linguística, marcadores, indicadores e estereótipos e comunidade de fala e uma breve discussão sobre o fenômeno da palatalização regressiva baseada na teoria de traços fonológicos.

¹ Não são apresentados resultados de pesquisas na região Centro-Oeste do Brasil, porque até a conclusão desta dissertação não se encontrou nenhum trabalho sobre o processo de palatalização regressiva realizada nessa localidade.

Na seção quatro, é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa e traz informações sobre os objetivos e hipóteses, caracterização do banco de dados, em seguida, uma breve explicação do *Locus* da pesquisa com um resumo histórico das cidades de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia, que são as regiões analisadas nesta dissertação, acompanhada de um resumo a respeito das variáveis analisadas no trabalho e, por fim, a descrição do modelo estatístico utilizado.

A seção cinco é dedicada aos resultados e análises obtidos, sendo apresentados inicialmente os resultados da palatalização regressiva em Maceió, depois em Arapiraca e, por último, em Delmiro Gouveia. Para finalizar a seção, é feita uma sumarização dos resultados mais relevantes encontrados na pesquisa.

Por fim, a seção seis traz a conclusão, com intuito de sintetizar os resultados encontrados e apresentar considerações interpretativas sobre os resultados estatisticamente obtidos sobre a palatalização regressiva no estado de Alagoas.

Considerando que a palatalização das oclusivas alveolares é um processo linguístico típico no Português Brasileiro e afetado distintamente por fatores diatópicos, sociais e linguísticos e que não há pesquisas recentes e esclarecedoras sobre esta variação no estado de Alagoas, ratifica-se a importância deste trabalho.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Em diferentes regiões do Brasil, pesquisadores têm investigado a palatalização regressiva, um fenômeno fonético-fonológico que tende a ser condicionado por restrições linguísticas e sociais. A fim de mapear como essa palatalização se comporta no território brasileiro, apresenta-se, nesta seção, uma revisão de literatura desse contexto linguístico variável. Para tanto, tomamos por base trabalhos sociolinguísticos realizados nas regiões Nordeste (HORA, 1990; SANTOS, 1996; SOUZA NETO, 2008; HENRIQUE; HORA, 2012; CRISTÓFARO SILVA et.al 2012;), Norte (GODINHO, 2012; SANCHES; NASCIMENTO, 2019), Sudeste (CARVALHO, 2002) e Sul (BISOL, 1991; DULTRA, 2007; BATTISTI; DORNELES FILHO, 2010). Nosso intuito é identificar os fatores que condicionam o fenômeno em estudo, bem como fornecer uma visão geral do fenômeno em análise.

2.1. Nordeste

2.1.1. DA HORA (1990)

Em 1990, Da Hora investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i], na cidade de Alagoinhas, na Bahia. Os dados que ele utilizou constituem-se de uma amostra de 70 falas espontâneas com informantes selecionados de maneira aleatória.

A fim de apurar o condicionamento dos fatores extralinguísticos no processo de palatalização diante de /t/ e /d/ em Alagoinhas, o autor analisou algumas variáveis específicas, entre elas: variável social estilo, faixa etária e sexo. Para a realização das análises, foi utilizado o programa Varb2000, que considerou todos os fatores sociais como estatisticamente relevantes.

A variável social foi dividida em classe social alta, média e baixa. Os resultados a partir das análises feitas pelo Varb2000 apontaram que a classe social alta e média favorecem o processo de palatalização de /t/ e /d/ com Peso Relativo (PR) de 0,56 e 0,55, respectivamente. A classe social baixa desfavorece o processo com PR de 0,37. Segundo o autor, a variante palatalizada disfruta de prestígio na região investigada.

O grupo de fatores estilo foi dividido em leitura de lista de palavras, leitura de frases, questões abertas e inquérito fonético. Os condicionantes à palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ foram o estilo formal de leitura, favorecendo a aplicação da regra de palatalização com PR de 0,55, ao passo que o estilo informal apresentou um PR de 0,45, sendo menos utilizado e desfavorecendo a regra, o que vem ratificar o valor de prestígio social dessas variantes palatalizadas em Alagoinhas.

No que tange ao grupo faixa etária de 15 a 25, 26 a 36, de 37 a 47 e mais de 48 anos, os resultados do grupo de 15 a 25 anos alcançaram números próximo ao ponto neutro PR 0,53, o que, para o autor, pode ser indício de que a despalatalização sinaliza uma possível instabilidade da variante de prestígio.

Em relação à variável sexo, os resultados obtidos mostraram que tanto o sexo masculino como o feminino não se mostraram condicionadores do processo de palatalização, uma vez que os pesos relativos ficaram próximos ao do ponto neutro, 0,50, mas o autor argumenta que as mulheres palatalizam mais do que os homens.

Além de o autor investigar o condicionamento que a variante sofre a partir de variáveis extralinguísticas, ele também analisa variáveis linguísticas a fim de identificar possíveis interferências. Os resultados da análise através do Varb2000 apontam como condicionantes do processo de palatalização as seguintes variáveis: contexto seguinte com a vogal alta /i/, contexto precedente, tonicidade, posição e sonoridade.

O contexto seguinte com a vogal alta /i/ condiciona de forma favorável à aplicação da regra da palatalização, com PR de 0,66. O contexto precedente, que mostra a nasalidade como palavras do tipo “**onde**”, favorece a palatalização, com PR de 0,66. No que tange a variável tonicidade, o clítico “**te**” e a pretônica inicial “**tijela**” favorecem o processo de palatalização com PR de 0,67.

Segundo Da Hora (1990), na variável posição, o fator início de palavra favorece à regra da palatalização, e, em relação à variável sonoridade, o fator surdo, como em palavras do tipo “tia”, é maior favorecedor da palatalização das oclusivas dentais.

De acordo com o trabalho de Da Hora (1990), a palatalização é um fenômeno recorrente na cidade de Alagoinhas. É um fenômeno utilizado com frequência por falantes de classes sociais alta e média, e entre os mais jovens. Mesmo que a variável sexo não tenha se mostrado favorecedora do processo de palatalização, o autor deixa indícios de que as mulheres utilizaram mais a variante palatalizada.

A forma da oclusiva não palatalizada é utilizada com maior frequência pelos falantes de classe baixa e menos utilizada pelos falantes de classe social alta, o que

indicia que a forma não palatalizada /t/ e /d/ sofrem de aparente estigma, enquanto a palatalização regressiva não apresenta nenhum tipo de estigma.

2.1.2. HENRIQUE; HORA (2012)

Henrique e Hora (2012), em João Pessoa-PB, realizam um estudo sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. O trabalho busca fazer uma análise sociolinguística sobre o fenômeno da palatalização tanto em contexto progressivo como em contexto regressivo, no entanto, analisar-se-á, nesta revisão de literatura, o contexto regressivo.

Os autores realizam duas análises separadamente. A análise da palatalização em contexto anterior a [i,y], como em palavras do tipo “pote” e “bode” e analisaram a palatalização em contextos não anteriores, como em “gosto, muito.”

Para a realização da pesquisa em João Pessoa, Henrique e Hora utilizaram o *corpus* do Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB) criado pelo professor Dermeval da Hora em 2005, composto por 36 entrevistas. Os autores utilizaram o programa computacional Goldvarb 3.0, que permitiu fazer um tratamento estatístico sobre como as variáveis influenciaram a palatalização.

Para a análise dos dados, os autores controlaram variáveis linguística e sociais. As variáveis sociais foram sexo (feminino e masculino), escolaridade (de nenhum ano, de 5 a 8 anos e mais de 11 anos de escolarização) e faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 49 anos).

Os grupos de fatores linguísticos foram contexto fonológico precedente (consoante coronal palatal, vogais ou líquidas ou consoantes nasais, glide em coda precedente e silêncio ou pausa), tonicidade (tônica, pretônica, postônica e monossílabo átono), número de sílabas (monossílabo, dissílabo e trissílabo ou polissílabo), categoria gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, preposição e outros), tipo de consoante (oclusiva dental surda e sonora) e estilo de palavra (casual e formal).

Os resultados em contexto anterior à vogal alta [i] ou glide totalizaram 2.088 ocorrências, sendo que somente 114 favoreceram a regra da palatalização, com percentual de apenas 10,48% do total. Os resultados obtidos quanto à variável sexo apontam que as mulheres favorecem a variante palatal, ultrapassando o ponto neutro

e chegando a 0,542 e frequência de 5,6%, já os homens, com um PR de 0,459 e frequência de realização de 5,3%, inibem o processo.

Em relação ao grupo de fator escolaridade, os resultados mostraram que os informantes com nenhuma escolarização se mostram favorecedores do processo de palatalização anterior a vogal alta *i*, com um PR de 0,586, embora a frequência de realização seja de 2,8%, o que dá indícios de que é um fator favorecedor quando há associação de outros fatores junto a ele, já que o PR é encontrado por meio de um cruzamento entre todas as variáveis analisadas. Os falantes entre 5 a 8 anos inibem a variante palatal, com PR de 0,437 e os falantes que ultrapassam 11 anos de escolarização estão próximos do ponto neutro com PR de 0,492, o que evidencia, para os autores que, na comunidade, o processo de palatalização tende a ser expandido.

O resultado obtido em relação à faixa etária não apresenta gradação de valores. Os indivíduos entre 15 e 25 anos inibem a regra da palatalização com PR de 0,410, enquanto os falantes de 26 a 49 anos favorecem o processo, com PR de 0,555 e 0,552, respectivamente.

Das variáveis linguísticas que foram investigadas, a que mais se sobressaiu foi o contexto fonológico precedente, pois marca o grau de influência mostrando que, em contexto de glide em coda precedente, há um favorecimento à realização da regra do processo de palatalização. Apesar de apresentar um PR bastante baixo, a frequência de palatalização, nesse contexto pós-coronal, é bastante alta, chegando a 56,4% de aplicação.

As vogais líquidas vêm em segundo plano em termos de porcentagem, com PR de 0,550, que indica esse contexto como favorecedor à regra. Não somente ele, mas o glide em coda precedente e o silêncio ou pausa também são apontados como favorecedores, apresentando, respectivamente, PR de 0,526 e 0,554.

Na variável tonicidade, a posição postônica obteve frequência de 7,9% de realização das palatoalveolares, mesmo assim, apresenta a posição postônica como inibidora do processo, com PR de 0,362. Já a frequência de palatalização em contextos monossílabos átonos é a menor dentre todas, mas favorece à regra do processo de palatalização, chegando ao PR de 0,642. Do mesmo modo, a posição pretônica apresenta uma frequência de palatalização se confrontada com o PR de 0,362. A posição tônica, contudo, apresenta uma boa frequência de aplicação e um PR de 0,643 que a evidencia favorável à regra.

No que tange a variável número de sílabas, os monossílabos apresentam-se favorecedores do processo de palatalização, com PR de 0,603, todavia as palavras com duas sílabas ou mais inibem o processo. Os resultados obtidos acerca da variável classe de palavras mostraram que a variante palatal é mais favorecida em classes de palavras como substantivos, com PR de 0,579.

As preposições também foram significativas à regra da palatalização, com um PR de 0,545. A classe de verbos alcançou um peso de 0,516, muito próximo ao ponto neutro. As outras classes de palavras como adjetivo, por exemplo, se mostraram inibidoras à regra da variante palatal.

Em relação à variável tipo de consoante, a oclusiva desvozeada inibe o processo, com 0,375 de PR, já a consoante vozeada apresenta PR de 0,602, favorecendo à regra da palatalização. No que tange à variável estilo, o contexto de informalidade embora tenha tido uma boa frequência de realização (6,4%) se mostrou inibidor do processo com a variante palatal, com PR de 0,401. Já em contextos de formalidade, o PR alcançou 0.651, mostrando-se favorecedor à regra.

O estudo realizado expõe a forma como a palatalização regressiva ocorre em João Pessoa-PB. A pesquisa mostra que embora as variáveis sociais sejam produtivas, na fala de indivíduos com mais de 11 anos, a variante ainda não é tão produtiva, embora as mulheres produzam com maior frequência essa variante palatal. Os autores ressaltam a necessidade de um *corpus* maior para poder caracterizar se a variante palatalizada goza de prestígio social em João Pessoa.

2.1.3. SANTOS (1996)

Em Alagoas o processo de palatalização regressiva não é um fenômeno muito estudado, um estudo com esse objeto foi feito por Santos (1996), que tentou dá conta da compreensão do processo de palatalização regressiva com uma comunidade específica de professoras e serviçais de uma escola. Embora seja um fenômeno que ocorre no português brasileiro de Alagoas, não há trabalhos recentes que deem conta desse fenômeno.

O trabalho de Santos (1996) objetivava analisar o processo de palatalização regressiva nas falas de mulheres maceioenses de classe social média (professoras) e classe social baixa (faxineiras) a fim de averiguar a produtividade desse fenômeno diante de outras vogais que não apenas o /i/. Para tanto, a autora selecionou 20

colaboradores, todas mulheres e funcionárias de uma mesma escola, sendo 10 professoras e 10 faxineiras com objetivo de observar se havia algum condicionamento social do falante nas escolhas das variantes de /t/ e /d/.

A autora observou que a palatalização em contexto de /d/ não obteve índices expressivos, sendo retirado da análise estatística, já em contexto de /t/ houve expressivos índices. Os resultados obtidos no trabalho realizado por ela mostraram que a variável social escolaridade não se mostrou diferenciadora no processo de palatalização em Maceió, visto que houve pouca distinção na regra de aplicação do fenômeno entre professora e faxineira, sendo pouco significativa.

As variáveis internas selecionadas como relevantes estatisticamente foram: contexto seguinte e precedente e tonicidade. Na variável contexto precedente, a palatalização ocorreu mais quando o /t/ esteve antecedido do glide [j], como palavras do tipo “feito” e “noite”, nesse mesmo grupo de fatores outro elemento favorável à regra foi o [i], como em palavras do tipo “sítio”. Já na variável contexto seguinte, o fator [i], como em “noite” foi o fator favorecedor da regra.

A variável tonicidade, também selecionada como significativa a regra da palatalização mostrou que o fator sílaba postônica final foi o favorecedor da regra, sendo que “noite” foi o que mais condicionou o processo de palatalização regressiva. Santos (1996) afirma que “o ambiente mais propício à palatalização é o da sílaba de menor intensidade, ou seja, aquele que a sílaba é produzida com uma menor força da corrente de ar, as sílabas átonas” (SANTOS, 1996, p. 59).

2.1.4. CRISTÓFARO SILVA *ET.AL* (2012)

Em Fortaleza – Ceará e nas cidades de Afonso Bezerra e Guamaré, no Rio Grande do Norte, Cristófaró Silva *et al.* (2012) realizaram um estudo contrastivo sobre o processo de palatalização regressiva. A escolha por amostras dessas variedades linguísticas teve como objetivo contrastar uma variedade tipicamente palatalizante (Ceará) com uma variedade tipicamente não palatalizante (Rio Grande do Norte).

Os informantes se dividiram entre duas faixas etárias: acima de 40 anos e abaixo de 30 anos; oito falantes foram entrevistados, quatro do sexo masculino e quatro do feminino. O nível de escolaridade dos informantes era metade com ensino médio completo, enquanto a outra metade tinha o superior completo. A coleta de

dados foi feita por meio de áudio, que foram analisados acusticamente pelo PRAAT e os testes estatísticos dos dados foram obtidos por meio do SSP.

Com intuito de perceber de que forma a palatalização está se dando na variedade do Rio Grande do Norte e, simultaneamente, avaliar o nível de imobilidade da palatalização na variedade do Ceará, os autores separaram conjuntos de palavras que foram mostrados em papéis para as pessoas entrevistadas visualizarem e produzi-las.

Os autores utilizaram modelos multirrepresentacionais, indicando que a unicidade de mudança é a palavra e não exatamente o som, para construção do *corpus*. Assim, os autores perceberam possíveis interações entre diferentes processos fonético-fonológicos, como epêntese, alofonia e outros.

Segundo Bybee (2001), as palavras são simbolizadas na mente e, toda vez que uma palavra é utilizada, a interpretação dela também sofre efeitos de regularidade. Portanto, eventos de mudança sonora com motivação fonética – do tipo de assimilação e redução – nesse sentido, quanto mais uma palavra é usada, maior a possibilidade de ela ser alterada. Ou seja, fenômenos que tenham instigação fonética repercute na interação do uso com que causa possíveis alterações linguísticas.

É baseado neste modelo multirrepresentacional que os autores alegam que a junção de africadas alveopalatais perpassa a reorganização de uso motores em padrões sonoros específicos, os quais socializam reestruturando o léxico mental. Por conseguinte, a palatalização de oclusivas alveolares espelha efetivação de várias rotinas motoras inovadoras que reorganizam as representações mentais.

Os autores incluem no trabalho algumas hipóteses para realização da palatalização das oclusivas alveolares e defendem que a variedade de Fortaleza é palatalizante e assim ocorrem seguidas de vogal alta [i], já em Afonso Guimarães, não é esperado encontrar africadas, mas oclusivas seguidas de [i], já que a variedade da cidade é tida como não palatalizante. Os dados mostram que, na variedade do Ceará, as africadas ocorrem em 100% dos casos analisados. Mas, na variedade do Rio Grande do Norte, foram percebidas 19% de itens léxicos com a variante africada.

O resultado obtido por Cristóvão Silva et.al (2012) supõe que a emergência de africadas alveopalatais perpassa a reorganização de rotinas motoras diversas, que estão ligadas a padrões sonoros específicos que interagem entre si, recompondo o léxico mental. Assim, esta perspectiva não tem caráter determinístico.

Os dados obtidos mostram ainda que o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares reúne encadeamentos complexos e ligados entre vários padrões sonoros. Deste modo, o detalhe fonético e a difusão de elementos lexicais são essenciais para a reorganização da gramática fonológica.

Os resultados apontam que além de uma clara distribuição diatópica da palatalização, a variação também é afetada pela natureza do item lexical, demonstrando que a característica fonética e os padrões de difusão lexical do fenômeno são cruciais para a reorganização da gramática fonológica.

2.1.5. SOUZA NETO (2008)

O estudo realizado por Souza Neto (2008), na cidade de Aracaju-SE, analisa a palatalização de [t] e [tʃ], [d] e [dʒ] em Sergipe, baseado na Teoria da Variação linguística de Labov (1976) e na Geometria de traços de Clements e Hume (1995). Os dados foram coletados nas falas de 36 aracajuanos distribuídos por faixa etária, sexo e renda familiar, que resultaram em 3.679 ocorrências linguísticas.

A análise dos dados se deu em duas etapas com a ajuda do sistema operacional Varbrul. As variantes analisadas foram: [t] e [tʃ], [d] e [dʒ]; já as variáveis independentes foram as seguintes: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, a tonicidade da sílaba; o sexo do falante, a faixa etária do falante e a classe de renda familiar.

Nas análises feitas pelo autor, ele considera como fator de análise, as variantes oclusivas [d] e [t] em oposição às formas palatalizadas [tʃ] e [dʒ]. A utilização da oclusiva simples [d] é favorecida pelos falantes pertencentes a um grupo de menor renda familiar, apresentando PR 0,71, o que indica, inversamente, que a variante palatalizada [dʒ] é mais utilizada pelos falantes com maior renda familiar.

Souza Neto (2008) também nota que há interferência da faixa etária do informante na produção da consoante “d”, havendo maior uso da forma oclusiva [d] pelos informantes mais velhos e sendo inibido pelos falantes mais jovens, com idade entre 8 a 21 anos. A variação, nesse grupo, resulta em um PR de apenas 0,11 para a realização do fonema oclusivo [d], indicando que, para os falantes dessa faixa etária, é mais produtiva a forma palataliza [dʒ].

Essa descrição de uso das formas palatalizadas ou oclusivas apontam para a valoração social da forma africada na cidade de Aracaju, uma vez que é mais produzida pelos falantes mais jovens e pelos falantes de maior renda familiar.

Nas análises relacionadas à variante [t], as variáveis investigadas foram as mesmas da análise feita em [d]. As variáveis estatisticamente significativas foram renda familiar, sexo e faixa etária. Os dados mostram que as mulheres são as que mais fazem uso da oclusiva [t], alcançando um PR de 0,61, enquanto os homens são os que mais usam a forma africada, com PR de 0,44, indicando que a palatalização, em contexto regressivo, é mais frequente entre os homens.

De acordo com a variável faixa etária, os dados mostram que o grupo da faixa etária 22 a 29 anos são os maiores favorecedores da oclusiva [t], obtendo um PR de 0,91; o grupo acima de 50 anos desfavorece o processo com um PR de 0,33, já os jovens alcançaram um PR de 0,15, inibindo o processo com a oclusiva. Segundo Souza Neto (2008), os grupos FE1 e FE3 são os que mais usam sistematicamente a variante palatalizada [tʃ].

O resultado acerca da variável renda familiar expõe que o grupo com renda familiar mais baixo (RF1) é o maior utilizador da oclusiva [t], com PR de 0,90, o grupo da RF2 alcança o PR de 0,56, um pouco acima do ponto neutro, já o grupo com renda mais alta desfavorece o uso da variante [t], o que indica que esse grupo opta pela variante palatalizada.

Os resultados apontam que a variante palatalizada pode ser uma variável inovadora, já que os jovens a utilizam e também o grupo de renda familiar mais alta. Segundo o autor, esses resultados podem indicar uma suave valoração da variante palatalizada.

2.2. Norte

2.2.1. GODINHO (2012)

Em 2012, Godinho investigou a variação das oclusivas alveolares no falar paraense e, para tanto, coletou dados a partir de questionário dialetológico, do processo de variação nas cidades de Altamira, Jacaeacanga, Almeirim, Óbidos, Soure, Belém, Bragança e Marabá.

A autora observou, inicialmente, como variável dependente, as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]; as oclusivas alveolares [t] e [d]; a africada alveolar surda [tʂ]; e a oclusiva palatalizada sonora [dʲ], constatando que não houve uma produtividade da africada alveolar surda e da oclusiva palatalizada sonora, sendo descartadas da análise estatística.

Ela considerou como variáveis independentes o contexto precedente à oclusiva, Contexto seguinte ao segmento alto, a Sonoridade da oclusiva, a tonicidade silábica, a atualidade do segmento alto, as classes gramaticais, a natureza do item lexical, além das variáveis sociais sexo, idade e localidade.

Godinho (2012) analisou 513 dados no Goldarvb X, que selecionou como estatisticamente significativas as variáveis: qualidade do segmento alto, localidade, contexto precedente, sonoridade e tonicidade.

A pesquisa revelou, quanto à qualidade do segmento alto, que a vogal derivada ([e] > [i]) é maior favorecedora do processo, com PR 0,57, atestando que há forte ligação entre a elevação vocálica e o processo de palatalização regressiva no Pará.

A localidade foi a única das variáveis externas selecionadas pelo estudo de Godinho (2012). Altamira, Almeirim e Jacareacanga tiveram comportamento linguístico categórico ou quase categórico, no sentido de favorecer o uso das variantes palatalizadas, sendo, portanto, excluídas do modelo analisado estatisticamente.

A análise apresenta os pesos relativos de 0,61 e 0,60 para as cidades de Óbidos e Soure, sugerindo que essas são as cidades que mais favorecem as formas palatalizadas das variantes. Em oposição, as cidades de Belém, Bragança e Marabá aparecem com pesos relativos de 0,47, 0,43 e 0,23, respectivamente, o que vem sugerir o desfavorecimento das variáveis palatalizadas.

Segundo a autora, não é possível afirmar que qualquer das cidades tenha comportamento inibidor do processo de palatalização, uma vez que os percentuais foram muito altos e variaram entre 80,3% e 93,6%. Ela explica que os pesos relativos são gerados a partir da média geral de uso, que, neste caso, é muito alto.

Por outro lado, Godinho (2012) não apresenta uma explicação para os diferentes usos linguísticos, estatisticamente perceptíveis, nas diferentes cidades investigadas no estado do Pará.

Em relação ao contexto precedente, a autora percebeu que ele pode influenciar a regra da palatalização, uma vez que espaço de vazio ou silêncio favoreceu a aplicação da regra variável, com PR 0,66, assim como as fricativas surdas [ʃ,s] com

0,56. As vogais altas revelaram-se neutras 0,54; por outro lado, as vogais não altas e as fricativas glotais [h,ɦ] atuaram como inibidoras do processo, com PR de 0,42 e 0,22, respectivamente.

A variável sonoridade é um grupo determinante em todas as pesquisas realizadas sobre o processo de palatalização de /t/ e /d/ em que a consoante surda se mostra favorecedora da regra. No estado do Pará, o mesmo acontece, a consoante surda se mostrou mais favorecedora à regra do que a consoante sonora, com pesos relativos de 0,59 e 0,41, respectivamente.

Godinho (2012) sugere que um dos motivos para que a consoante surda seja maior favorecedora do processo de palatalização do que a consoante sonora, possivelmente, seja a relação de constrição e maior força articulatória na sua produção, enquanto a consoante surda tem menor força articulatória e soância, o que restringe um pouco mais a regra da palatalização.

A variável linguística tonicidade foi a última a ser selecionada como estatisticamente relevante para o processo de palatalização das oclusivas alveolares nas cidades paraenses. Os resultados obtidos pela autora mostram que os índices numéricos chegaram muito próximos um dos outros, sendo o monossílabo átono com PR de 0,61 e a pretônica não inicial com PR de 0,58, ou seja, os que mais favorecem o processo de palatalização das oclusivas alveolares no Pará. A palatalização das oclusivas alveolares especialmente na forma africada é extremamente favorecida no estado do Pará. Segundo a autora, é um fenômeno semicategórico, estando ligada a fatores linguísticos e geográficos.

2.2.2. SANCHES; NASCIMENTO (2019)

Sanches e Nascimento (2019) realizaram um estudo com objetivo de mostrar como se dá a palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/, com base nos dados das Cartas Fonéticas do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Para realização do trabalho, os autores selecionaram como *corpus* dados linguísticos de algumas cidades do Amapá: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jarí, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Tartarugalzinho, Amapá, Calçoene e Oiapoque.

O trabalho investiga como a palatalização da consoante alveolar /d/ diante das vogais /i/ e /e/ se comporta diatópica e diastraticamente (sexo e faixa etária). De cada localidade, foram entrevistados 40 informantes, do sexo feminino e masculino,

separados em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 75 anos. Para se alcançar os resultados, os autores usaram como auxílio os softwares Excel e Word, onde foram feitas as tabelas e as contagens das ocorrências do fenômeno da palatalização.

Os resultados obtidos mostram que, segundo a variação diatópica, a variante palatalizada é bastante recorrente em todas as localidades analisadas. Em Laranjal do Jarí, no extremo sul do estado, a palatalização de /d/ alcança 100% de frequência, assim como em Calçoene, região mais ao norte do estado. Nas localidades de Tartarugalzinho e Oiapoque, o nível de frequência da variante palatalizada foi de 94%; em Macapá, Pedra Branca do Amapari, Porto Pedra Branca do Amapari, Porto Grande e Amapá, 87%; em Santana com 83%; e em Mazagão com 75%.

No que tange à variável sexo, a palatalização de /d/ alcança um nível de porcentagem de 87% na fala dos informantes do sexo masculino e 91% na fala do sexo feminino. Ambos os sexos favoreceram o uso da variante palatalizada, não havendo distinção do sexo para o uso do fenômeno.

Em relação à faixa etária, a realização de variante palatalizada de /d/ obteve um percentual de 89% na fala dos informantes de 18 a 30 anos; na fala dos informantes de 50 a 75, o percentual foi de 90%. Os resultados evidenciam uma proximidade grande, mostrando-nos que a palatalização de /d/ também não é afetada pela a variável faixa etária, uma vez que foi utilizada com grande frequência pelas duas faixas etárias.

Os resultados do trabalho apontam que embora ocorra o uso da oclusiva /d/ pelos falantes, a variante africada [dʒ] goza de prestígio social, uma vez que, segundo os autores, sempre que a consoante oclusiva alveolar /d/ foi inserida diante de /i/ e /e/, essa assumiu a posição de uma alveopalatal [dʒ], sendo mais usada pelos informantes. De modo geral, no que tange o contexto social no falar amapaense, esse fenômeno da palatalização não é influenciado nem pela idade nem pelo fator sexo.

2.3. Sudeste

2.3.1. CARVALHO (2002)

Carvalho (2002) ao pesquisar o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na região Sudeste do país, mais precisamente nas regiões Norte e

Noroeste do estado do Rio de Janeiro com falantes de comunidades pesqueiras. Para tanto, o autor utilizou um *corpus* composto de 76 entrevistas sonoras do projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro).

O trabalho investigou as variáveis externas idade, dividida em três faixas etárias, a saber: 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e acima de 56 anos; e a variável área geográfica, que foi dividida pelo autor como interior [+rural], litoral [+rural].

Além das variáveis sociais analisadas, Carvalho (2002) investigou as variáveis linguísticas vozeamento da oclusiva, contexto precedente, contexto seguinte (subjacente ou não subjacente), tamanho do vocábulo, natureza da sílaba, intensidade, posição da sílaba, natureza do segmento subsequente quanto à nasalidade e classe do vocábulo

Para a obtenção da análise estatística, foi usado o programa computacional Varb2000, que selecionou as variáveis sociais como significativas, mostrando que o processo de palatalização das oclusivas dentais tende a ser mais condicionado pelos fatores interior [+rural] e informantes da faixa etária entre 18 a 35 anos.

Em relação às variáveis linguísticas, foram selecionadas como significativas o fator sonoridade em que o elemento [-voz] favoreceu a palatalização da oclusiva. Na variável contexto precedente, os fatores favorecedores foram a presença da fricativa palatal [j], as fricativas velares, [ɣ] e [χ] e a vogal alta posterior [u].

Em relação à variável contexto seguinte, o segmento [i], como em formas do tipo “dinheiro”, foi o que mais condicionou a aplicação da regra. Em relação à variável natureza da sílaba, o fator sílaba aberta em palavras como “gente” apareceu como um comportamento quase neutro em relação à regra da variante.

Quanto à extensão do vocábulo, o fator até duas sílabas, como “gente” e “pente”, foi o que mais motivou o processo. Na variável tonicidade, o fator sílaba tônica em posição medial, como vocábulos do tipo “ventinho”, são os que mais favoreceram o processo da palatalização.

Desse modo, Carvalho (2002) conclui que, nas regiões Norte-Nordeste do Rio de Janeiro, a palatalização regressiva é mais produtiva entre os falantes jovens das áreas rurais do interior. Os contextos linguísticos mais favorecedores da aplicação da regra são o traço [+alto] em contexto antecedente, seguido pelo desvozeamento da consoante oclusiva, do segmento subjacente /i/, as palavras com até duas sílabas, as sílabas tônicas e as tônicas médias.

2.4. Sul

2.4.1. BISOL (1991)

No português falado no Rio Grande do Sul, Bisol (1991) pesquisou o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ seguidas de [i] utilizando como *corpus* para pesquisa uma amostra de falas com 15 informantes de Porto Alegre, 15 falantes da região de fronteira com o Uruguai, 15 falantes bilíngues de colônia alemã e 15 bilíngues de colônia italiana. Os falantes que constituíram a amostra tinham educação primária, com exceção os da capital que eram universitários.

Com objetivo de averiguar os fatores que condicionam o processo de palatalização regressiva, a autora selecionou como variáveis extralinguísticas o grupo étnico e a idade do falante e como variáveis linguísticas: sílaba, acento, contexto anterior, contexto seguinte e juntura.

Com relação às variáveis controladas pela a autora, os resultados obtidos demonstram que os informantes mais jovens fazem uso da aplicação da regra da palatalização de /t/ e /d/ mais do que os mais velhos, com exceção dos metropolitanos.

De acordo com a análise, em relação à variável posição, o contexto de realização da consoante oclusiva em posição final foi o contexto que mais condicionou a palatalização das oclusivas dentais, como em palavras do tipo “dente” e “pente”.

No que diz respeito à variável acento, houve favorecimento do processo de palatalização nos grupos metropolitano e fronteiriço em posição da sílaba tônica “ar[tʃi]go”. Por outro lado, nos grupos étnicos das colônias alemã e italiana, o fenômeno teve maior aplicação nas posições mais fracas, como em palavras “paren[tʃi]”.

A palatalização que converte uma oclusiva dental em uma africada palatal é um caso típico de aumento das propriedades fonéticas que se aplica de preferência em posições fortes, de acordo com os princípios que regulam os processos de reforço (BISOL, 1991, p. 117).

No que tange à variável contexto precedente, o contexto vibrante, como em palavras do tipo “arte”, foi o que mais contribuiu à regra da palatalização, na metrópole e nos municípios de colonização italiana. Na região fronteiriça e na região de colonização alemã, ainda em relação à variável contexto precedente, o fator vogal

posterior como em “botica”, e lateral no caso de “altivo” foram os que contribuíram à regra da palatalização.

Quanto ao grupo de fatores juntura, ou seja, a posição da oclusiva na palavra, a borda direita, como em “pente”, foi o que mais favoreceu a regra da palatalização regressiva em todas as quatro regiões. Em relação à variável contexto seguinte, os fatores lateral e palatal nasal foram os que mais contribuíram à palatalização das oclusivas dentais.

A autora conclui que o fenômeno da palatalização regressiva ocorre quase que categoricamente na região metropolitana. A palatalização regressiva apresenta-se, segundo Bisol (1991), como uma variável inovadora nas demais regiões analisadas.

2.4.2. DUTRA (2007)

Em 2007, Dutra realizou um estudo sobre as oclusivas dentais seguidas de [i] e de [j] na cidade de Chuí, Rio Grande do Sul, contrastando esse fenômeno com fatores linguístico e sociais. Para a realização da pesquisa, o autor utilizou como *corpus* para o estudo, as falas de 24 informantes bilíngues do Projeto BDS-Pampa.

No trabalho de Dutra (2007), a amostra dos dados se deu de forma aleatória estratificada. A variável dependente analisada foi a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal [i] e da semivogal [j] na cidade de Chuí.

As variáveis independentes analisadas foram compostas por grupos linguísticos e sociais. Em relação às variáveis sociais, foram analisadas sexo – feminino e masculino; faixa etária – de 16-25 anos, 26-49 anos e acima de 50 anos; a variável escolaridade, distribuída em nível fundamental e médio e a variável atividade profissional dividida entre estudante, professor, comerciantes, prestador de serviços, doméstica, aposentados, funcionário público e não informada.

As variáveis linguísticas analisadas na pesquisa foram: contexto precedente – fatores que antecedem a oclusiva dental: dental [s]: “nordestino”, dental [z]: “desde”, tepe [r]: “verde”, dental [l]: “Coltinho”, vogal [ã]: “antes”, vogal [a]: “adiantar”, vogal [u]: “virtude”, vogal [ũ]: “um dia”, vogal [o]: “idiotice”, vogal [ɔ] “código”, vogal [i]: “idiota”, vogal [ĩ]: “índio”, vogal [e]: “dedico”, vogal [ɛ]: “é divertido”, vogal [ê]: “entidade”, ditongo nasal [ã] “também dizia”, glide [w]: “vou de dia”, glide nasal [w] “são de São Paulo”, glidae [j]: “leite”, vazio: “tio”;

A *localização do contexto precedente*, elementos que antecedem as oclusivas dentais no mesmo vocábulo como em “estilo”; em vocábulo distinto como em “deu dinheiro”, não se aplica em palavras do tipo “tive” e o clítico “é **de** discutir”; *contexto seguinte*, qualquer elemento fonético ou ambiente vazio que segue a vogal [i] ou o glide palatal [j]; a variável *tonicidade* dividida em – pretônica inicial “**dizer**”; e não-inicial “particular”; pretônica clítico “**de** noite”; tônica “**tinha**”; postônica final “cidade” e postônica não final “reumática”; *vozeamento* – vozeada: “vontade”; e desvozeada: “noite”; e a variável *tipo de vogal alta* – vogal alta não derivada “[tʃi]jolo” e vogal alta derivada “gen[tʃi]”.

Para obtenção dos resultados, foi feita a análise no programa Varb2000. Os resultados mostraram que as variantes oclusivas [t] e [d] foram as mais utilizadas nas falas de informantes com 73% das ocorrências. As africadas palato-alveolares [tʃ], [dʒ] alcançaram somente 26% de ocorrência nas falas dos informantes. Já a forma africada alveolar desvozeada [ts] foi a menos expressiva na realização da fala dos informantes de Chuí, com uma porcentagem de 0,06%, mostrando-nos que é uma variante que não está em processo de evolução na cidade de Chuí.

Os resultados indicam que embora a variante palatalizada [tʃ], [dʒ] tenha alcançado um índice de apenas 26%, é uma variante que está aparentemente em expansão, uma vez que está sendo utilizada por jovens. A variante mais utilizada foram as oclusivas dentais, mostrando uma forma mais conservadora, sendo utilizada com maior frequência por grupos de faixa etária mais velhos e o grupo intermediário.

De acordo com as variáveis linguísticas, o programa selecionou como variáveis estatisticamente significativas, contexto precedente – em que o resultado mostrou que o maior índice de palatalização de [t, d] ocorreu quando as oclusivas estavam antecidas de ditongo crescente [ɛj], seguidos pelos fatores vogal nasal central [ã], vogal média baixa [ɛ] e vogais e glides posteriores [u, õ, ã, ê, ĩ, w] e com PR entre 0,74 e 0,57.

Quanto à variável tipo de vogal alta, o resultado mostrou que o fator que mais favoreceu a regra da palatalização foi o fator vogal derivada com PR 0,56. Por outro lado, a vogal não derivada não favoreceu à regra, com PR 0,45 e a semivogal obteve um PR neutro de 0,50, ou seja, no trabalho de Dutra (2007), o fator vogal não-subjacente [i] derivada da vogal [e] foi mais favorável à palatalização de /t, d/ na cidade de Chuí no Rio Grande do Sul.

Em relação à variável tonicidade, os grupos que mais favoreceram a regra

foram: sílabas pretônica-inicial com PR 0,61 e a sílaba tônica com 0,57. Já de acordo com a variável contexto seguinte, os fatores que mais influenciaram a regra da palatalização foram os grupos [g, ʃ, x, tʃ], dʒ, [f] e vazio, com PR 0,64, 0,62 e 0,62, respectivamente. Por fim, os resultados acerca da variável sonoridade, mostraram que o fator não vozeado /t/ foi o que favoreceu a regra da palatalização, com PR 0,58.

Acerca das variáveis extralinguísticas, todas as variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes à regra da palatalização. Os resultados revelaram que, de acordo com a variável escolaridade, os falantes com Ensino Fundamental foram os que mais favoreceram a produção da variante palatalizada, com PR 0,78.

A respeito da variável sexo, os informantes do sexo masculino favoreceram a regra, apresentando PR 0,72. No que tange à variável faixa etária, em relação à palatalização de /t/ e /d/, o grupo que mais favoreceu a regra da variante foi o grupo dos jovens com PR 0,89, o que mostra que o processo de palatalização é um fenômeno que tende a progredir na região de Chuí no Rio Grande do Sul.

No que concerne à variável atividade profissional, os grupos que favoreceram a regra da palatalização são estudantes, comerciantes e o grupo com atividade profissional não informada, com valores respectivos de 0,98, 0,96 e 0,88.

Embora haja a produção da palatalização das fricativas palato-alveolares na cidade de Chuí, os dados evidenciam que essa variante não demonstra gozar de prestígio social, embora caiba ressaltar que esse fenômeno indica estar em processo de desenvolvimento, uma vez que os falantes mais jovens e de faixa etária intermediária que estão inseridos no mercado de trabalho, tendem a utilizar a variante com mais frequência.

2.4.3. BATTISTI; DORNELES FILHO (2010)

Na cidade de Antônio Prado-RS, Battisti e Dorneles Filho (2010) analisaram a palatalização das oclusivas alveolares “tia-tʃia” e “dia-dʒia”, utilizando o banco de dados de fala da Serra Gaúcha, com falas de 48 informantes do sexo feminino e masculino, com 4 distintas faixas etárias – 15 a 29; 30 a 49; 50 a 69; e acima de 70 anos de falantes que habitam a Zona Urbana e Zona Rural de Antônio Prado.

Os autores utilizaram o Goldvarb 2001, a fim de realizar a análise estatística dos dados. Eles selecionaram três variáveis sociais – gênero, idade e local de residência e cinco variáveis linguísticas – contexto fonológico precedente e seguinte,

status da vogal, tonicidade da sílaba e qualidade da consoante-alvo.

O programa selecionou como estatisticamente significativas ao processo de palatalização de /t/ e /d/ a variável *status* da vogal, que apresentou um PR 0,89 com a vogal alta não derivada /i/, condicionando o processo de palatalização; e a variável qualidade da consoante alvo, em que a consoante desvozeada /t/ condiciona à regra da variante palatalizada, apresentando um PR de 0,55.

Outras variáveis que também mostraram condicionamento da variante palatalizada foram as variáveis idade e local de residência. De acordo com os resultados acerca da variável idade, os fatores de 15 a 29 anos e de 30 a 49 anos de idade favoreceram a regra da palatalização das oclusivas dentais, com pesos de 0,76 e 0,75 respectivamente. Já a variável local de residência mostrou que os falantes que residiam a região urbana condicionam o processo, com PR de 0,61.

Segundo os autores, não é possível afirmar que a palatalização esteja em progresso em Antônio Prado, pois existem indícios de tendência à estabilização da regra variável, já que observam que, durante a pesquisa crítica de ideologia em Antônio Prado, existe um processo de transição em relação ao moderno e o tradicional, de modo que o tradicional tende a ser mais preservado, logo, isso vai de encontro com progresso da variante inovadora palatalizada.

A revisão de literatura feita aqui explana um quadro geral da palatalização regressiva no país e, sobretudo, norteia a compreensão de como esse fenômeno ocorre nas diversas regiões e suas particularidades em relação a cada comunidade de fala investigada, auxiliando em possíveis direcionamentos.

3. APORTE TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentadas as bases teóricas desta pesquisa. Para tanto, apresentam-se os pressupostos teóricos básicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008)², a saber, variação e mudança linguística, valor linguístico e comunidade de fala, bem como a teoria de traços fonológicos para compreender como atuam os segmentos linguísticos envolvidos no processo que permitem a ocorrência da palatalização regressiva das oclusivas alveolares. Para isso, é feita uma representação arbórea do processo de palatalização regressiva baseada na teoria de Clements e Hume (1995).

3.1. Sociolinguística Variacionista

Desde Saussure (1916), surgem vários pesquisadores como Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste, Roman Jakobson, Antoine Meillet e Marcel Cohen, entre outros, interessados em preencher uma importante lacuna teórica deixada pelo mestre genebrino, que é dar conta do falante enquanto sujeito portador de uma língua. Apesar de Saussure considerar a língua como social, a sua definição de social é apenas conceitual, importando-se com os aspectos estáveis e homogêneos da língua e não com a complexa sociabilidade que envolve o falante.

Diversas tentativas científicas de abordar essas questões sociais da língua se deram em todo o mundo com diversos estudiosos desde o século XIX. Porém, é somente a partir dos anos 1960, nos EUA, que se realizam estudos sociolinguísticos com o propósito de explicar “a covariação sistemática das variações linguística e social” (BRIGHT, 1974, p. 17).

Uriel Weinreich, filho do dialetólogo alemão Max Weinreich e orientando do francês André Martinet, junto com seus alunos Marvin Herzog e William Labov, teve uma particular preocupação com os aspectos de variação e mudança linguísticas, sendo o primeiro a propor uma análise quantitativa de fenômenos linguísticos variacionais relacionando-os com aspectos sociais da comunidade, dando origem à Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

² Essas obras foram publicadas pela primeira vez em 1968 e 1972, respectivamente.

A sociolinguística nasce, portanto, sob fortes aspectos interdisciplinares que relacionam a sociologia e a dialetologia, entre outras áreas, aos fenômenos linguísticos de variação e mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), levando em consideração os estudos históricos da língua e recebendo forte influência da dialetologia, marcam o ponto de partida da Sociolinguística Variacionista e apontam como alguns fatores externos à língua podem condicionar a variação linguística.

A Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa está relacionada ao processo de variação e mudança decorrente de uma dada língua e surge com o objetivo de explicar a simultaneidade linguística. Para tanto, utiliza modelos matemáticos, apresentando resultados estatísticos, que levam em conta a correlação entre os aspectos extralinguísticos da comunidade em que o indivíduo está inserido e suas possíveis escolhas linguísticas.

Labov (2008 [1972]) foge da concepção de língua homogênea, centrada no indivíduo, pois, segundo ele, a língua é heterogênea e social, não pode ser desvinculada da sociedade e de situações reais de uso, podendo sofrer alterações no decorrer do tempo. “A língua não é, de modo algum, homogênea, mas heterogênea: a heterogeneidade da língua é normal, comum, ela é resultado natural de fatores linguísticos fundamentais”. (LABOV, 2008 [1972], p. 238).

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. (LABOV, 2008 [1972], p.238).

A concepção de língua adotada considera aspectos externos, como social, geográfico e outros. Para o autor, a língua não é tida como algo estável e inalterável, não sendo propriedade do indivíduo, mas da comunidade. A língua é sobretudo um instrumento utilizado para se comunicar. “Afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação” (TARALLO, 1994, p. 25). A partir da Sociolinguística, o evento da fala passou também a ser objeto de estudo, a relação entre língua e sociedade não mais ficou desassociada.

A sociolinguística só podia se construir de modo coerente pela recusa da cisão instituída pelo o estruturalismo entre um “instrumento de comunicação”, a língua e suas condições de realização. A solução que propusemos consiste em inverter a abordagem do problema e em dizer que o objeto de estudo da

linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico (CALVET, 2002.p.158).

Segundo Dutra (1990), os estudiosos variacionistas partem do pressuposto de que as línguas são naturais, heterogêneas e dinâmicas, portanto estão sujeitas a variações e mudanças. Desse modo, o ponto de partida para analisar a língua, por um viés sociolinguístico, implica levar em consideração as interações verbais dos falantes em âmbito de reais intercomunicações.

3.1.1. VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) procura dar conta da variação e da mudança inerente à língua, abandonando a ideia de língua abstrata e focalizando na percepção de língua heterogênea. A teoria considera que todas as línguas são extensões de gerações anteriores, e, como todo legado social e cultural, são afetadas por fatores políticos, econômicos e sociais, embora as possíveis mudanças linguísticas sejam mais facilmente percebidas apenas no plano diacrônico.

A forma de tratamento “Vossa Senhoria”, por exemplo, que em meados do século XV se referia apenas à figura do Rei, tempo depois – século XVI – passou a ser usada para se referir a bispos, condes, marqueses e outros. Conforme os valores sociais foram se alterando, essa forma linguística também sofreu modificações, não apenas sendo usada em relação a outras figuras de respeito, além personagens políticos e religiosos, como a própria materialidade fonética sofre interferências, sendo reduzida, no decorrer desse tempo a “você”.

A Teoria da Variação e Mudança linguística "parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível" (MOLLICA, 2004, p. 10). As variações inerentes às línguas ocorrem sincronicamente numa comunidade de fala e são ligadas a inúmeros fatores externos – tanto sociais, quanto diatópicos – sendo, geralmente, esses fatores, os responsáveis pela atribuição valorativa que determinam a expansão ou inibição das formas linguísticas.

É importante destacar que os tipos de variações são vastos e que cada um pode ou não contribuir para o favorecimento de mudança e variação na língua. A

variação diatópica está estritamente associada às diferenças linguísticas em um espaço físico, de modo que, dependendo de cada espaço geográfico, o falante pode se comunicar por meio de distintas formas linguísticas, seja com variações no plano lexical, como “mandioca” – usada por sulistas e sudestinos e “macaxeira” por nordestinos; seja no plano fonético, como o “R” retroflexo usado no Sudeste [‘pɔɫ.tə] e o “R” não-retroflexo usado no Nordeste [‘poh.tə], entre outros níveis.

Além da variação diatópica, existem vários outros tipos de variação, cabendo destacar, neste trabalho, além da variação diatópica, a variação diagenérica e a variação diastrática. A variação diastrática ou social está, sobretudo, concatenada à identidade social e os principais fatores que contribuem para a mudança social, como nível socioeconômico do indivíduo, classe, idade, escolaridade, profissão, sexo.

O fator socioeconômico é abordado em trabalhos sobre variação e mudança e continuamente tem apresentado índices distintos a depender do nível econômico do falante. Nos estudos de Labov (2008), da estratificação social do [r] nas lojas de departamento na Cidade de Nova York, por exemplo, é observável como os menos privilegiados tendem a fazer mais uso das variantes tidas como não-padrão, e, de maneira oposta, os mais privilegiados tendem a optar por variantes padrões. Segundo Labov (2008 [1972], p. 68), “os mecanismos usuais da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em status ou prestígio por acordo geral”.

A variável idade é um componente importante em pesquisas sociolinguísticas, uma vez que, por meio dessa variável, é possível aferir mudança linguística em tempo aparente, ou seja, é possível prever se há mudança em curso ou variação estável.

As diferenças através das gerações de falantes são interpretadas como evidência de mudança da língua de acordo com a hipótese de tempo aparente. Este princípio justifica que as pessoas de idades diferentes podem ser tomadas como representantes de momentos diferentes. Assim, a fala de um alguém de 75 anos de idade de hoje representa a fala de um período mais anterior do que a fala de alguém de um período de 50 ou de 25 anos atrás. Comparando esses três falantes sincronicamente, o pesquisador pode realizar inferências diacrônicas sobre os acontecimentos linguísticos nos últimos 50 ou mais anos³. (MILROY; GORDON, 2003, p. 35).

³No original: Differences across generations of speakers are interpreted as evidence of language change in accordance with the apparent time hypothesis. This principle maintains that people of different ages can be taken as representative of different times. Thus, the speech of a 75-year-old of today represents the speech of an earlier period than does the speech of a 50-year-old or a 25-year-old. Comparing these three speakers synchronically allows the researcher to draw diachronic inferences about developments over the last 50 or so years.

Segundo Oliveira (2006. p.129), o fator idade “trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se trata de variação estável ou de mudança em curso”. Trabalhos na área da sociolinguística trazem resultados que esboçam que quando os jovens optam por variantes inovadoras, o fenômeno tende a ser visto como uma mudança em curso.

No que concerne à variável sexo/gênero, tem-se observado que esse fator é significativo em pesquisas variacionistas, sobretudo quando considerado junto a outras variáveis, como idade, por exemplo. Homens e mulheres têm comportamentos linguísticos diferentes a depender da variante que está sendo utilizada. “Os homens usam mais as formas não padrão, menos influenciados pelo estigma social dirigido contra elas; ou, inversamente, as mulheres usam mais as formas padrões, respondendo ao prestígio evidente associada com elas⁴” (LABOV, 1991, p. 210). A mulher tem demonstrado, em trabalhos variacionistas, ser mais sensível ao utilizar a língua, enquanto o homem tende a não ser tanto.

Assim sendo, para descobrir se um fenômeno sofre alterações de ordem linguística ou social, os estudiosos fazem uso de variáveis internas e externas contrapondo-as a fim de descobrir se há uma variação ou mudança linguística.

A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular de um dado grupo da comunidade de fala toma uma direção e assume caráter de uma diferenciação ordenada. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968], p. 125).

Por meio de variáveis sociais e linguísticas, estudiosos variacionistas buscam mensurar se variantes linguísticas em uma dada comunidade, como por exemplo a palatalização de /t/ e /d/, apresentam um comportamento linguístico estável ou caminha para um processo de mudança. É o que é feito nesta pesquisa, que busca entender se a palatalização das oclusivas alveolares encontra-se em processo de mudança ou se tende a cair em desuso na fala alagoana.

⁴ No original: Men use more nonstandard forms, less influenced by the social stigma directed against them; or, conversely, women use more standard forms, responding to the overt prestige associated with them.

3.1.2. MARCADORES, INDICADORES E ESTEREÓTIPOS

Para que uma variante caia em desuso ou progrida em uma sociedade, são levadas em considerações algumas características da variação, afinal “nenhuma mudança acontece no vácuo social” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Para cada forma linguística variante, o falante pode apresentar valor social distinto, podendo ser um valor neutro, estigmatizado ou de prestígio. A respeito desses valores atribuídos a uma variante, seja de forma consciente ou inconsciente, Labov (2008) propõe três categorias de significação social: estereótipos, marcadores e indicadores.

A língua é dotada de constantes variações, essas variações sobretudo não ocorrem por mero acaso, mas, são frutos de traços linguísticos utilizados em uma comunidade de fala, isso porque o falante que pertence a uma comunidade escolhe por se inserir nela pelo fato de se identificar com traços linguísticos-sociais que, naquele âmbito, é produzido, mesmo que a identificação seja inconsciente ou não, há uma escolha por parte do indivíduo e essa escolha pode ser tida como indicador, não apresentando nenhum valor social negativo ou positivo.

Indicadores são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. A fusão de hock e hawk e a extensão de anymore podem ser tomadas como casos exemplares. (LABOV, 2008 [1972], p. 360) (itálico do autor)

Ainda de acordo com Labov (2008), embora haja traços linguísticos que, na língua de uma sociedade, sejam tidos como indicadores e não padeçam de marcas sociais, existem os marcadores e os estereótipos, que não compartilham da mesma carga de valor semântico/social dos traços tidos como indicadores.

“Marcadores como (eh) ou (r), por sua vez, exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social. Embora possam estar abaixo do nível de consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação objetiva”, (LABOV, 2008 [1972], p.360,). A esses traços linguísticos tidos como marcadores na língua, decai um valor estilístico de prestígio e mesmo que de forma consciente ou inconsciente a comunidade percebe o quão é “positivo” esse traço.

Por conseguinte, o traço estereotipado sofre pressões negativas. “Estereótipos são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela

sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 360). Esse traço linguístico é puramente evitado pelos mais escolarizados por decair sobre ele estigmatizações sociais. Labov (2008 [1972], p.360), argumenta que “um estereótipo social é um fato social, parte do conhecimento geral dos membros adultos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos”.

Entendendo-se que a língua comporta esses traços definidos por Labov (2008 [1972]) e sabendo que a variação na língua pode ganhar esses traços de acordo com a sociedade a qual o falante se insere, busca-se, neste trabalho, investigar indiretamente, através dos fatores condicionantes, se o processo de palatalização regressiva em Alagoas é do tipo marcador, indicador ou estereótipo.

3.1.3. COMUNIDADE DE FALA

Os estudos quantitativos da variação linguística passaram a ser objeto de investigação de forma clara e objetiva com Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), que desenvolveram um conjunto de pesquisas sobre as mudanças linguísticas e constataram que, na língua, diferentemente do que Saussure propunha, há uma cadeia de variações instáveis e heterogêneas, que encontram estabilidade e homogeneidade na Comunidade de Fala.

Numa comunidade de fala, a língua constitui-se pela complexa relação entre seus elementos a partir da reconstituição de estágios anteriores e da combinação de formas do passado com novas formas, condicionadas às dimensões sociais e espaciais. Uma investigação que se propõe a identificar e a descrever as diferenças de uma língua deverá atentar para as suas dimensões externas e internas e considerá-las em sua complexidade, dinamicidade e integração. (BUSSE, 2012, p. 91).

Embora não seja amena a definição de Comunidade de Fala e podendo haver diferentes leituras para o termo, como os defendidos por Hudson (1996) e Pagotto (2004), acata-se, neste trabalho, a definição de que “comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 1972 [2008], p. 150). Isso significa que os falantes de uma comunidade não necessariamente devem falar igualmente um determinado elemento linguístico, mas eles precisam compartilhar as mesmas avaliações sociais da língua. Severo (2008) afirma:

A comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: (i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; (ii) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; e (iii) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. SEVERO, 2008, p. 02)

As pesquisas com Comunidades de Fala que seguem a orientação variacionista consideraram os indivíduos de modo estratificado, através de categorias sociais (sexo, idade, profissão, escolaridade, etc.). Dessa forma, se estabelece a identidade de uma comunidade de fala, bem como do falante que nela está conscientemente inserido. Aliás, reconhece-se que, em nível de aquisição de linguagem, há uma inconsciência por parte do falante que não escolhe por se inserir em uma língua ou qualquer uma de suas variações, mas defende que este falante tenha consciência da comunidade de fala a qual participa e de seu prestígio social.

O prestígio social é conferido às comunidades de fala por um valor positivo ou negativo. À variante de um grupo social alto lhe é atribuída um valor positivo. Todas as outras variantes que se opõem recebem um valor negativo e o falante tem consciência desse prestígio que foi atribuído à sua comunidade de fala. “Crer que há um modo prestigioso de falar a própria língua implica, quando alguém pensa não possuir esse modo de falar, tentar adquiri-lo” (CALVET, 2009, p.77). É dessa forma que se constitui o preconceito social que se manifesta a partir dos usos linguísticos.

Se os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária, e Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás. Aqui, o que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. [...] De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequências sobre os comportamentos linguísticos. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2009, p. 69)

Tome-se como exemplo, a alta centralização dos ditongos [ay] e [aw] na fala dos moradores nativos da ilha de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), que conservavam os valores e a identidade nativa, em resistência aos veranistas que apresentavam baixas centralizações desses ditongos em suas falas. Ou quanto ao uso do [r] pós-vocálico dos empregados de lojas nova-iorquinas; nas lojas de alto padrão (voltadas para o público de média e alta), os empregados fizeram mais uso do

[r] – forma padrão de prestígio – que os empregados das lojas voltadas para um público de classe baixa. Os empregados das lojas de alto padrão não reivindicam aumento salarial em nome desse prestígio que a loja podia proporcioná-los.

As falas prestigiadas, como todas as manifestações culturais, são, geralmente, as que pertencem a uma classe social privilegiada porque trazem em suas realizações esses traços sociais de valor. Para averiguar isso, Labov (2008 [1972]) elabora um pequeno texto, com cinco parágrafos, contendo em cada parágrafo uma das formas variantes, e pede aos seus informantes que leiam enquanto grava as leituras. Em seguida, pede aos demais entrevistados que escutem as gravações e classifiquem as falas como de possíveis membros de uma classe trabalhadora.

O resultado alcançado mostra que, ao pronunciar a leitura do primeiro parágrafo, que não continha nenhuma das formas variantes, a fala era tida como de um membro de classe trabalhadora privilegiada. Quando a fala desse mesmo indivíduo era analisada em outro parágrafo que continha formas variantes, ele era tido como membro de uma classe trabalhadora inferior. Quando eram questionados por que suas gravações tinham perdido posições, poucos conseguiam identificar a variável não prestigiada que haviam pronunciado.

Cada comunidade de fala tem reconhecido seu prestígio social através do valor linguístico que lhe é atribuído. Dessa forma, a identidade do grupo social lhe é firmada, bem como do indivíduo que nela está inserido. Em grande medida, as escolhas linguísticas dos indivíduos se vinculam ao processo identificatório destes, uma vez que atos linguísticos são atos de identidade.

Nessa perspectiva, a sociolinguística visa correlacionar as variações linguísticas em seus níveis de privilégio aos aspectos sociais dos falantes. Fatos linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) foram contrapostos a fatos sociais (classe, sexo, identidade e idade) para mostrar que o prestígio que acompanha os fatos sociais se manifesta nos fatos linguísticos.

Parece possível falar em um certo determinismo linguístico, uma vez que usos linguísticos de uma mesma gramática funcionariam como identificadores de uma mesma comunidade de fala, ao passo que usos de gramáticas diferentes apontariam para diferentes comunidades de fala. Em outras palavras, a estrutura gramatical estaria delineando a comunidade de fala. (SEVERO, 2008, p. 133).

Pode-se dizer, então, que a linguagem determina a forma de ver o mundo e de se relacionar com ele. Os valores sociais e estilísticos é que vão determinar o prestígio que a língua tem na sociedade. A língua com seus múltiplos valores e prestígios é que vai determinar as comunidades de fala. Podemos inferir, dessa forma, que o determinismo atua bilateralmente em Labov (2008 [1972]): dos fatores sociais e estilísticos à linguagem e da linguagem à comunidade de fala.

O valor linguístico, assim, é o que atribui identidade à comunidade de fala e a seu falante, e lhes confere valores, seja positivo ou negativo, o que intervém nas produções discursivas do estilo de contexto. A variação linguística e, conseqüentemente, a valoração social abrange todos os níveis linguísticos: lexical, sintático, morfológico e fonológico. Sendo esta última a que nos interessa neste trabalho, uma vez que a palatalização regressiva das oclusivas alveolares é um fenômeno de ordem fonológica, que, assim como as variações utilizadas em qualquer comunidade de fala, carrega o seu valor social.

Nesse contexto teórico, esta pesquisa tem como objeto de investigação a palatalização regressiva na comunidade de fala do estado de Alagoas, e, a partir desta comunidade, busca-se contrapor os dados fonéticos/fonológicos da palatalização regressiva com fatores sociais, sexo, idade e escolaridade, a fim de aferir os condicionamentos linguísticos e sociais existentes nesse processo.

3.2. Geometria de traços fonológicos

No decurso da evolução da língua portuguesa, o processo de palatalização foi encarregado de originar consoantes que nem sequer existiam no arranjo fonológico do latim, como as chiantes surdas e sonoras [ʃ] e [ʒ], que surgiram, ao que tudo indica, pelo atrito da semivogal [y] com a nasal palatal [ɲ] e com a líquida palatal [ʎ]. É o que acontece também com o grupo de fonemas [kl], [pl] e [fl], fatores estes que sofreram alteração do processo da palatalização em curso de evolução para as línguas neolatinas, conforme observa-se no quadro 1:

Quadro 1 - Palatalização de k, p, f

/k,p,f/ + /i/ > /k,p,f/ + /j/ > /tʃ/ > /ʃ/ Logo, [klave] > [kʝave] > [tʃave] > [ʃave]

Fonte: Williams (1973, p. 34)

De acordo com Câmara Jr. (1984), o processo de palatalização é notório mediante ao aspecto articulatorio e é uma mudança que ocorre em decorrência do alargamento da zona de articulação na produção de uma consoante, em efeito do desdobramento da parte média da língua no palato médio.

Desse modo, pelo processo de palatalização, o português integra consoantes palatais que não pertenciam à fonologia do latim clássico, mas que surgiram, pela mesma motivação, isto é, pela presença de um segmento vocálico ou fricativo de natureza palatal em suas proximidades (NEUSCHRANK; MATZENAUER, 2012.), de maneira que a palatalização mantém como particularidade de realização a presença de um gatilho fonético com minúcias palatais.

Williams (1973) cita alguns ambientes fonéticos/fonológicos em que a consoante oclusiva alveolar /t/ seguida da vogal anterior alta /i/ e anteposto de consoante no latim sofreu o processo de palatalização, chegando ao português apenas como uma fricativa simples: *fortiam* > *força*. No decorrer do tempo, o processo de palatalização tem sido um fenômeno corrente nas línguas neolatinas e tem dado lugar a sons simples, conforme argumenta Teyssier, (1982, p. 11):

Em várias outras palavras um i ou um e não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados yod em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tʃy] e [dʃy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio*, *spongia*, a palatalização chega inicialmente a [tʃy] e [dʃy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dessa palavra. *Terse-á*, por exemplo, *pretium* > port. *preço*, *pretiare* > port. *prezar*, *platea* > port. *praça*, *hodie* > port. *hoje*, *medium* > port. *meio*, *video* > port. *vejo*, *facio* > port. *faço*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras c, z e j representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts],[dz] e [dʒ]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização.

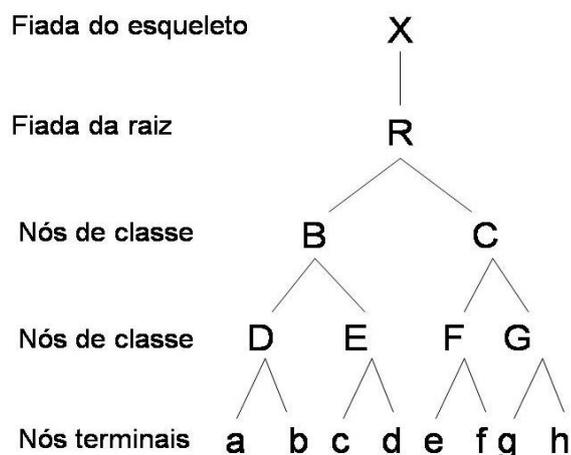
A relevância de um estudo linguístico é importante para que se possa analisar até que ponto um fenômeno linguístico é variável, estável ou caminha para mudança

linguística. Desse modo, se faz mister o estudo da palatalização como um fenômeno fonético, pois conforme observa Teyssier (1982), a evolução histórica da palatalização foi essencial para o estabelecimento de determinadas formas fonéticas/fonológicas.

O processo de palatalização regressiva é um fenômeno produzido em diversas regiões do Brasil e tem alcançado distintos índices de realizações. Na região Sul e Sudeste, este fenômeno tem sido mais frequentemente produzido do que na região Nordeste por exemplo, é o que se vê em trabalhos realizados por Bisol (1991), Pagotto (2004), Battisti *et al* (2007), Dutra (2007) e Carvalho (2002). Esses estudos mostram de que forma a palatalização regressiva se dá e quais fatores externos e internos interferem no fenômeno.

O processo de palatalização, de acordo com Abaurre e Pagotto (2002, p.557), é assimilatório e propende a ocorrer em consoantes estruturadas na região anterior da cavidade bucal como /t/, /d/ e /s/ e em consoantes articuladas na região posterior da cavidade bucal como /k/ e /g/, podendo ser descrita como uma mudança fonética em que as propriedades articulatórias de [i] são assimiladas por essas consoantes. Pires (2007), por sua vez, relata que a palatalização seja o resultado de um processo assimilatório em que as oclusivas dentais /t/, /d/, perante a influência da vogal [i] ou do glide [y], palataliza-se.

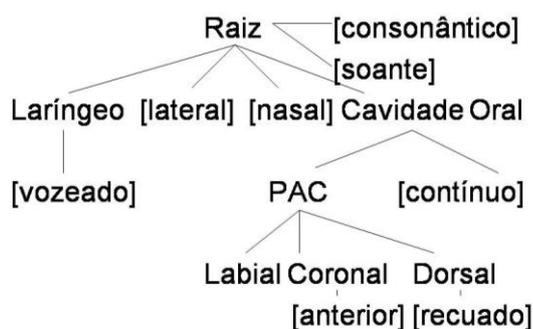
A geometria de traços defendida por Clements e Hume (1996) propõe uma organização das representações sonoras/fonológicas das línguas. Supõe-se que os traços fonológicos distintivos se organizam em uma hierarquia passível de representação arbórea que obedece a critérios específicos de constrição. Esses traços se organizam em camadas e se agrupam em nós de classe; esses, por sua vez, dependem da raiz, onde os traços mais importantes estarão; e a raiz se ligará ao esqueleto, correspondente a uma unidade abstrata de tempo, conforme podemos verificar na construção arbórea a seguir:

Figura 1 – Representação arbórea dos traços fonológicos

Fonte: Bisol (2014, p.48)

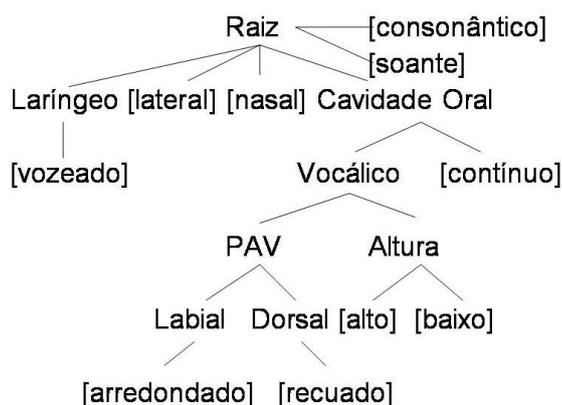
Existe uma direta relação entre traços de modo de articulação e a raiz, pois é aqui que deve estar a informação acerca das classes de sons ([cons] e [soan]) com nível de constricção. Na raiz, se encontram os traços de articulação ([lateral] e [nasal]). Os nós classe que daí resultam estão ligados ao ponto de articulação e de possibilidade de vozeamento.

No nó Cavidade Oral se realizam os traços [contínuo] e os nós classe do ponto de articulação: labial, coronal e dorsal. Neste traço da cavidade oral, especifica-se se trata-se de um som vogal ou consoante. Esta configuração arbórea tem uma estrutura interna de um segmento e tem uma base fonética articulatória. Nas representações que seguem, pode-se ver como são hierarquicamente organizados os sons orais vocálicos e consonantais:

Figura 2: Representação fonológica das consoantes

Fonte: Bisol (2014, p.48)

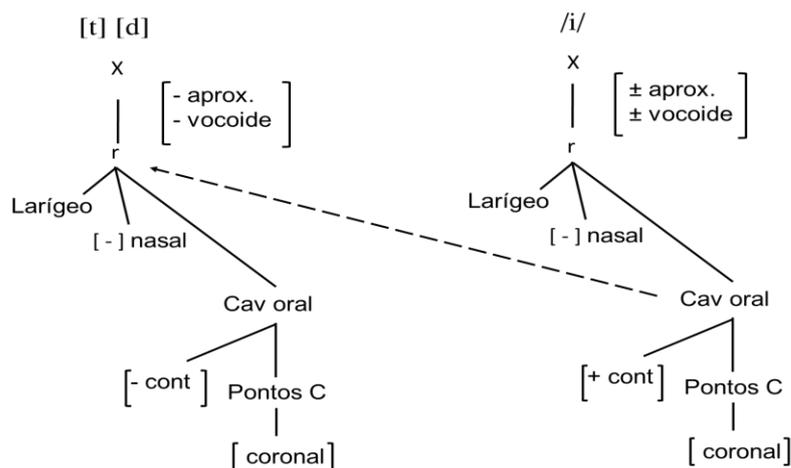
Figura 3: Representação fonológica das vogais



Fonte: Bisol (2014, p.48)

A geometria de traços fonológicos visa explicar as realizações sonoras vocálicas e consonantais de qualquer língua e deve dar conta dos fenômenos fonológicos encontrados em nosso objeto de pesquisa, fornecendo informações para dissecação e análise dos dados. Dessa forma, é possível explicar a realização de certos processos fonológicos, como a palatalização regressiva das oclusivas alveolares, que autorizam a realização da variante africada, a partir do espriamento de traços que podem ser representados na seguinte estrutura arbórea.

Figura 4: Representação fonológica do espriamento de traços



Fonte: Autora (2021)

É assumido, então, que a transformação de uma consoante oclusiva alveolar em uma africada acontece devido ao processo de espriamento de traços fonológicos, que obedecem a princípios estruturais pré-estabelecidos e autorizam a realização de

um novo som. Assim, é o espraçamento regressivo do traço [+contínuo] da vogal [i] ou da semivogal [j] – em palavras como “político” e “tio” – localizado na cavidade oral da representação que se move em direção ao nó de raiz da consoante oclusiva e origina um som africado.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, será descrita a proposta teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, serão apresentadas as informações acerca dos objetivos e hipóteses da pesquisa; a caracterização do banco de dados – como seleção de informantes e duração das gravações; a natureza dos cálculos estatísticos realizados, que devem apontar quais são as variáveis mais significativas no condicionamento das variáveis linguísticas; informações acerca do *Locus* da pesquisa, destacando um pouco da história de cada cidade analisada; e, por fim, as razões teóricas utilizadas na seleção das variáveis do estudo.

4.1. Objetivos e hipóteses

O principal objetivo desta dissertação é investigar o processo de variação da palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no estado de Alagoas e descrever os possíveis condicionantes linguísticos e sociais que, de algum modo, interferem na seleção das variantes linguísticas. Assim, será possível mapear a distribuição diatópica das variantes e aferir como os elementos internos e externos da língua se comportam em relação ao processo de palatalização regressiva. Para tal fim, o presente estudo se propõe a responder as seguintes perguntas norteadoras:

1. O processo de variação da palatalização regressiva das oclusivas alveolares é produtivo em Alagoas?
2. Supondo que haja variação, com que frequência as formas oclusivas e africadas ocorrem no *corpus* em análise?
3. Considerando a existência de variação, quais os fatores sociais e linguísticos atuam como condicionantes no processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares no estado de Alagoas?
4. A possível variação regressiva das oclusivas alveolares em Alagoas constitui um processo de variação estável ou trata-se de um processo de mudança em curso?

Partindo de tais perguntas como questões norteadoras para a pesquisa e a fim de respondê-las provisoriamente são levantadas as seguintes hipóteses:

1. A palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ tem diferentes índices de realização em todo o estado de Alagoas;
2. A palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ ocorre preferencialmente com fonema nasal em contexto fonológico anterior e com a vogal anterior alta /i/ em contexto seguinte;
3. A quantidade de sílaba da palavra favorece a palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/;
4. A posição postônica favorece o condicionamento da palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/;
5. Os falantes jovens, do sexo feminino, com nível superior e residentes em cidades mais próximas do Litoral são os maiores favorecedores da variante palatalizada;
6. A palatalização é um fenômeno recorrente no Português Brasileiro, embora a realização da variante palatal em Alagoas tenha níveis e frequência de realização distintas de outras regiões.

Com o intuito de confirmar ou rejeitar as hipóteses da pesquisa, o presente trabalho apresenta os seguintes objetivos:

1. Investigar, descrever e mapear a variação da palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no estado de Alagoas;
2. Averiguar a realização dos contextos fonológicos precedente e seguinte quanto a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/;
3. Perceber se há uma interferência na palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ de acordo com a posição da sílaba na palavra;
4. Verificar a possível relação existente entre a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e o acento da palavra;
5. Relacionar as variantes linguísticas com as variáveis diastráticas sexo, escolaridade, idade e cidade;
6. Confrontar os condicionamentos obtidos nesta pesquisa com resultados de outros estudos realizados em diversos lugares do Brasil.

4.2. Caracterização do banco de dados

Esta pesquisa utilizou os dados coletados pelo Projeto Portal⁵ (Português Alagoano), coordenado pelo Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (UFAL). O Banco de dados do Portal contém atualmente dados de fala espontânea das 10 principais cidades do estado de Alagoas, a saber: Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Delmiro Gouveia, Penedo, São Miguel dos Campos, São Miguel dos Milagres, Santana do Ipanema, União dos Palmares e Capela. Nesta pesquisa, utiliza-se apenas os dados das cidades de Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia.

Os dados foram coletados entre os anos de 2013 e 2018 a partir de entrevistas semiestruturadas (entrevistas do tipo “história de vida” e opiniões sobre temas polêmicos)⁶. Foram ouvidas 36 pessoas em Maceió, sendo 12 colaboradores em cada um dos bairros de Feitosa, Pescaria e Ponta Verde. Em Arapiraca e Delmiro Gouveia, foram entrevistados 48 falantes, sendo 24 em cada cidade.

A coleta utilizou a amostragem não probabilística por cotas, com participantes nascidos e criados em cada uma das cidades. Os colaboradores foram selecionados de maneira semi-aleatória, atendendo critérios pré-estabelecidos como sexo/gênero, idade e escolaridade. Para chegar a cada um dos falantes, houve a indicação prévia de algum conhecido, geralmente um colaborador indicando outro (método “bola de neve”). As amostras por cidade obedecem a estratificação posta na tabela 1.

Tabela 1 – Estratificação dos dados do Portal

Gênero	Escolaridade	Faixa etária		
		18-35 anos	45 a 55 anos	Mais de 65 anos
Masculino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Feminino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Total		24 participantes por cidade		

Fonte: PORTAL (2021)

⁵ Disponível em <http://www.portuguesalagoano.com.br>

⁶ Ver a ficha de entrevista no anexo A.

A metade dos informantes de cada cidade é do sexo/gênero masculino e a outra metade do sexo/gênero feminino. Foram selecionados informantes de três faixas etárias: os jovens (idades entre 15 e 35 anos), adultos (idades entre 45 e 55 anos) e idosos (idades acima de 65 anos). Foi deixado uma lacuna de 10 anos entre cada uma das faixas etárias para garantir a possível interferência exclusiva da faixa etária nos fenômenos linguísticos. Afinal, não é possível garantir que uma diferença linguística apresentada entre um falante de 59 anos e outro falante de 60 anos seja caracterizado pela sua faixa etária, sendo que um é idoso e outro não.

Quanto ao nível de escolaridade, foram selecionados os falantes a partir de dois grupos, o primeiro com nível de instrução inferior a 8 anos e o outro com falantes com nível de instrução escolar acima de 11 anos. Foi deixado um hiato de 3 anos entre as faixas de escolaridade para melhor aferir o condicionamento dessa variável quanto às variantes linguísticas, pois não há como garantir que falantes do último ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio tenham comportamento linguístico distinto.

As gravações de cada um dos áudios da pesquisa apresentam duração média de 10 minutos e estão gravados no formato WAV com taxa de amostragem de 48khz/24bits. Todos os dados disponíveis pelo Portal estão sincronizados com as suas transcrições ortográficas no software de análise de falas Praat.

4.3. Locus da pesquisa: Alagoas

Considerando que “não é possível compreender o processo de variação e de mudança linguística fora do contexto social e da comunidade de fala, tendo em vista que, para a sociolinguística variacionista, a língua é uma forma de comportamento social” (VITÓRIO, 2012, p. 65), seleciona-se a comunidade de fala alagoana para analisar as realizações de [tʃ] e [tʃ]. Para tanto, utiliza-se a definição de comunidade de fala de Labov (2008 [1972], p.150), para quem “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de componentes linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas”.

Levando em consideração que o objeto estudado aqui é a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Alagoas, parte-se da presunção de que “existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por

quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176).

Alagoas é o segundo menor estado do Brasil e está situado a Leste da região Nordeste, fazendo fronteira com Oceano Atlântico a leste, com o estado de Sergipe ao sul, Pernambuco ao norte e oeste e com a Bahia ao sudoeste, conforme mapa 1. É conhecido como Paraíso das Águas, devido à grande quantidade de lagoas que existe, sobretudo nas redondezas de Maceió. A história de Alagoas está ligada ao processo de colonização brasileira e, embora seja o segundo menor estado do Brasil, é um dos estados do Nordeste mais importantes na produção de cana-de-açúcar.

Mapa 1 – Estado de Alagoas em referência ao Brasil



Fonte: Brasil escola (2021)

O estado de Alagoas conta com uma área territorial de 27.843,295 km² (IBGE, 2019), configurando-se como o segundo menor estado brasileiro, maior apenas que o estado de Sergipe e Distrito Federal. A população alagoana conta com cerca de 351.543 milhões de habitantes (estimativa IBGE, 2020) e o estado conta com 102

municípios, sendo a cidade de Maceió a capital do estado, que expõe o maior índice populacional de 1.025.560 habitantes (estimativa IBGE, 2020), juntando quase 30% da população alagoana.

O município de Arapiraca também exibe significância no que tange a demografia do estado, já que conta com população de 231.727 habitantes (estimativa IBGE, 2020). Outros municípios alagoanos portam importância econômica e social, entretanto com população inferior a 100 mil habitantes, como Rio Largo, Palmeira dos Índios, União dos Palmares, Penedo, São Miguel dos Campos, Campo Alegre, Coruripe e Delmiro Gouveia. São esses municípios em conjunto a Maceió e Arapiraca que abarcam os dez maiores municípios alagoanos.

Um setor de destaque no estado de Alagoas é o comércio, que dispõe da maior parcela do PIB, seguido pela agropecuária e a indústria. O setor de serviços e comércio, que abarca a construção civil, administração pública e o turismo, retrata hoje 79% do PIB nominal do estado. A agropecuária aparece com 12% dessa composição, sendo que a produção de cana-de-açúcar recebe maior destaque, além da plantação de fumo, mandioca, banana, soja, ovos, frangos, suínos e bovinos.

A seguir faz-se um resumo das três cidades analisadas nesta pesquisa a fim de mostrar os aspectos econômicos, sociais e geográficos de cada uma das três cidades alagoanas, para que se possa compreender as suas particularidades. Afinal, é importante para uma pesquisa ser delimitado não somente o objeto de estudo, mas também as características da comunidade de fala em questão.

4.3.1. MACEIÓ

Segundo o Instituto Théo Brandão (1995), o nome da cidade Maceió possui origem indígena Maçai-ó-k “tapa (ou represa) o alagadiço”, que está ligado ao rio que nasce na região do Tabuleiro dos Martins, composto pelos córregos Pitanga e Pau D’arco. A cidade dispõe de características bem particulares e homogeneizadoras e suas particularidades a tornam a cidade única, uma cidade com belezas naturais, culturais e aspectos climáticos que a diferem das demais capitais existentes.

De acordo com o censo do IBGE 2020 (estimativa), a cidade de Maceió conta com 1.025.360 habitantes e encontra-se localizada na planície litorânea, possui um clima tropical, quente e úmido, que são típicos do litoral e da mata e o bioma

predominante é a Mata Atlântica. “Além de ser uma cidade-porto, a localização de Maceió, na metade do Litoral do Estado de Alagoas, a torna ponto de convergência de estradas e o mais importante centro comercial do Estado” (Cf. INSTITUTO THÉO BRANDÃO, 1995, p.115). A cidade é uma das mais belas do Brasil, as praias que existem na região e as demais particularidades atraem turistas de diversos países.

Maceió faz vizinhança com os municípios de Rio Largo, Barra de Santo Antônio, Paripueira, Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte e Satuba. A cidade maceioense contém cinquenta bairros, entre eles estão o Bairro Feitosa, Pescaria e Ponta Verde, que são os que se investigam neste trabalho⁷

4.3.2. ARAPIRACA

A cidade de Arapiraca é a segunda maior de Alagoas e está localizada no Agreste alagoano, acerca de 123 quilômetros de Maceió e a 44 quilômetros de Palmeira dos Índios, sua área ocupa cerca de mais de 345 km², sendo 59 km² em área urbana. Limita-se ao norte com o município de Igaci, ao sul com o município de São Sebastião, a leste com os municípios de Coité do Noia e Limoeiro de Anadia, a oeste com os municípios de Lagoa da Canoa, Girau do Ponciano e Feira Grande, a noroeste com o município de Craíbas e a sudeste com o município de Junqueiro.

O crescimento da cidade se deu especialmente nos anos de 1970, quando a cultura da produção de fumo ganhou destaque econômico e ergueu o então povoado a categoria de município. A cidade conta com várias empresas de grande porte e inúmeras empresas de pequeno porte que dão grande impulso à economia local, que vem se destacando sobretudo por ser uma das cidades que mais tem ofertado empregos em todo o território nacional nos últimos dez anos.

4.3.3. DELMIRO GOUVEIA

O município de Delmiro Gouveia era conhecido como Pedra, pois, na região, havia muitas rochas. Em meados de 1903, um cearense chamado Delmiro Augusto da Cruz Gouveia se estabeleceu na região a fim de montar uma indústria de linhas.

⁷ O Projeto Portal escolheu esses três bairros de Maceió para coleta dados de fala espontânea por serem bairros com características diastráticas peculiares e contrastivamente distintas entre si.

Ele obteve a isenção de taxas de impostos, conseguindo também concessão para explorar as terras e até para construir uma usina hidrelétrica, utilizando a energia de uma das várias cachoeiras do rio São Francisco localizado na região.

Por volta 1913, começou a funcionar a usina hidrelétrica de Angiquinho, fornecendo energia elétrica para todo o vilarejo. A Companhia Agro-Fabril Mercantil, que fabricava linhas de coser, foi instalada em 1914, atraindo muitos moradores para a região e trazendo o desenvolvimento. Em 1917, ocorreu o assassinato de Delmiro Gouveia e, em 16 de junho de 1952, o distrito de Delmiro foi elevado à categoria de município, com a denominação de Delmiro Gouveia, pela Lei Estadual n.º 1.628, sendo desmembrado de Água Branca e instalado em 14 de fevereiro de 1954.

Delmiro Gouveia possui área territorial de 628,545 km² (estimativa IBGE 2020) e conta com mais de 50 mil habitantes, sendo a cidade mais populosa e mais influente do Sertão Alagoano. O clima predominante da região é o semiárido; a economia da cidade se baseia na indústria têxtil, comércio, agricultura e pecuária.

4.4. Variáveis analisadas

A fim da realização da pesquisa, foram investigadas as variáveis externas sexo/gênero, idade, escolaridade e localidade, bem como as variáveis internas contexto anterior, posição da sílaba, consoante alvo, tamanho da palavra e natureza do gatilho. Em ambos os grupos de variáveis, a intenção foi investigar possíveis correlações de condicionamento com a variável dependente palatalização regressiva das oclusivas alveolares.

4.4.1. SEXO/GÊNERO

A variável sexo/gênero foi analisada sendo ouvidos, ao todo, 42 falantes de cada um dos sexos/gêneros. O intuito da pesquisa foi aferir possíveis valorações sociais distintivas atribuídas às variantes investigadas, uma vez que tradicionalmente a variável sexo/gênero dá pistas acerca de possível expansão ou inibição da variante.

Nas descrições sociolinguísticas, as mulheres têm sido consideradas como mais sensíveis às marcas sociais de prestígio e, conseqüentemente, mais cuidadosas

nas escolhas linguísticas, apresentando um comportamento linguístico mais pró-norma historicamente. Segundo Trudgill (1972, p. 185), “as mulheres em nossa sociedade são mais conscientes do status do que os homens, de modo geral, e, portanto, estão mais conscientes do significado social das variáveis linguísticas⁸”.

Desde o início dos estudos labovianos, muitas têm sido as reflexões sobre o papel social do sexo/gênero no condicionamento das formas linguísticas, ao ponto de a hipótese clássica de que as mulheres inibem o uso de variantes estigmatizadas e favorecem o uso de variantes de maior prestígio já não é tão certa. Com o passar do tempo, a sociedade mudou e o papel da mulher na sociedade também, levando ao questionamento se, de fato, a mulher brasileira que hoje faz uso da língua tem o mesmo comportamento social da mulher americana da década de 1970.

Com o advento da pós-modernidade e com o avanço dos movimentos feministas pelo mundo afora, a mulher hoje tem galgado um espaço social que outrora era exclusivo ao homem e isso, sem dúvidas, tem interferido em seu comportamento social, inclusive no seu comportamento linguístico.

Enquanto a maioria da literatura sociolinguística tradicional tem expresso o valor simbólico da linguagem dominante e das variedades de prestígio em termos de seu suposto valor econômico no mercado de trabalho, trabalhos mais recentes têm dado atenção às ideologias da masculinidade e da feminilidade. (FREITAG, 2015, p. 67)

Conforme o papel social da mulher se move no decorrer do tempo, também tem se dinamizado sua relação com a língua. Parece consenso que mulheres e homens têm comportamento linguístico distinto, mas parece não ser suficiente aceitar que as mulheres linguisticamente são difusoras automáticas das formas de prestígio, ao passo que inibem as formas estigmatizadas.

Vimos que o lugar do sexo e do gênero na pesquisa variacionista mudou de uma posição em que quase não era levado em consideração, para uma posição em que muitos o consideram o principal fator social que impulsiona a variação e a mudança. Abordagens para a análise de sexo e gênero tenderam a espelhar aquelas adotadas em disciplinas vizinhas e foram influenciadas pelo desenvolvimento da teoria feminista. Embora tenha havido controvérsia e desacordo entre os estudiosos, de modo geral, isso foi produtivo⁹. (CHESHIRE, 2003, p. 13)

⁸ No original: Women in our Society are more status-conscious than man, generally speaking, and are therefore more aware of the social significance of linguistic variables.

⁹ No original: We have seen that the place of sex and gender in variationist research has moved from a position where it was hardly taken into account at all, to a position where many consider it the main social factor driving variation and change. Approaches to the analysis of sex and gender have tended

Não parece razoável o tratamento sociolinguístico isolado da variável sexo/gênero, uma vez que na sociedade dinâmica da pós-modernidade, os comportamentos não são categóricos, mas espelham os múltiplos papéis que o indivíduo encena na sociedade. Assim, o fator sexo/gênero ainda é um importante indicador de comportamento linguístico, porém, a ser analisado junto com demais variáveis sociais – como idade e escolaridade –, pois é, aparentemente, pouco eficiente quando tomado de maneira isolada. A hipótese levantada é que mesmo com o avanço do feminismo, ainda sim em relação à variante analisada o sexo feminino é o maior favorecedor da regra de palatalização, pois em algumas regiões do país as mulheres têm favorecido a palatalização regressiva (HENRIQUE; HORA, 2012; SANCHES; NASCIMENTO, 2019).

4.4.2. IDADE

A variável idade tem estado presente nas pesquisas sociolinguísticas desde os anos de 1970 e tem sido um importante indicador de comportamento linguístico, mostrando, através do estudo de tempo aparente, quais são as tendências das variantes linguísticas, sobretudo se há perspectiva de expansão ou desuso. Nesta pesquisa, os dados foram coletados a partir de três faixas etárias 18-35 anos, 45-55 anos e acima de 65 anos, no entanto, o tratamento estatístico dispendido aos dados considerou a linearidade das faixas etárias dos falantes e não categorias grupais.

A análise em tempo aparente se tornou mais comum nas pesquisas sociolinguísticas. Nesse formato metodológico, analisa-se a língua sincronicamente a partir da faixa etária ou idade dos informantes de uma dada comunidade. O pressuposto assumido é de que há certa homogeneidade geracional e o falante tende a levar à vida adulta os hábitos linguísticos da juventude. Os informantes de uma mesma faixa etária tendem a ter comportamentos linguísticos muito próximos entre si.

Felizmente, a construção do tempo aparente provou ser um excelente substituto para a evidência em tempo real, e a relativa facilidade de coleta de dados em tempo aparente significa que ela será usada com mais frequência em pesquisas sobre mudança de linguagem em andamento. Porém, como a

to mirror those adopted in neighboring disciplines, and have been influenced by the development of feminist theory. Although there has been controversy and disagreement between scholars, on the whole this has been productive.

evidência em tempo real, a evidência em tempo aparente geralmente não pode ser usada de maneira mecânica e direta. O valor dos dados em tempo aparente é em grande parte uma função do tamanho e da representatividade da amostra da qual são retirados¹⁰. (BAILLEY, 2003, p. 15)

Nesta pesquisa, adota-se a metodologia de tempo aparente, a fim de aferir o efeito do tempo sobre as escolhas linguísticas do falante e descobrir se o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares se encontra em variação estável ou se há um processo de mudança a se concretizar com o passar do tempo. A intenção é justamente aferir a interferência que a idade do falante pode trazer para suas escolhas linguísticas. Para essa variável, a hipótese é de que quanto mais jovem o informante, maior a probabilidade de ele utilizar a variante palatalizada.

4.4.3. ESCOLARIDADE

A escolaridade tem sido uma das mais importantes variáveis investigadas nos estudos sociolinguísticos, principalmente porque tem permitido aferir as nuances valorativas da identidade social que afetam o comportamento linguístico da comunidade e estabelece os padrões de prestígio. Historicamente, a escolaridade tem dupla atuação na sociolinguística, pois possibilita a investigação sobre como as mudanças nos níveis de instrução escolar condicionam o comportamento linguístico do falante e fornecem pistas sobre comportamento social e de classe do falante.

Porque as escolas usam as estruturas linguísticas, padrões de autoridade e currículos da cultura dominante (isto é, das classes média e alta), há um alinhamento natural entre as famílias de classe média e a cultura da escola.¹¹ (CREGAN, 2008, p. 12)

É de se esperar que as formas linguísticas utilizadas por aqueles com maior nível de escolaridade sejam aquelas socialmente mais bem avaliadas pelo grupo. Por isso, a escolaridade tem servido de indicador para saber se as variantes estão em variação estável ou caminham para desuso, uma vez que as formas mais utilizadas

¹⁰ No original: Fortunately, the apparent-time construct has proven to be an excellent surrogate for real-time evidence, and the relative ease of collecting apparent-time data means that it will be used most often in research on language change in progress. Like real-time evidence, though, apparent-time evidence often cannot be used in a straightforward, mechanical way. The value of apparent-time data is in large part a function of the size and representativeness of the sample from which it is taken.

¹¹ No original: Because schools use the linguistic structures, authority patterns, and curricula of the dominant culture (i.e. that of the middle and upper classes), there is a natural alignment between middle-class families and the culture of the school.

por aqueles que mais estudaram têm maior vantagem social e se tornam candidatas a permanecerem na língua, ao passo que as formas utilizadas pelos falantes de baixa escolaridade estão ameaçadas de desaparecer da língua.

Pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que há uma evidente relação entre as formas sociais de prestígio e a forma linguística padrão empregada pela escola, sendo, conseqüentemente, as formas mais próximas das classes sociais altas, as preferidas e estandardizadas pelo ambiente da escola.

Muitos trabalhos refletem o desejo de compreender melhor as maneiras como a linguagem é usada para perpetuar distinções sociais, diferenciais de poder, vantagens e estigmas. [...] Por exemplo, os currículos escolares têm tradicionalmente pressuposto a linguagem padrão, ignorando o fato de que o padrão é atribuído preferencialmente por razões sociais e, portanto, está mais próximo da fala de algumas crianças do que de outras. Que, em virtude dessa distinção de classe e do maior prestígio associado à linguagem padrão, a linguagem que é falada nos arredores da socialização primária das crianças influencia suas chances de vida quando reconhecida como um dos mecanismos linguísticos de sustentação dos sistemas sociais, um mecanismo que impede a realização da igualdade de oportunidades¹². (COULMAN, 1998, p.10)

Estudar a interferência da escolaridade sobre a variação linguística é, indiretamente, também estudar o efeito da classe social sobre essas mesmas variantes. Por isso, esta pesquisa pretende investigar como o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares tem se comportado quanto a uma possível interferência da escolaridade sobre as escolhas linguísticas do falante, que está estratificada em dois fatores: Ensino Fundamental e Ensino Superior.

No tratamento estatístico, será feita uma análise linear dos dados, considerando o tempo real de escolarização de cada falante e não aglomerados em categorias, a fim de melhor aferir a interferência do fator escolarização no comportamento linguístico da comunidade. Nossa hipótese é a de que os falantes com nível superior favorecem mais o uso da variante palatalizada.

¹² No original: Much work reflects a desire to understand better the ways in which language is used to perpetuate social distinctions, power differentials, advantages, and stigmas. [...] For example, school curricula have traditionally presupposed standard language, ignoring the fact that the standard is accorded preferred status for social reasons alone and is hence closer to the speech of some children than to that of others. That, by virtue of this class-related distinction and the higher prestige associated with standard language, the language that is spoken in the surroundings of children's primary socialization influences their life chances was as recognized one of the linguistic mechanisms of sustaining social systems, a mechanism that stood in the way of realizing equality of opportunity.

4.4.4. DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

A análise sociolinguística diatópica tem estado presente desde o início dos estudos sociolinguísticos, quando Labov (2008) investigou as particularidades linguísticas que distinguem a ilha de Martha's Vineyard da cidade New York. Nesse estudo, Labov (2008) nota como as sutilezas do processo subjetivo de identidade repercute nas escolhas linguísticas do falante.

Os estudos que abordam as distribuições diatópicas das variantes consideram particularidades culturais geralmente limitadas por fronteiras geográficas. Quando se estuda a correlação entre variação e limites geográficos, indiretamente, está-se assumindo certos limites também culturais e sociais, pois “as suposições comumente feitas sobre os correlatos sociais das diferenças linguísticas variam de cultura para cultura: sejam elas principalmente geográficas ou étnicas ou econômicas ou de classe social ou de casta”¹³ (LE PAGE, 1998, p.14)

São justamente essas distinções de natureza cultural, econômica, social e étnica que se escondem por trás das divisões geográficas. Por isso, essa prática de estudo tem sido tão presente na sociolinguística variacionista. Afinal, investigar a distribuição diatópica da língua é que permite estabelecer os limites dialetais que diacronicamente podem originar mudanças linguísticas que cheguem ao ponto de originar novas línguas.

Nessa visão, as línguas se diferenciam internamente à medida que os falantes se distanciam uns dos outros no tempo e no espaço; as mudanças resultam na criação de dialetos das línguas. Com o tempo, os dialetos resultantes tornam-se novos idiomas à medida que os falantes das variedades resultantes tornam-se ininteligíveis uns para os outros. Então, o latim se tornou francês na França, espanhol na Espanha, italiano na Itália e assim por diante¹⁴. (WARDHAUGH, 2006, p.136)

O tratamento sociolinguístico com variáveis diatópicas é bem útil para delimitar possíveis fronteiras dialetais e consequentes caminhos que a variação pode tomar em

¹³ No original: The assumptions commonly made about the social correlates of linguistic differences vary from culture to culture: whether they are primarily geographical or ethnic or economic or social class or caste.

¹⁴ No original: In this view languages differentiate internally as speakers distance themselves from one another over time and space; the changes result in the creation of dialects of the languages. Over sufficient time, the resulting dialects become new languages as speakers of the resulting varieties become unintelligible to one another. So Latin became French in France, Spanish in Spain, Italian in Italy, and so on.

cada espaço investigado. Evidentemente, não é uma tarefa fácil prever o surgimento de um novo dialeto ou mesmo distinguir um dialeto de outro, mas tem havido um esforço para investigar os caminhos que a variação linguística pode tomar, sobretudo sobre as particularidades linguísticas que estão ligadas à distinção geográfica.

Como a variável diatópica está diretamente conectada com os demais fatores externos da língua, não é razoável que considere isoladamente os efeitos dessa variável, sem considerar os resultados de demais variáveis externas, como a idade, o sexo e a escolaridade. Apenas a partir de uma análise ampla é possível aferir com maior precisão o condicionamento que as variantes linguísticas podem sofrer e antever os caminhos que esse processo pode percorrer.

Nesta pesquisa, o tratamento da variável diatópica dar-se-á de maneira direta e indireta. Na cidade de Maceió, considerando a sua importância econômica, política e geográfica para o estado de Alagoas, a análise diatópica será direta, com dados coletados em três diferentes bairros de Maceió: Feitosa, Pescaria, Ponta Verde. Como as demais cidades têm dimensões populacionais bastante inferiores à capital alagoana, não foram coletados pensando nessa estratificação.

Será feita também uma análise indireta do estado de Alagoas, ao se considerar os dados das três cidades alagoanas investigadas: Arapiraca, Delmiro Gouveia e Maceió. Essa análise será indireta por serem feitas análises estatísticas individuais de cada cidade. Optou-se por essa análise para garantir maior fidelidade aos dados de cada cidade. Então, considerando os resultados obtidos nessas três análises distintas, pretende-se, ao final do trabalho, mensurar os efeitos diatópicos da palatalização regressiva em Alagoas. Nossa hipótese é a de que cidades mais próximas do Litoral são as maiores favorecedoras da variante palatalizada.

4.4.5. CONTEXTO ANTERIOR

Tão importante quanto investigar a interferência das variáveis externas, é aferir o comportamento da estrutura interna da língua quanto ao condicionamento de variantes linguísticas. Afinal, a língua também é modelada conforme as possibilidades que a estrutura linguística permite. Para realização desta pesquisa, analisa-se, entre outras variáveis linguísticas, a variável contexto anterior, que tem sido investigada em diversos trabalhos sobre palatalização, alcançando expressiva influência no

fenômeno da palatalização por todo o país (Cf. HORA, 1990; BISOL, 1991; SANTOS, 1996; SASSI, 1997; CARVALHO, 2002 entre outros).

Segundo Carvalho (2002), o contexto precedente às oclusivas alveolares foi um dos ambientes mais favorecedores da regra da palatalização, de modo que a presença da fricativa palatal /S/ como em “plástico”, a fricativa velar /R/ como em “sardinha” e “norte” foram os fatores que maior favoreceram o processo de palatalização. No trabalho de Bisol (1991), os contextos precedentes que maior favoreceram a regra da palatalização foram o contexto de [j], como em “noite” e “feito” e a vogal [i], como em “sítio”.

Desse modo, a fim de aferir o condicionamento dos contextos fonéticos anteriores às oclusivas alveolares em relação ao processo de palatalização regressiva em Alagoas, analisar-se-á os segmentos vocálicos /a, e, i, o, u/, como em “cidade” e “romântico”; “carente” e “dente”; “noite” e “feito”; “continua” e “ótimo”, “pude” e “último”. Pelos os fones /S, R/, como em “justiça” e “desde”; “sardinha” e “norte” ou “ambiente (∅ vazio), como em “tia” e “dia” que antecede as oclusivas alveolares /t/ e /d/. Nossa hipótese é a de que os segmentos fonéticos que mais favorecem o uso da palatalização sejam a vogal /i/ e a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas alveolares /t/ e /d/, cenário de palatalização com duplo gatilho, progressivo e regressivo.

4.4.6. POSIÇÃO DA SÍLABA

A posição da sílaba quanto à tonicidade da palavra tem sido uma das variáveis linguísticas mais investigadas no processo de palatalização em todo o país. Em todas as regiões do Brasil, estudos sociolinguísticos têm buscado, nessa variável, explicações estruturais para explicar o condicionamento linguístico das variantes palatalizadas (Cf. HORA, 1990; BISOL, 1991; SANTOS, 1996; ALMEIDA, 2000 e GODINHO, 2012, entre outros).

Segundo Teyssier (1982), historicamente nas línguas latinas, os contextos linguísticos em que as oclusivas /t/ e /d/ estão em contexto fonético diante de vogal e em posição silábica não tônica favorecem o processo palatalização. Embora alguns estudos tenham mostrado que é justamente a sílaba tônica que favorece a palatalização regressiva (Cf. GODINHO, 2012; PIRES, 2003), o mais esperado é que

sílabas não tônicas sejam mais produtivas para a realização das variantes africadas /t/ e /d/ (Cf. ALMEIDA, 2000; DUTRA, 2007).

É possível que devido à grande concentração de energia para a produção das sílabas tônicas, a interferência dos contextos subjacentes que poderia favorecer o surgimento de processos variáveis encontre maior resistência, diminuindo a frequência em que novos processos surjam nessa posição silábica.

Assim, será investigada a possibilidade de a posição da sílaba interferir no processo de palatalização regressiva em Alagoas. Para tanto, analisar-se-á quatro fatores nessa variável: pretônico,ônico, postônico e átono. A presença das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em sílabas pretônicas podem ser percebidas em palavras do tipo “continua” e “dizer”; em sílabas tônicas em palavras como “divertir” e “venda”; em sílabas postônicas em formas linguísticas como “político” e “cidade”; e as sílabas átonas realizadas como pronome clítico ou preposição, como em “te” e “de”. Nossa hipótese para essa variável é que a palatalização regressiva é mais recorrente quando em posição não tônica.

4.4.7. CONSOANTE ALVO

A variável interna consoante alvo diz respeito à realização da consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ ou da oclusiva alveolar desvozeada /t/. Diversos estudos realizados sobre a palatalização têm demonstrado que, a depender do vozeamento da consoante, o processo de palatalização pode sofrer alterações (Cf. HORA, 1990; ABAURRE e PAGOTTO 2002; DUTRA, 2007.)

As variantes desvozeadas tendem a favorecer o processo de variação (Cf. DUTRA, 2007; GODINHO, 2012) enquanto as variantes vozeadas tendem a inibir. Uma possível explicação para esse condicionamento linguístico é que, no processo de vozeamento, há uma concentração de energia na região da glote, para que haja a vibração das pregas vocálicas, por outro lado, com os fonemas desvozeados, a maior concentração de energia está na região do trato bucal, que é justamente onde se realiza o processo de palatalização (Cf. OLIVEIRA, 2017).

Com a realização da consoante alveolar vozeada /d/, há uma necessária distribuição de energia entre o trato bucal, região em que se dá o ponto e o modo de articulação dessa consoante, e a glote, por onde a corrente de ar provoca vibração nas pregas vocálicas, enfraquecendo a concentração de energia necessária para

realização da consoante africada [d₃]. Por outro lado, como toda produção de energia se concentra na região da boca, quando há uma oclusiva /t/, aumenta a possibilidade de que fenômenos produzidos nessa região sejam favorecidos.

Com o objetivo de investigar como a consoante alvo /t/ ou /d/ se comporta, no sentido de favorecer ou inibir o processo de palatalização regressiva em Alagoas, esta dissertação se propõe a analisar esse contexto fonético. Nossa hipótese é a de que a consoante alveolar desvozeada /t/ é maior favorecedora quanto ao processo de palatalização.

4.4.8. TAMANHO DA PALAVRA

A variável tamanho da palavra ou extensão do vocábulo apresentou significância em trabalhos já realizados no Brasil sobre o fenômeno da palatalização, revelando que quanto maior a palavra, menor a possibilidade de favorecimento ao fenômeno da palatalização (Cf. CARVALHO, 2002).

Esta variável se relaciona à quantidade de sílaba de um vocábulo. Nesta pesquisa, ela está dividida em quatro fatores a depender da quantidade de sílabas que tem o vocábulo: uma sílaba, como em palavras do tipo “tia” e “de”; duas sílabas, como em “tinha” e “desde”; três sílabas, em formas do tipo “antigo” e “duende”; e quatro sílabas ou mais, como “político”, “dinâmico”, “continuava” e “faculdade”)

Com intuito de observar como a quantidade de sílabas no vocábulo condiciona o fenômeno da palatalização regressiva em Alagoas, parte-se do pressuposto de que o tamanho da palavra interfere no processo de palatalização das oclusivas alveolares. Considera-se, nesta pesquisa, que as palavras com menor quantidade de sílabas são candidatas mais propensas à palatalização das oclusivas alveolares.

4.4.9. NATUREZA DO GATILHO

Levando em consideração trabalhos já realizados acerca do fenômeno da palatalização, uma variável que tem se comportado de forma diferente dependendo da comunidade de fala investigada é a variável natureza do gatilho ou natureza da vogal, hora favorecendo, hora inibindo o processo (Cf. BISOL, 1991; ABAURRE e PAGOTTO, 2002; PIRES, 2007; ALMEIDA 2000 entre outros).

Estudos realizados na região Sul, Sudeste e Nordeste investigaram o processo de palatalização diante da vogal fonológica /i/ e vogal derivada [i]. A vogal fonológica /i/ e a vogal derivada do alçamento da vogal /e/ não influenciam da mesma maneira o processo de palatalização. A vogal fonológica /i/ tem alcançado importante influência no processo de palatalização das oclusivas dentais.

De forma distinta, alguns trabalhos mostram que tanto a vogal derivada quanto a vogal não derivada condicionaram o processo de palatalização, mesmo que alcançando níveis diferentes e sendo produzidos em comunidades diferentes. Em São Paulo, a vogal derivada [i] foi a que mais condicionou o processo da variante africada alveopalatal /t/ e /d/. (Cf ABAURRE e PAGOTTO, 2002; DUTRA 2007)

Em São Borja, a variável natureza do gatilho foi uma forte influenciadora do processo de palatalização, revelando que a vogal não-derivada foi o fator que mais favoreceu a regra dentro dessa variável (Cf. PIRES, 2003)

A variável natureza do gatilho diz respeito ao que vem seguinte à oclusiva, seja a vogal derivada do alçamento da vogal /e/, como em “pod[i]” e “frent[i]”; ou a vogal não derivada, como em “polít[i]co” e “t[i]po”. Portanto, nesta pesquisa, partindo da premissa de que a natureza do gatilho pode influenciar distintamente o processo de palatalização, analisar-se-á a variável natureza do gatilho. Nossa hipótese é a de que a vogal não derivada /i/ seja mais favorecedora do processo de palatalização.

4.5. Modelo estatístico

Para realização da análise estatística, foi utilizado o pacote de programa R, em sua versão 4.0.5 e a plataforma de desenvolvimento integrado RStudio, que opera a execução de scripts computacionais e permite a realização de testes estatísticos e geração de gráficos (GRIES, 2013).

Como modelo de análise estatística, foram utilizados métodos inferenciais como a realização de tabelas de contingência, testes multivariados e de regressão logística multinível. Foram realizados o teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV), o teste de Wald (TW) e o teste de coeficiente de correlação intraclasse (CCI).

Foi realizado o teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV), a fim de analisar a significância estatística de condicionamento entre a variável dependente e as variáveis independentes, permitindo, portanto, identificar e hierarquizar as variáveis mais significativas. A significância desse teste afere a probabilidade de erro ao se

negar a hipótese nula. Quanto menor o valor obtido no TRMV, maior é o poder condicionamento da variável independente sobre a variável dependente.

O TRMV parte da premissa de teste de duas hipóteses básicas, a chamada hipótese nula, na qual o efeito da variável independente é igual a 0, e a hipótese alternativa, que prevê que o efeito de tal variável tem um valor diferente de 0.

Para realização desta pesquisa, foram incluídas todas as variáveis no modelo (as variáveis internas e externas), sendo retiradas uma a uma a partir do resultado do teste da razão de máxima verossimilhança. Foram mantidas no modelo final de análise, as variáveis independentes que obtiveram o valor de Sig. RMV $<0,05$, índice que representa o intervalo de confiança da correlação entre as variáveis, de modo que quanto menor foi esse número, maior é a confiabilidade dos dados.

O chamado intervalo de confiança, que é útil para fornecer sua média, é o intervalo de valores em torno da média da amostra em torno do qual assumiremos que não há diferença significativa com a média da amostra. A partir da expressão "diferença significativa", segue-se que um intervalo de confiança é normalmente definido como nível de significância 1, ou seja, normalmente como $1-0,05 = 0,95$ ¹⁵. (GRIES, 2013, p. 133)

Desse modo, em ciências sociais, se tornou convencional que se tenha um intervalo de confiança de 95% nos dados estatísticos, sendo descartados os dados que apresentem significância acima de 0,05 ($p > 0,05$).

A partir do TRMV foram organizadas hierarquicamente as variáveis estatisticamente significativas, sendo mantida uma ordem do menor ao maior Sig. RMV. Este teste também foi utilizado para aferir possíveis interações entre as variáveis externas. O teste de Wald (TW), por sua vez, visa analisar a significância estatística entre os fatores de cada uma das variáveis investigadas. Este teste permite identificar quais os fatores da variável são estatisticamente mais significativos no condicionamento do processo variacionista.

Semelhante ao TRMV, o TW afere a aplicabilidade das hipóteses nula e alternativa. A hipótese nula aqui é a de que o efeito de cada um dos fatores da variável está na média de todos os fatores da variável e a hipótese alternativa é de que o efeito do fator é diferente da média dos efeitos dos fatores.

¹⁵ No original: The so-called confidence interval, which is useful to provide with your mean, is the interval of values around the sample mean around which we will assume there is no significant difference with the sample mean. From the expression "significant difference", it follows that a confidence interval is typically defined as 1-significance level, i.e., typically as $1-0.05 = 0.95$.

A significância do TW mede a probabilidade de erro ao negar a hipótese nula, sendo a hipótese nula verdadeira. Quanto menor for o valor de significância no TW, maior é a diferença entre o efeito de um fator e a média dos efeitos dos fatores. O teste de Wald possibilita verificar se o efeito do fator é distinto do efeito neutro. Esse é um teste muito útil na análise de pesos relativos próximos ao ponto neutro 0,50, pois permite atribuir níveis de confiabilidade na significância do peso relativo.

Também foram estimados os efeitos das variáveis mais agregadas (variáveis que não são controladas na pesquisa, mas que ainda assim interferem no processo), item lexical e indivíduo através do coeficiente de correlação intraclasse (CCI), que permite aferir o quanto da variável dependente pode ser explicada por aspectos da ordem do léxico ou indivíduo não investigada pelas variáveis do estudo.

Para gerar as rotinas (rodadas de análises no R) e no RStudio, foram utilizados pacotes de comando “gmodels” (para gerar tabelas de contingência), “lme4” (para regressão logística multinível, TRMV e TW), visreg (para gráficos de interação), DAAG, para o teste de multicolinearidade.

5. RESULTADOS E ANÁLISES

Nesta seção, são apresentados os dados estatísticos que descrevem a realização do processo de palatalização regressiva no estado, mais especificamente na capital do estado, Maceió, na Cidade de Arapiraca e em Delmiro Gouveia. Para tanto, são observados os valores de probabilidade de produção de cada uma das variantes, se oclusivas [t] e [d] ou palatalizadas [tʃ] e [dʒ], a partir de uma série de testes gerados pelo R em sua plataforma IDE RStudio.

5.1. Palatalização regressiva em Maceió

Foram investigadas 5.293 ocorrências linguísticas em contexto de possível palatalização, sendo realizada a variante palatalizada em 7,1% desse total, o que revela previamente que a palatalização regressiva, na capital alagoana, tem índices de produção baixos, se comparados com a realização desse fenômeno linguístico em outras regiões do país, conforme trabalhos de (HORA, 1990; BISOL, 1991; DULTRA, 2007; BATTISTI; DORNELES FILHO, 2010)

A análise se deu a partir do teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV), em um modelo multivariado de regressão logística multinível, que teve como variáveis de nível mais agregado o indivíduo e o item lexical. Foram investigadas como variáveis independentes as variáveis externas idade, sexo/gênero, escolaridade e bairro e variáveis internas tonicidade, contexto anterior, tipo de consoante, posição da sílaba, tamanho da palavra e natureza do gatilho.

As tabelas que seguem apresentam os resultados para as variáveis independentes após o ajuste do melhor modelo, segundo valor de significância obtido pelo teste TRMV. Para tanto, são mantidas como variáveis significativas aquelas que obtiveram Sig,TRV inferior a 0,05. As demais, por critérios estatísticos, foram retiradas do modelo final.

O resultado da análise aponta que de todas as variáveis externas investigadas somente as variáveis idade e bairro foram selecionadas pelo programa como estatisticamente significativas. De igual modo, dentre as variáveis internas, o programa manteve como significativas apenas o contexto anterior, a posição da sílaba e a consoante alvo, conforme pode ser verificado na tabela 2.

Tabela 2 - Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas)

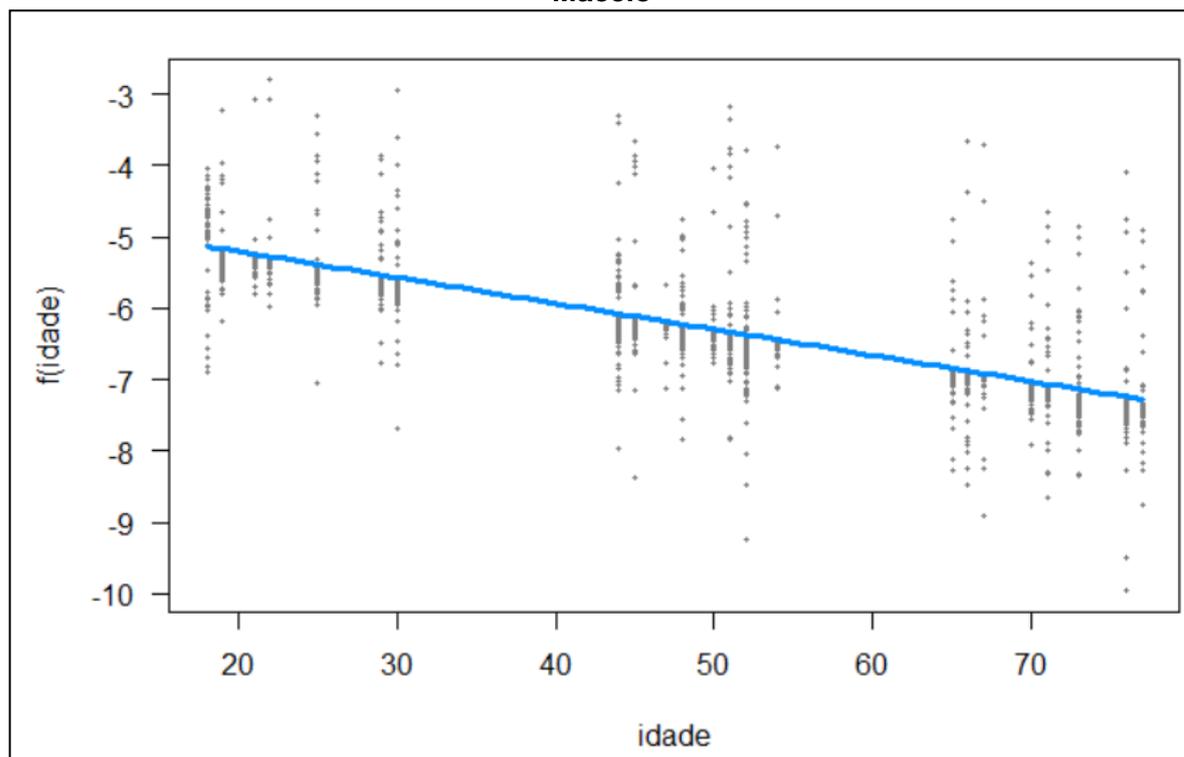
	Total	%palatalização	Peso Relativo	Sig,Wald	Sig,TRV
Idade ¹⁶	*	*	*	*	0,006037
Bairro					0,01124
Ponta Verde	1547	12,1	0,75	<0,001	
Feitosa	2294	5,1	0,38	0,181	
Pescaria	1452	5,0	0,33	0,061	
Contexto anterior					2,2e-16
s	204	75,0	1,00	<0,001	
i	187	28,9	0,59	0,360	
o	244	7,0	0,47	<0,001	
u	129	6,2	0,37	<0,001	
vazio	2735	2,2	0,35	0,152	
e	974	5,2	0,23	<0,001	
a	587	3,9	0,17	<0,001	
r	233	3,9	0,11	<0,001	
Posição da sílaba					2,2e-16
postônica	1035	14,6	0,82	<0,001	
átona	1466	1,3	0,47	<0,001	
tônica	1412	10,2	0,46	<0,001	
pretônica	1380	4,5	0,19	<0,001	
Consoante alvo					1,4 e-04
t	2338	13,0	0,68	<0,001	
d	2955	2,4	0,32	<0,001	
Total	5293	7,1			

Fonte: Autora (2021)

Dentre as variáveis externas, a idade do falante foi a que apresentou maior significância no condicionamento das variantes palatalizadas, segundo critério TRV. Na cidade de Maceió, a interferência da idade na escolha do falante por uma das variantes (oclusiva ou africada) no processo de palatalização se deu no sentido que quanto mais jovem, maior a probabilidade de ocorrência das formas palatalizadas [tʃ] e [dʒ], conforme pode ser verificado no gráfico 1:

¹⁶ Não foram apresentados valores totais, percentuais, peso relativo, nem Sig.Wald da variável Idade porque se trata de uma variável contínua e não há como aferir esses dados.

Gráfico 1– Variável idade e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió



Fonte: Autora (2021)

Conforme gráfico 1, a probabilidade de realização da variante palatalizada diminui na proporção em que aumenta a idade do falante. Esses dados, segundo os estudos sociolinguísticos (Cf. HORA, 1990; BISOL, 1991; CARVALHO, 2002; LABOV, 2008; SOUZA NETO, 2008) parece indicar que a variante palatalizada [tʃ] e [dʒ] está adquirindo prestígio entre os grupos mais jovens.

De acordo com Labov (2008), a maior produtividade de uma forma linguística pelos falantes mais jovens indica uma variação em expansão, uma vez que é tendência que o falante leve até o fim da vida as escolhas linguísticas que faz na juventude, apresentando uma representação gráfica de mudança em curso.

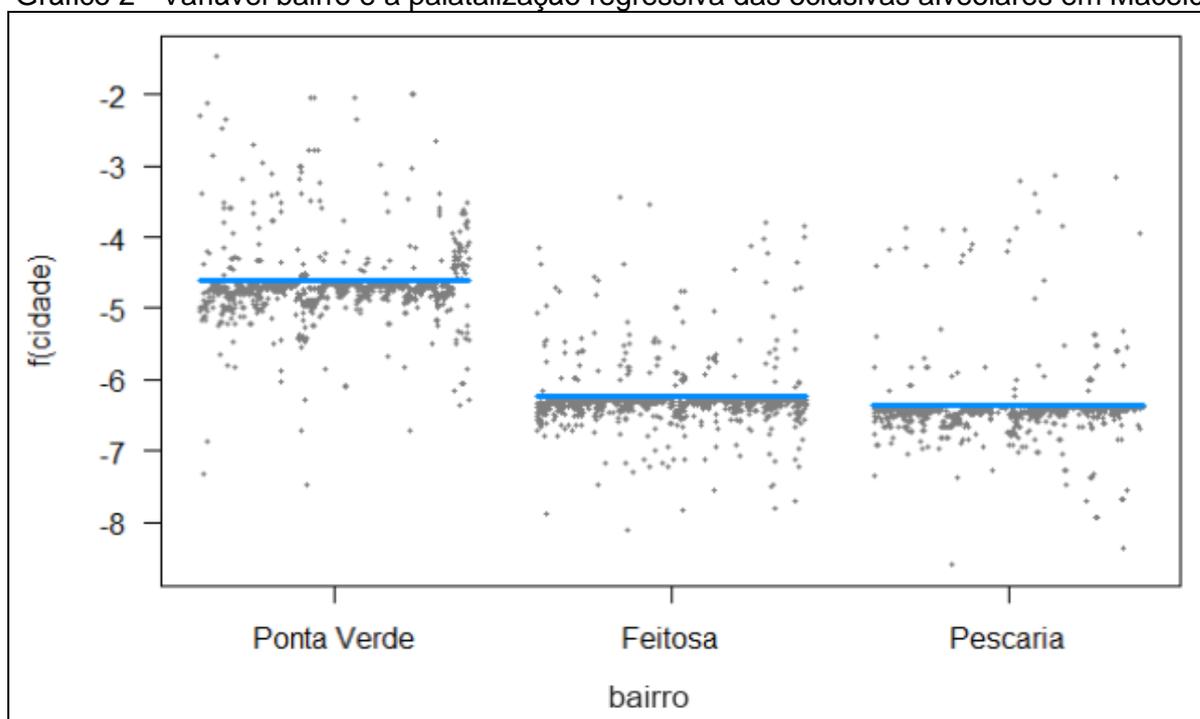
Quanto à variável bairro, os dados da tabela 1 mostram que, nesta pesquisa, apenas Ponta Verde demonstra um comportamento favorecedor à variante palatalizada, ao apresentar o maior índice percentual de realização 12,1%, e o maior PR 0,75, o que indica um favorecimento maior deste bairro no processo de palatalização, o que é confirmado pelo Wald menor <0,001.

Em contrapartida, não é possível apontar claras distinções estatísticas entre os bairros de Feitosa e Pescaria, uma vez que ambos obtiveram praticamente os mesmos índices percentuais de realização (5,0%) e PRs bem próximos (0,38 e 0,33,

respectivamente), evidenciando o desfavorecimento da variante palatalizada em ambos os bairros.

Conforme gráfico 2, os dados apontam para uma valoração diatópica da variante palatalizada [tʃ] e [dʒ] em contexto regressivo (como em palavras do tipo “tia” e “dia”), sendo mais produzidas no bairro mais elitizado da capital alagoana, que apresenta os melhores índices de desenvolvimento humano. Em contraste, os bairros Feitosa e Pescaria, que são mais populares, desfavorecem o processo de palatalização, sugerindo que o condicionamento diatópico, em Maceió, esconde motivações sociais não investigadas, como classe social e renda familiar.

Gráfico 2 - Variável bairro e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió



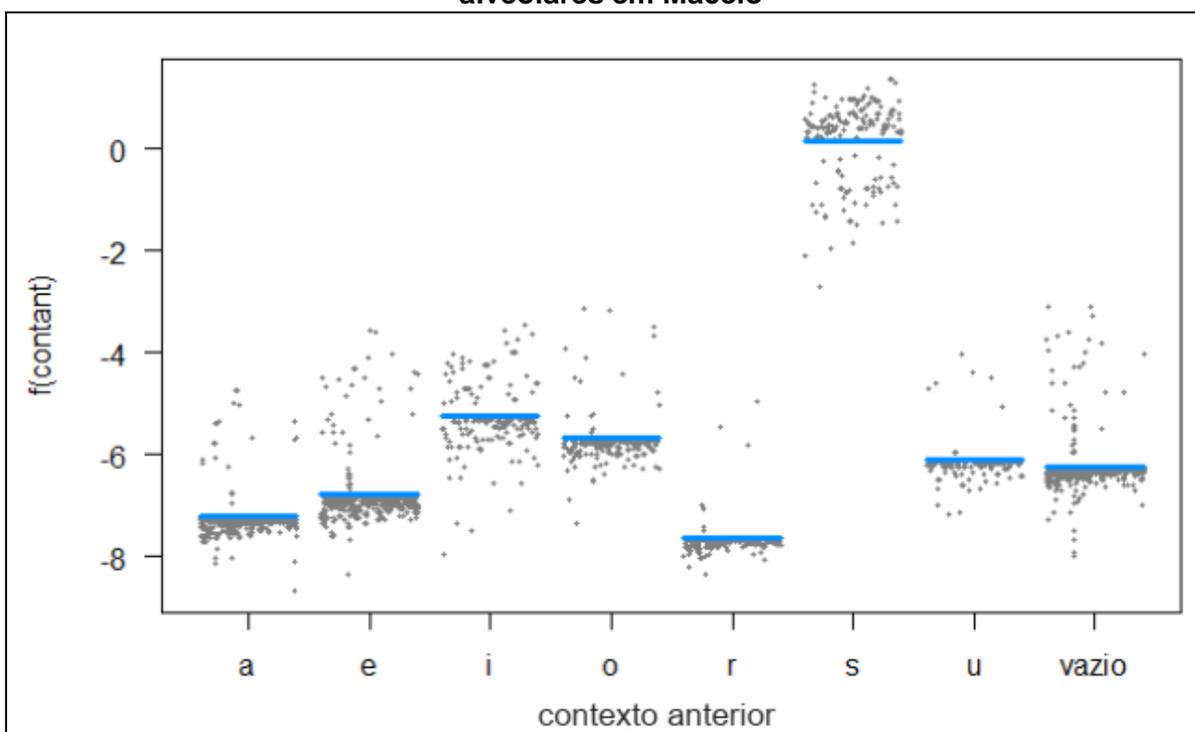
Fonte: Autora (2021)

Ao analisar o contexto anterior – a primeira variável interna a condicionar o processo de palatalização – verifica-se, conforme tabela 2, que a fricativa alveolar /S/ é a que mais favorece o processo, com PR 1,00, indicando que, em palavras do tipo “peste” e “desde,” a variante palatalizada [tʃ] e [dʒ] mais ocorre. Enquanto, os índices percentuais totais de palatalização em Maceió estão em torno de 7,0%, as realizações com este fator linguístico chegam a 75%, mostrando que este cenário favorece imensamente o processo de palatalização.

O segundo fator mais significativo dessa variável foi a vogal /i/ em contexto anterior às oclusivas, em palavras como “política” e “índio”, que apresentou PR em 0,59. Embora o Wald tenha retornado com o valor de 0,360, o que indica que o PR pode sofrer alterações em torno de 36% para cima ou para baixo (inviabilizando a garantia de confiabilidade do PR obtido), a sua produção é proporcionalmente maior que os demais fatores e chega em quase 29% de produção palatalizada.

Todos os demais contextos, /o/, /u/, vazio, /e/, /a/ e /r/, apresentam-se como inibidores do processo e trazem PRs abaixo de 0,37, conforme pode ser verificado no gráfico 3, mostrando que nos ambientes em que esses fones estão presentes, há uma probabilidade da variante palatalizada não ser produzida, mas sim as oclusivas [t] e [d].

Gráfico 3 – Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió



Fonte: Autora (2021)

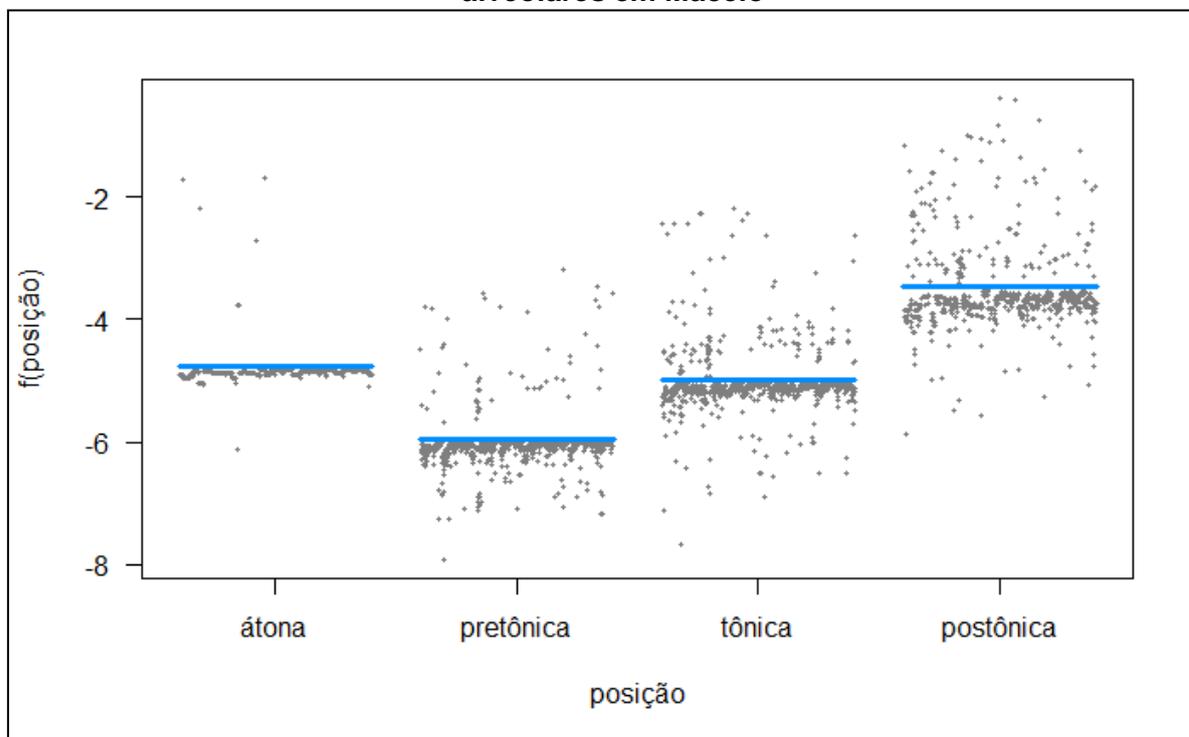
Os ambientes de contexto anterior com /S/ e /j/ também podem disparar o processo progressivo de palatalização, uma vez que ambos os fones portam o traço coronal, gatilho fonético do processo de palatalização. Assim, não é possível afirmar categoricamente se é o gatilho regressivo, progressivo ou ambos que estão disparando o processo.

Oliveira (2018a; 2018b), ao investigar o processo de palatalização progressiva em Maceió chegou a mesma constatação, pois quando, no contexto seguinte, havia a vogal /i/, também havia uma maior probabilidade de realização da variante palatalizada, chegando a um PR 0,83 em palavras do tipo “goste” e PR 0,75 em palavras do tipo “leite”.

Desse modo, é possível afirmar que o contexto de duplo gatilho é o que mais favorece o processo de palatalização, seja regressiva ou progressiva. A simultaneidade de traços coronais, como “goste” e “leite” (antes da consoante oclusiva, na consoante oclusiva e depois dela), é o principal fator fonético a condicionar positivamente a realização da variante palatalizada.

Quanto à variável posição da sílaba, os dados revelam, conforme tabela 2 e gráfico 4, que as palavras que ocorrem com as consoantes oclusivas em sílaba postônica, como em “gente” e “prédio”, há uma maior probabilidade de realização das consoantes palatalizadas, com PR 0,82, enquanto todos os demais fatores inibem o processo, com PRs abaixo 0,47.

Gráfico 4 - Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió



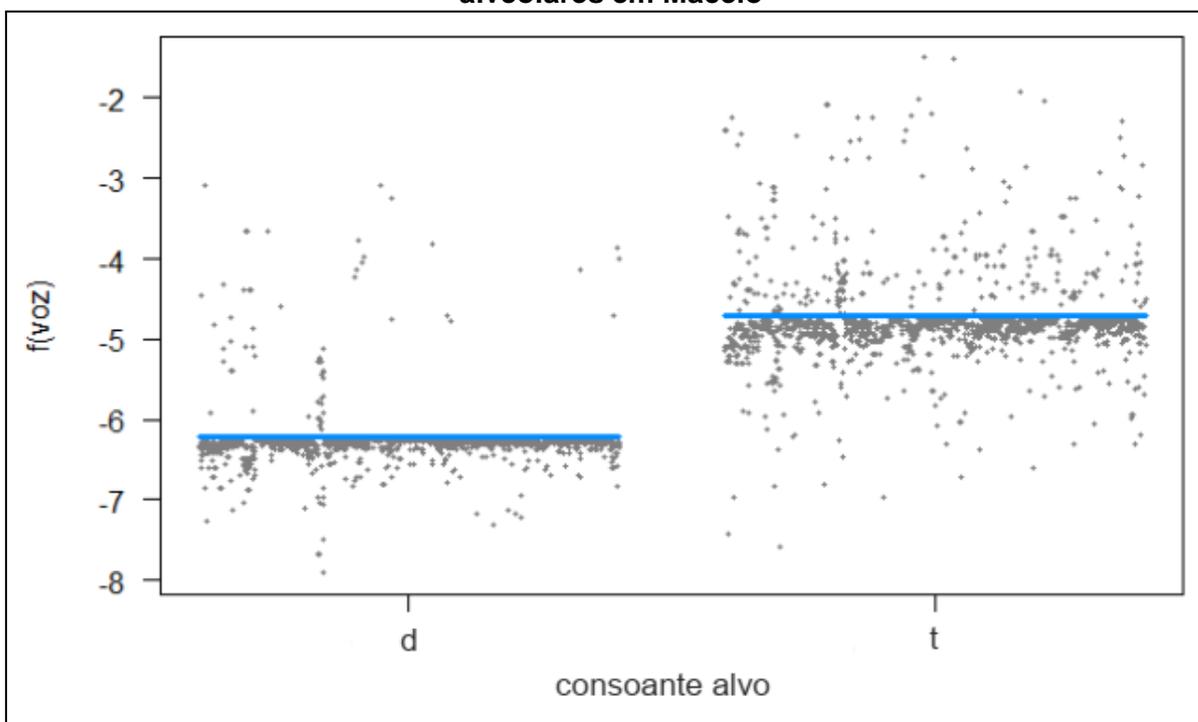
Fonte: Autora (2021)

Esse resultado é consoante com os dados de Santos (1996) em Maceió – AL, Almeida (2000) em Flores da Cunha e Dutra (2007) no município de Chuí – RS, que

revelam que essa posição silábica é a que mais favorece a transformação das consoantes oclusivas [t] e [d] em [tʃ] e [dʒ].

Na variável Consoante alvo, conforme esperado, a consoante desvozeada [t] é mais favorecedora do processo que a consoante vozeada [d]. Provavelmente, isso ocorre porque, no caso da variante vozeada, há um encadeamento fonético anterior na região da glote, o que lhe garante a sonoridade, ou seja, há dependência de um processo fonético em relação ao outro. Logo, a consoante desvozeada tem sua produção fonética mais simples e, por isso, mais fácil de ser afetada pelo processo de palatalização, como pode ser percebido no gráfico 5:

Gráfico 5 – Variável consoante alvo e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió



Fonte: Autora (2021)

Na tabela 3, vê-se como as variáveis de nível mais agregado, indivíduo e Item lexical, interferem no processo de palatalização. Este tipo de análise permite saber se há algum condicionamento do processo fonético atrelado às escolhas individuais do falante ou da ocorrência dos itens lexicais. O teste de correlação de coeficiente intraclassa permite analisar as variáveis de nível mais agregado e perceber como fatores não controlados que envolvem o informante e a estrutura da língua afetam a

variação linguística. Esse teste permite aferir o quanto da variação está sendo afetado por variáveis que não compõem o modelo final de análise.

Tabela 3 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final

	n	Variância	CCI	Sig.TRV
Indivíduo	36	4,3	30,9%	2,7e-16
Item lexical	899	1,7	56,9%	2,7e-16

Fonte: Autora (2021)

O fator Indivíduo apresenta um CCI de 31%, indicando que de todo processo de palatalização regressiva investigada na cidade de Maceió, este é o índice de interferência do informante não aferido pelas demais variáveis externas como idade, sexo/gênero e escolaridade, isto é, existe algo do comportamento do informante, não investigado nesta pesquisa, que está condicionando o processo. De igual modo, cerca de 57% do processo de palatalização pode ser explicado por questões ligadas ao Item lexical, que escapam aos fatores investigados nesta análise.

Na tabela 4, estão as variáveis estatisticamente não significativas no condicionamento do processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Maceió: escolaridade, sexo/gênero, tamanho da palavra e natureza do gatilho

Tabela 4 - Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística)

	Total	%opalatalização	Peso Relativo	Sig.Wald	Sig.TRV
Escolaridade	*	*	*	*	0,5069
Sexo/gênero					0,2314
Feminino	2420	4,9	*	*	
Masculino	2873	8,9	*	*	
Tamanho da palavra	*	*	*	*	0,3815
Natureza do gatilho					0,1095
Não derivada	2140	9,7	*	*	
Derivada	3152	5,4	*	*	
Total	5.142	18,6			

Fonte: Autora (2021)

Dentre as variáveis não selecionadas para compor o modelo final de análise, destacam-se as variáveis externas escolaridade e sexo/gênero, pois teoricamente, essas variáveis poderiam fornecer pistas da valoração social das variantes, sendo

esperado que as formas linguísticas de maior prestígio social fossem produzidas por mulheres e por aqueles com maior nível de instrução escolar.

Logo, o descarte dessas variáveis no estudo indica que o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Maceió aparentemente não sofre pressões valorativas sensíveis ao sexo/gênero do falante ou ao seu nível de escolaridade. Assim, não é possível afirmar, com precisão, que a variante palatalizada [tʃ] e [dʒ] sofra algum tipo de estigma social ou prestígio.

Quanto às variáveis internas excluídas do modelo final, constata-se que independentemente do tamanho da palavra, a palatalização ocorre do mesmo modo, não sendo afetada pela quantidade de sílabas que a palavra tem. Igualmente, independente da natureza da vogal alvo, se derivada /e/, como em palavras do tipo “dente” ou não derivada /i/, como em “político”, o processo de variação ocorre do mesmo modo, sem afetar o processo de palatalização.

5.2. Palatalização regressiva em Arapiraca

Nesta subseção, são apresentados os dados estatísticos que descrevem a realização do processo de palatalização regressiva em Arapiraca. Para tanto, são observados os valores de probabilidade de produção de cada uma das variantes investigada no estudo, através do R, em sua plataforma de desenvolvimento integrado (IDE), RStudio para a realização de uma série de testes estatístico como o TRMV, o Wald e CCI, como ocorreu na descrição da cidade de Maceió.

Foram computadas 2660 ocorrências linguísticas em contexto de possível palatalização regressiva, havendo apenas 3,6% de realização da variante palatalizada, o que sugere que a produtividade desse processo no interior do estado é menor que na capital. As variáveis independentes idade, sexo/gênero, escolaridade, tonicidade, contexto anterior, tipo de consoante, posição da sílaba, tamanho da palavra e natureza do gatilho também foram testadas.

A tabela 5 apresenta os resultados para as variáveis independentes após o ajuste do melhor modelo, segundo valor de significância obtido pelo teste TRMV. O resultado aponta que, das três variáveis externas investigadas, somente a escolaridade foi mantida pelo R como significativa.

De maneira semelhante, o programa manteve como significativas, dentre as variáveis internas, o contexto anterior, a posição da sílaba, a consoante alvo e a natureza do gatilho, conforme pode ser observado na tabela 5.

Tabela 5 - Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativa)

	Total	%opalatalização	Peso Relativo	Sig,Wald	Sig,TRV
Escolaridade	*	*	*	*	0.03893
Contexto anterior					5.42e-08
s	80	42,5	0,94	<0,001	
i	97	20,6	0,67	0,143	
vazio	1334	1,0	0,54	0,817	
a	377	2,4	0,40	0,409	
r	81	2,5	0,25	0,223	
e	578	2,2	0,25	0,020	
o	113	1,8	0,25	0,271	
u ¹⁷	28	*	*	*	
Posição da sílaba					0.004804
postônica	997	5,7	0,81	<0,001	
átona	748	0,4	0,72	0,472	
tônica	552	4,5	0,34	0,241	
pretônica	363	2,5	0,16	0,040	
Consoante alvo					1.47e-07
t	1111	7,4	0,64	<0,001	
d	1549	0,8	0,22	<0,001	
Natureza do gatilho					0.00023
Não derivada	966	5,6	0,75	0,005	
Derivada	1694	2,4	0,26	0,005	
Total	2260	3,6			

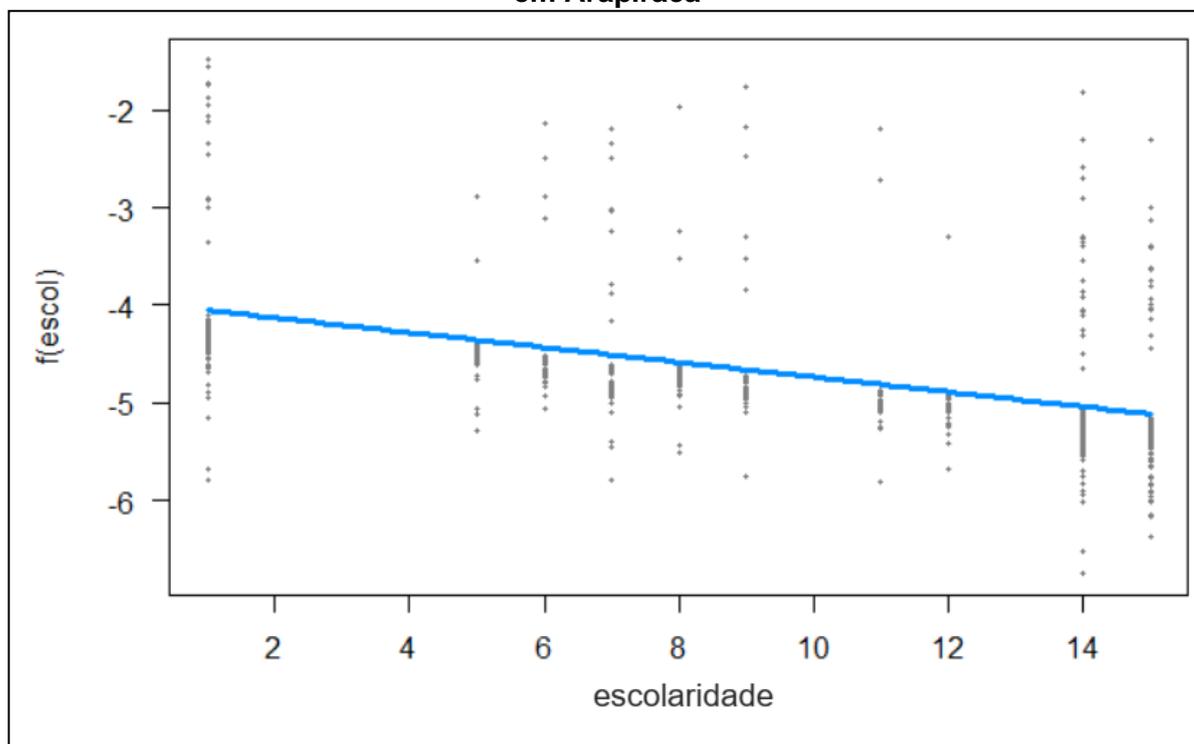
Fonte: Autora (2021)

A relação do processo de palatalização regressiva em Arapiraca com a variável escolaridade é semelhante ao estudo realizado por Sassi (1997) realizado na cidade de Santa Vitória do Palmar – RS, para quem o nível de instrução é progressivamente inibidor do processo de palatalização. Em Arapiraca, este estudo diagnosticou que para cada ano de estudo do informante, diminui em 0,02% a probabilidade de ele

¹⁷ O fator 'u' não apresentou nenhuma ocorrência da variante palatalizada, não havendo, portanto, dados estatísticos, nem percentuais.

escolher uma das variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ], conforme pode ser visualizado no gráfico 6.

Gráfico 6 - Variável escolaridade e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca



Fonte: Autora (2021)

Esse comportamento linguístico do falante arapiraquense sugere que a palatalização regressiva, diferentemente do que possa acontecer em outras regiões do país, não goza de prestígio, uma vez que a escolaridade é a variável externa mais sensível à valoração social. De acordo com Cregan (2008, p. 12), a escolaridade tem particular importância no estudo variacionista: “A escola ainda é a principal propagadora das formas cultas da língua, atribuindo valores negativos a todas as formas linguísticas que se opõe a essas, revelando uma clara influência social na valoração da língua”

O fato desse processo ser afetado negativamente pelo nível de instrução do falante pode ser um indício de que, nesta cidade, a palatalização regressiva pode carregar uma suave carga negativa de valor, uma vez que os falantes mais escolarizados foram os que mais evitaram a forma da variante palatalizada. Esses resultados são semelhantes ao resultado obtido por Sassi (1997).

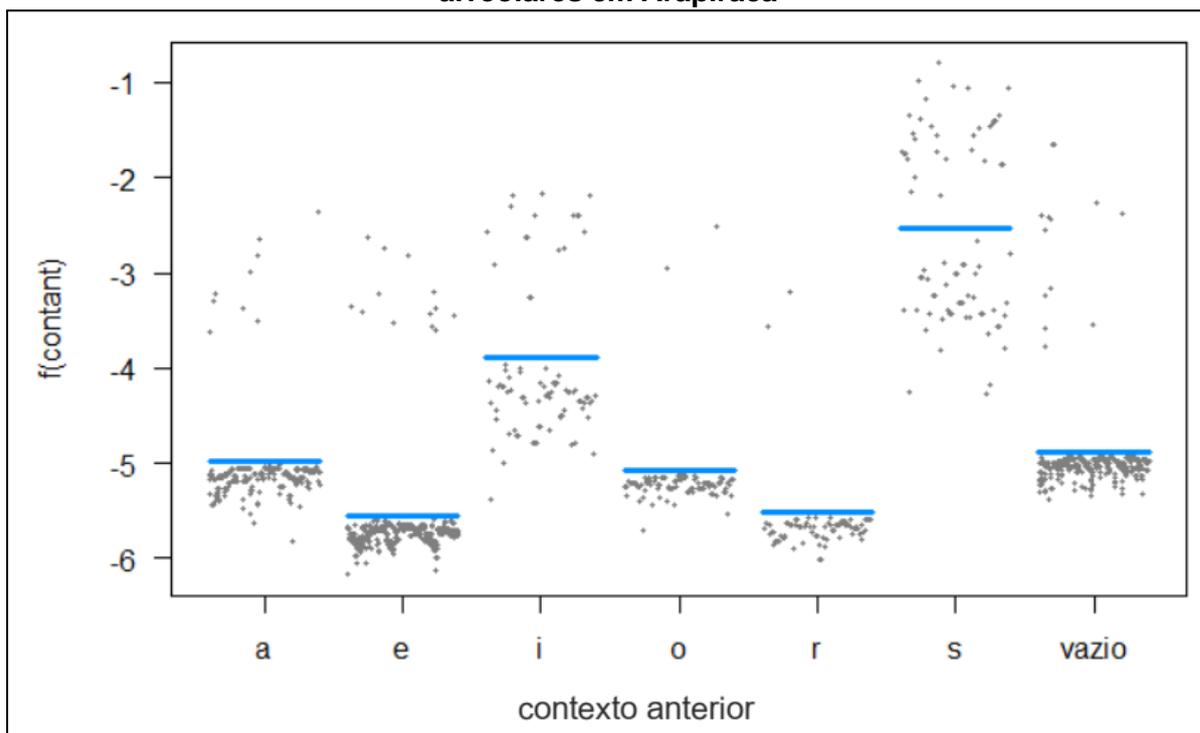
Assim como os resultados obtidos em Maceió, a variável interna com maior significância estatística foi o contexto anterior, que apresenta um Sig.TRV 5.42e-08. Dentre os fatores investigados, a fricativa /S/ e a vogal /i/ favorecem positivamente o processo com PRs 0,94 e 0,67, respectivamente, indicando que há uma maior probabilidade de ocorrer a palatalização em palavras do tipo “existir” e “desde”.

O fator vazio, quando a oclusiva inicia a palavra, em formas linguísticas como “tipo” e “dinheiro”, apresenta um PR 0,54, sugerindo possível favorecimento do processo variacionista. Porém, o teste Sig.Wald retornou com valor 0,817, indicando que há cerca de 82% de possível variação nesse valor do PR, logo, não é possível assegurar estatisticamente que esse fator favoreça ou não a palatalização.

Algo semelhante ocorre com o fator /a/, pois apesar de ter um PR 0,40, o Sig.Wald é 0,409, o que revela uma possibilidade do PR variar cerca de 40% para cima ou para baixo, não sendo possível, portanto, assegurar que esse fator interfira de algum modo no processo de variação.

Todos os demais fatores da variável (r, e, o, u) demonstram ser inibidores do processo, por apresentarem PRs em 0,25, ou no caso de /u/, que em todas as suas ocorrências se deram com a variável oclusiva. Esses resultados, conforme gráfico 7, apontam, mais uma vez, para o favorecimento do processo de palatalização com a presença do gatilho duplo, quando há algum elemento fonético portador do traço [+coronal] em contexto linguístico anterior e posterior às oclusivas /t/ e /d/.

Gráfico 7 - Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca

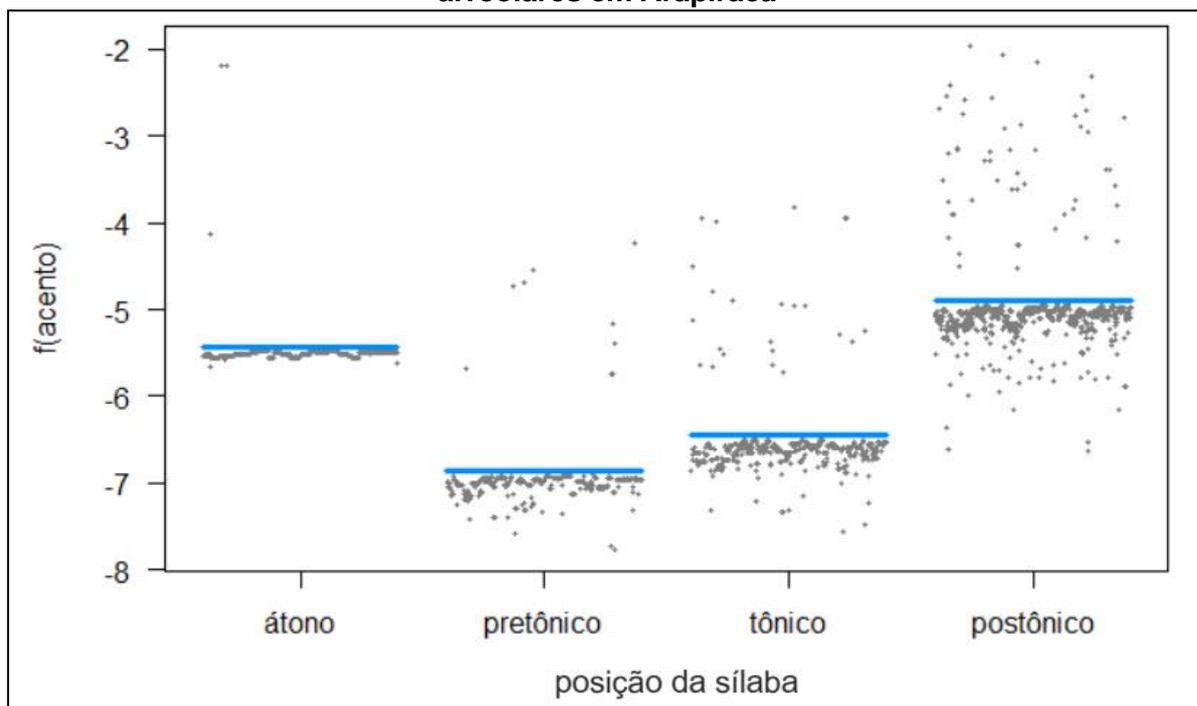


Fonte: Autora (2021)

Na variável posição da sílaba, o fator postônico favorece o processo de palatalização regressiva em Arapiraca com PR 0,94 e Sig.Wald próximo a zero, esse resultado coincide com resultado obtido por Santos (1996) no estudo realizado em Maceió – AL. Apesar da posição átona obter um PR 0,72, o Sig.Wald foi elevado o suficiente para não permitir a assunção deste fator como favorecedor ou inibidor do processo.

Já a posição tônica e a posição pretônica obtiveram os menores índices de realização da variante palatalizada, revelando que, embora palavras como “mentir” e “continua” sejam passíveis de palatalização, a possibilidade de isso ocorrer é menor que em palavras do tipo “político”, conforme pode ser aferido no gráfico 8.

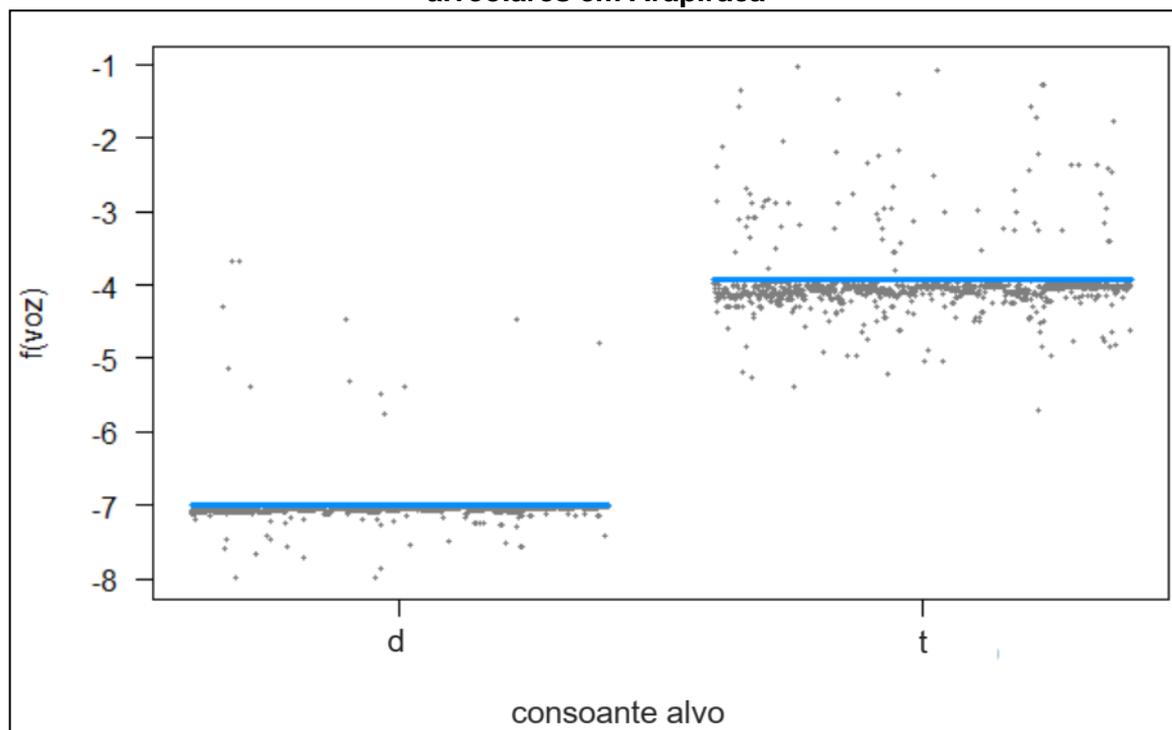
Gráfico 8 - Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca



Fonte: Autora (2021)

Quanto à variável consoante alvo, a consoante oclusiva alveolar desvozeada favorece o processo de palatalização regressiva na cidade de Arapiraca, resultado semelhante aos alcançados por (HORA, 1990; SOUZA NETTO, 2008; HENRIQUE; HORA, 2012) entre outros, mostrando que palavras como “tipo” são mais fáceis de serem palatalizadas, que palavras como “dia”, conforme é ilustrado no gráfico 9. A consoante [t] obteve um PR 0,64, favorecendo assim o processo de palatalização e a consoante [d], um PR de apenas 0,22, mostrando um desfavorecimento do processo.

Gráfico 9 - Variável consoante alvo e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca

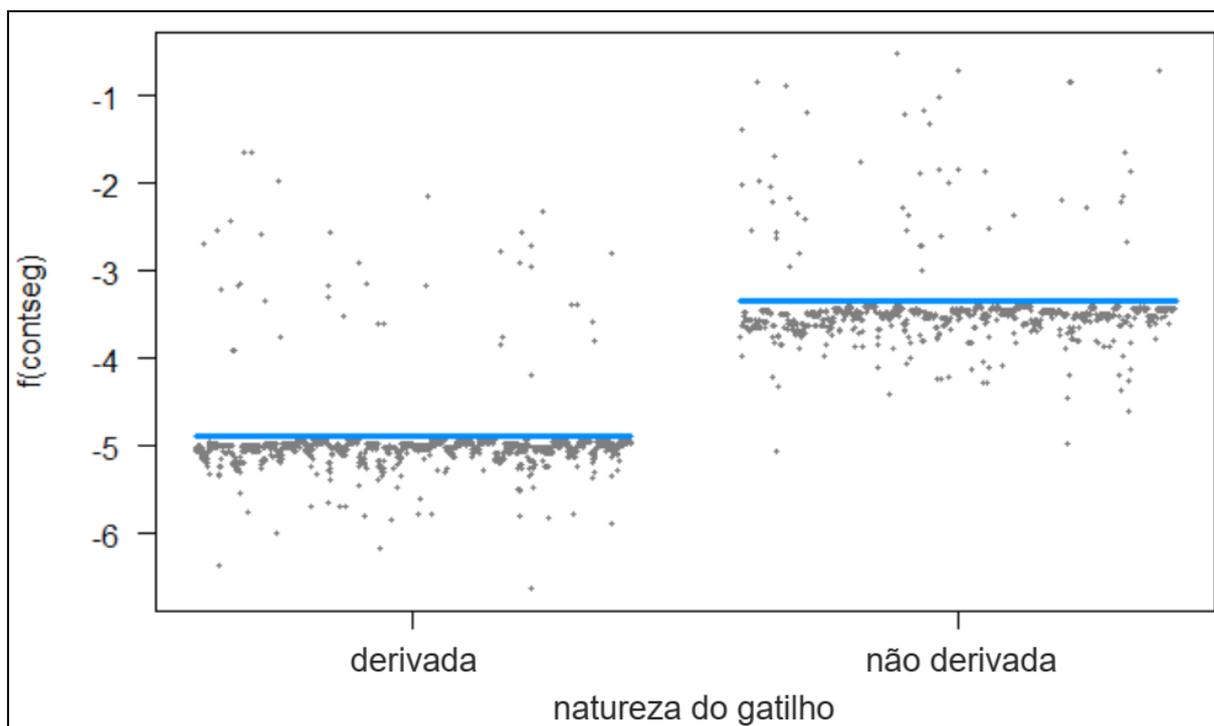


Fonte: Autora (2021)

Em relação à variável natureza do gatilho, conforme tabela 5, os testes revelam que a vogal não derivada /i/, em palavras como “partido”, apresenta uma maior probabilidade de condicionar o processo de palatalização regressiva em Arapiraca, com PR 0,75. Já a vogal derivada /e/, presente em palavras do tipo “gente”, é um natural inibidor de ocorrência da variante palatalizada, resultado concordante com trabalhos realizados por outros estudiosos como (BISOL, 1991; CARVALHO, 2002).

É esperado que isso ocorra porque há a necessidade de um escalonamento de processos fonológicos, em que primeiro a vogal /e/ tem que derivar para a vogal /i/ e depois ocorra a possibilidade de palatalização. Como a vogal /i/ já possui as características fonológicas necessárias para a efetivação do processo de palatalização, ela naturalmente favorece o processo, conforme é visualizado no gráfico 10.

Gráfico 10 - Variável natureza do gatilho e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Arapiraca



Fonte: Autora (2021)

Na tabela 6, nota-se como as variáveis de nível mais agregado condicionam o processo de palatalização. Na análise de correlação de coeficiente intraclassa, a variável mais agregada Indivíduo apresenta um percentual de 15,4%, indicando que este é valor de possíveis condicionamentos do comportamento individual do falante – que escapa às variáveis sociais investigadas, neste caso idade, sexo/gênero e escolaridade – no processo de palatalização regressiva na cidade de Arapiraca.

Tabela 6 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final

	n	Variância	CCI	Sig.TRV
Indivíduo	24	1,26	15,4%	0.006133
Item lexical	537	0,60	27,7%	0.0001806

Fonte: Autora (2021)

A variável Item lexical apresenta um CCI de 27,7%, sugerindo que algumas particularidades lexicais não investigadas nesta pesquisa estejam afetando o processo de palatalização regressiva

Dentre as variáveis independentes analisadas, as variáveis externas idade e sexo/gênero não apresentaram índices estatísticos de condicionamento do processo

de palatalização regressiva em Arapiraca, bem como a variável interna tamanho da palavra, conforme observa-se na tabela 7.

Tabela 7 - Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística)

	Total	% palatalização	Peso Relativo	Sig. Wald	Sig. TRV
Idade	*	*	*	*	0,5069
Sexo/gênero					0,2314
Feminino	1127	2,8	*	*	
Masculino	1533	4,1	*	*	
Tamanho da palavra	*	*	*	*	0,3815
Total	2660	3,6			

Fonte: Autora (2021)

Constatar que as variáveis externas idade e sexo/gênero não interferem no processo de palatalização indica que este processo variacionista sofre poucas pressões sociais na cidade investigada, uma vez que essas variáveis são dois importantes grupos de fatores de aferimento da valoração social.

Verificar que a palatalização regressiva em Arapiraca não é condicionada pela idade do falante implica aceitar que este processo é indistinto aos diferentes grupos etários, não sofrendo valoração negativa ou positiva entre as gerações. Para Oliveira (2006.p,129), “trata-se de um grupo de fatores de grande importância, pois a estratificação das variantes em tempo aparente permite identificar o curso do fenômeno em estudo: se trata de variação estável ou de mudança em curso”.

De modo análogo, a variação diagenérica tem marcado teoricamente as formas linguísticas em possível processo de expansão (quando valorizadas pelas mulheres) ou restrição (quando favorecido pelos homens). No entanto, os dados revelam que indistintamente do sexo/gênero, o processo de palatalização regressiva é produzido nas mesmas proporções, não havendo indícios de qualquer tipo de valoração social, pois homens e mulheres apresentam o mesmo comportamento.

5.3. Palatalização regressiva em Delmiro Gouveia

Nesta subseção, são apresentados os resultados estatísticos do processo de palatalização regressiva em Delmiro Gouveia, sendo observada a probabilidade de

produção das variantes, se oclusiva [t] e [d] ou palatalizada [tʃ] e [dʒ]. Foram analisadas 2588 ocorrências linguísticas em contexto de possível palatalização, havendo palatalização em somente 2,9% dessas ocorrências.

Como nas análises feitas em Maceió e Arapiraca, são utilizados os testes TRMV, em um modelo multivariado de regressão logística multinível, com variáveis de nível mais agregado indivíduo e item lexical. As variáveis independentes investigadas foram idade, sexo/gênero, escolaridade, tonicidade, contexto anterior, tipo de consoante, posição da sílaba, tamanho da palavra e natureza do gatilho.

O resultado da análise aponta que nenhuma das variáveis sociais investigadas apresentou qualquer tipo de condicionamento no processo de palatalização regressiva na cidade de Delmiro Gouveia, o que sugere que nesta cidade, esse tipo de variação não sofre pressões sociais. Dentre as variáveis internas, o programa manteve como significativas apenas as variáveis linguísticas posição da sílaba e contexto anterior, conforme pode ser verificado na tabela 8.

Tabela 8 - Variáveis independentes incluídas no modelo final (estatisticamente significativas)

	Total	%opalatalização	Peso Relativo	Sig, _{Wald}	Sig, _{TRV}
Posição da sílaba					2.89e-16
postônica	697	6,4	0,98	0,002	
átona	671	0,3	0,84	0,568	
tônica	525	5,5	0,67	0,270	
pretônica	785	0,8	0,01	0,007	
Contexto anterior					4.01e-06
s	71	18,3	0,99	0,002	
i	92	9,8	0,75	<0,000	
u	30	10,0	0,67	0,785	
r	129	2,3	0,64	0,731	
vazio	1177	1,7	0,46	0,846	
e	547	3,1	0,27	0,334	
o	123	3,3	0,10	0,406	
a	419	1,7	0,03	0,034	
Total	2588	2,9			

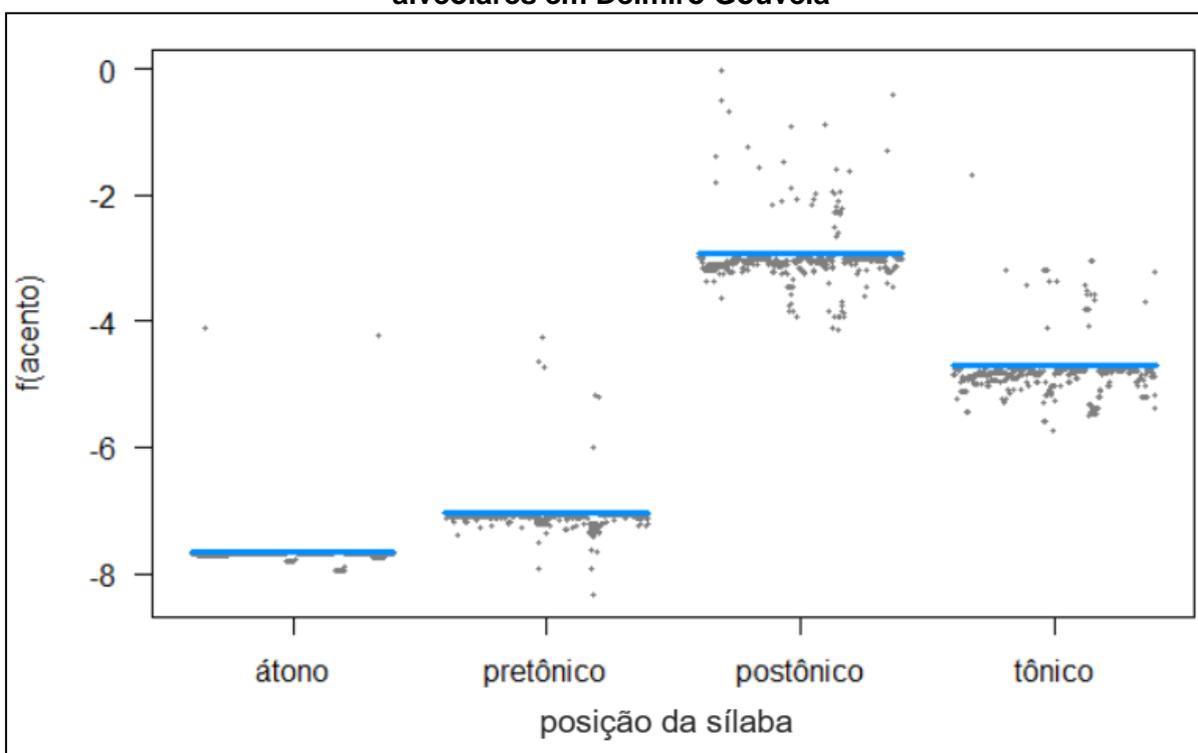
Fonte: Autora (2021)

Em Delmiro Gouveia, a variável que demonstrou maior significância na correlação com o processo de palatalização regressiva foi a variável posição da sílaba, a partir da qual é investigada a posição silábica em que ocorre a variante /t/ e

/d/, se em posição tônica, pretônica, postônica ou em monossílabos átonos como as preposições “de” ou pronomes oblíquos “te”.

Os resultados mostram, conforme tabela 8 e gráfico 11, que o fator que mais condiciona o processo de palatalização é a posição postônica, com PR 0,98 e Sig.Wald 0,002. Inversamente, o fator que mais inibe é a posição pretônica, com PR 0,01 e Sig.Wald 0,007. Isso indica que há maior probabilidade de, em Delmiro Gouveia, o falante palatalizar as formas linguísticas do tipo “política” e “cidade” (posição postônica), que formas do tipo “vestibular” e “diretor” (posição pretônica).

Gráfico 11 – Variável posição da sílaba e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Delmiro Gouveia

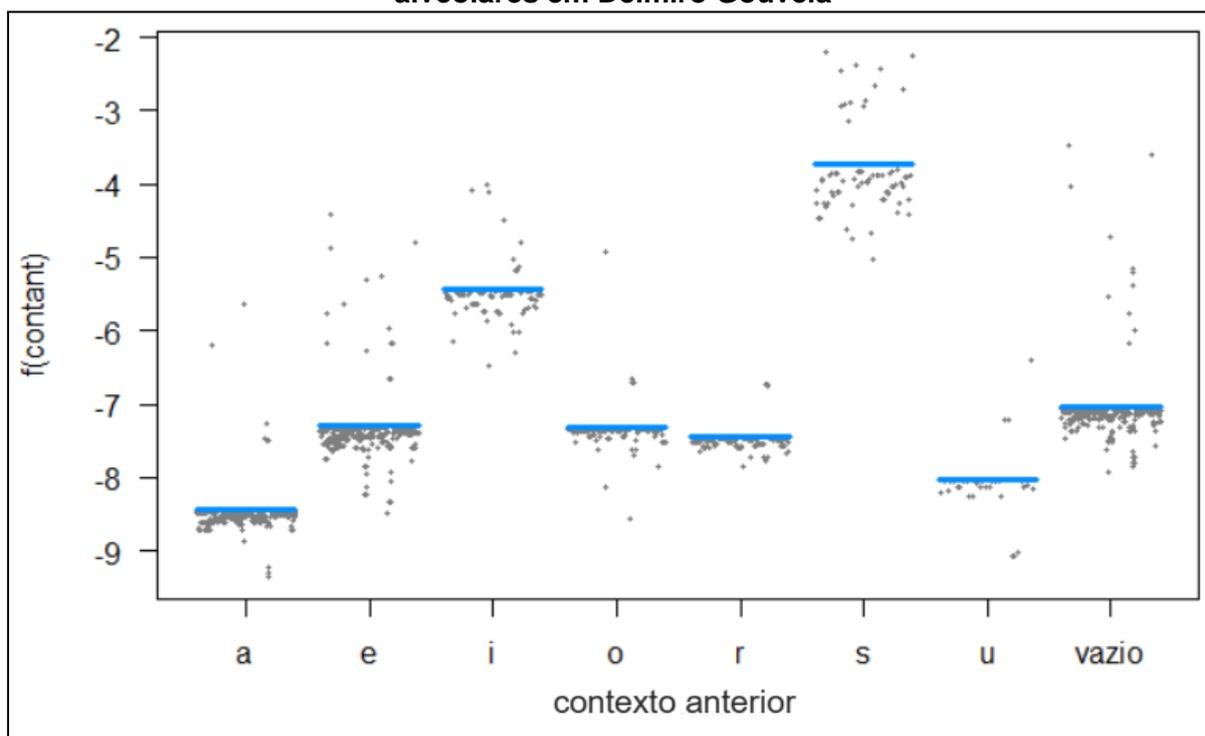


Fonte: Autora (2021)

Quanto às posições tônica e átona, não é possível assegurar nenhum comportamento condicionante – nem favorecedor, nem inibidor – uma vez que a posição átona retornou com PR 0,86, mas com Sig.Wald bastante elevado em 0,568, indicando uma possibilidade de variação em torno de 57% do PR, não sendo, portanto, um valor estatístico confiável. De igual modo, a presença da variante oclusiva alveolar em posição átona também não condiciona o processo, uma vez que o PR desse fator é 0,67, mas o Sig.Wald é 0,270.

Já em relação à variável contexto anterior, os resultados apontam para o favorecimento do processo pelos fatores linguísticos fricativa /S/ e vogal alta /i/, indicando, mais uma vez, que a presença constante do traço [+coronal] condiciona favoravelmente o processo, conforme pode ser verificado no gráfico 12.

Gráfico 12 – Variável contexto anterior e a palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Delmiro Gouveia



Fonte: Autora (2021)

Dentre os fatores da variável contexto anterior, a fricativa /S/ foi a que mais favoreceu o processo, com PR quase categórico em 0,99 e Sig. Wald 0,002, seguido pela vogal /i/ com PR 0,75 e Sig. Wald próximo a zero. Assim, como acontece em Maceió e Arapiraca, o processo de palatalização é mais produtivo quando há a presença de gatilhos duplos, com traço [+coronal] em posição anterior e posterior às consoantes oclusivas, conforme Carvalho (2002).

A vogal baixa /a/ é que a estatisticamente mais inibe o processo de palatalização regressiva em Delmiro Gouveia, com PR 0,03 e Sig. Wald 0,034. As vogais médias /e/ e /o/ também apresentam comportamento inibidor, com PR 0,10 e 0,03, respectivamente, e Sig. Wald entre 0,334 e 0,406. Esse resultado também foi observado por outros pesquisadores, como Godinho (2012), para quem a altura das vogais interfere no processo de palatalização.

Quanto aos demais fatores da variável, não houve qualquer tipo de condicionamento, nem favorável, nem inibidor. Os fatores /u/, /r/ e vazio apresentam elevados índices de Sig. Wald, o que indica uma possível variação nos valores de PR, que são 0,785, 0,731 e 0,846, respectivamente, não sendo possível, portanto, assegurar qualquer condicionamento desses fatores no processo de palatalização regressiva na cidade de Delmiro Gouveia.

A seleção das variáveis contexto anterior e posição da sílaba também se dá nas cidades de Maceió e Arapiraca, revelando que, no estado de Alagoas, o processo de palatalização regressiva é condicionado linguisticamente pelo contexto anterior e pela posição das consoantes oclusivas em relação à sílaba tônica.

Na tabela 8, a variável de nível mais agregado, indivíduo, apresenta CCI 15,4%, indicando que este é o percentual de fatores externos não controlados por esta pesquisa que podem inferir no processo de palatalização. De igual modo, o CCI 27,7% na variável agregada Item lexical indica que esse é o percentual de possíveis fatores internos não analisados que, de algum modo, condicionam a variação.

Tabela 9 - Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final

	n	Variância	CCI	Sig.TRV
Indivíduo	24	3.9	15,4%	2.2e-16
Item lexical	547	1.8	27,7%	0.0004223

Fonte: Autora (2021)

Na análise realizada em Delmiro Gouveia, todas as variáveis externas investigadas (idade, sexo/gênero e escolaridade) foram excluídas do modelo final por não apresentarem níveis significativos de condicionamento do processo. O que também aconteceu com as variáveis internas consoante alvo, tamanho da palavra e natureza do gatilho, conforme pode ser visualizado na tabela 10:

Tabela 10 - Variáveis independentes excluídas do modelo final (sem significância estatística)

	Total	%palatalização	Peso Relativo	Sig.Wald	Sig.TRV
Idade	*	*	*	*	0.6629
Sexo/gênero					0.3055
Feminino	1271	4,1	*	*	
Masculino	1241	1,7	*	*	
Escolaridade	*	*	*	*	0.1365
Consoante alvo					0.7240
t	1092	5,0	*	*	
d	1420	1,3	*	*	
Tamanho da palavra	*	*	*	*	0.09709
Natureza do gatilho					0.06657
Derivada	1627	1,9	*	*	
Não derivada	885	4,7	*	*	
Total	2588	2,9			

Fonte: Autora (2021)

O fato de nenhuma variável social ter sido selecionada para compor o modelo final de análise indica que o processo de palatalização regressiva em Delmiro Gouveia não sofre qualquer tipo de valoração social. Os dados apontam para uma variação do tipo indicador, quando os valores sociais não afetam a escolha dos falantes e as variantes convivem de forma estável. Segundo Labov (2008, p. 275), “alguns traços linguísticos (que chamaremos de indicadores) mostram uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários, mas são usados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto”.

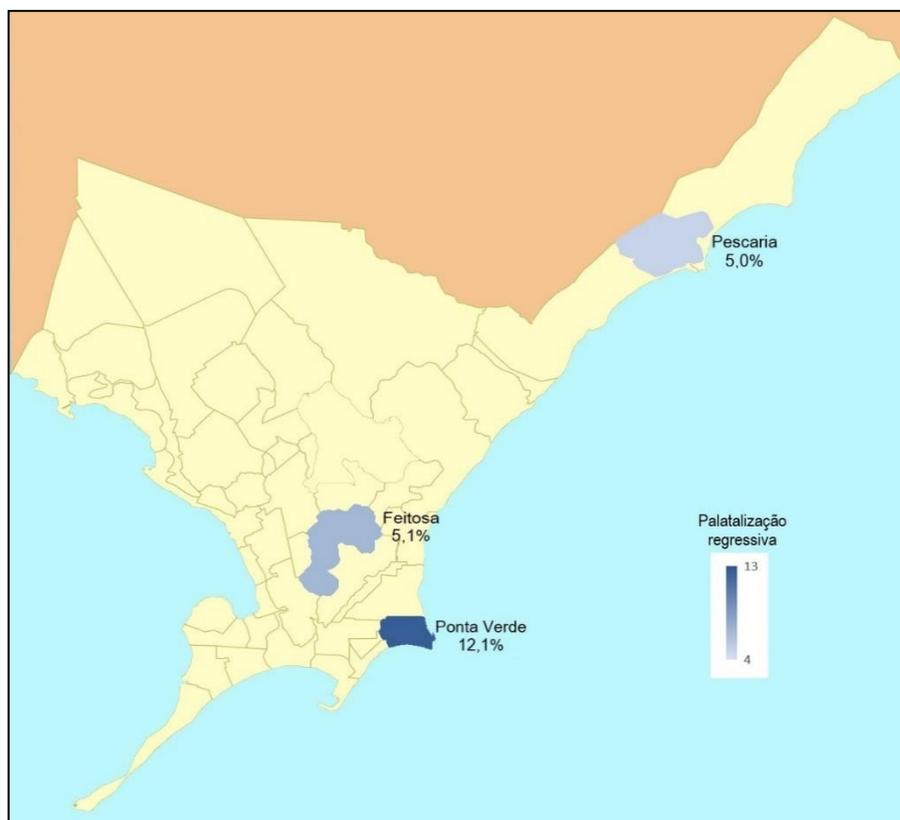
5.4. Sumariando resultados

Apesar desta pesquisa ter considerado a distribuição diatópica como uma variável somente na cidade de Maceió, ao investigar os bairros Feitosa, Ponta Verde e Pescaria, os dados sugerem que há um importante estrato de análise sociolinguística, não apenas na capital, mas em todo o estado de Alagoas.

Em Maceió, conforme pode ser verificado no mapa 2, há uma clara distribuição diatópica que favorece o bairro de Ponta Verde. Possivelmente, essa distribuição não é apenas geográfica, mas também social, uma vez que o contraste no IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) desses bairros é bem nítido. Segundo dados

do PNUD, Ipea e FJP (2015), Ponta Verde tem o melhor IDHM do estado de Alagoas, ao ponto de poder, isoladamente, ser comparado com a Noruega.

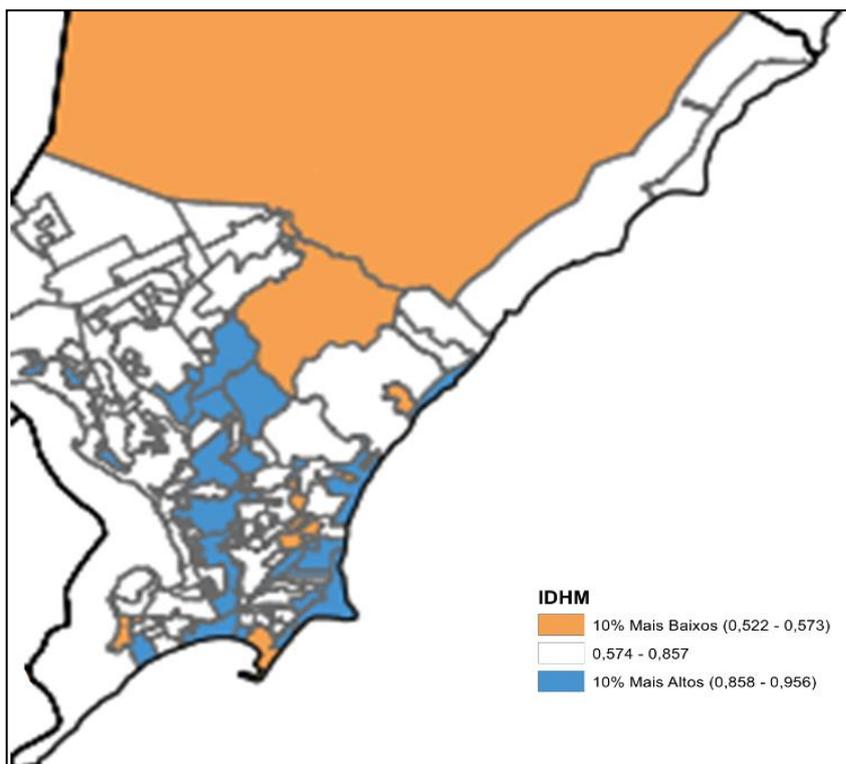
Mapa 2 – Distribuição diatópica da palatalização regressiva na cidade de Maceió



Fonte: Autora (2021)

O bairro de Ponta Verde (PNUD, Ipea e FJP, 2015) apresentava em 2010 o melhor IDHM do estado de Alagoas, 0,96, em uma escala que vai de 0 a 1, um valor bastante alto que representa o nível social do bairro, conforme pode ser verificado no mapa 3. Essa distinção social de Ponta Verde também é notada pela renda média familiar, que, segundo a Enciclopédia dos Municípios Alagoanos (2014), era de 9.026,87 reais no ano 2012.

Mapa 3 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Maceió



Fonte: PNUD, Ipea, FJP (2015)

Por outro lado, os bairros Feitosa e Pescaria apresentavam em 2010 renda média familiar de 2.115,03 reais e 890,67 reais, respectivamente e IDHM próximos entre si, em torno de 0,60. Esses números colocam os bairros de Feitosa e Pescaria em uma posição social distante de Ponta Verde.

Isso sugere, então, que a interferência diatópica no processo de palatalização regressiva em Maceió traz, de forma latente, questões de natureza social como renda e qualidade de vida. Resultado parecido já foi observado por Souza Neto (2014) em Aracaju e Dutra (2007) em Chuí. Assim, é possível supor que Ponta Verde favorece as variantes palatalizadas porque é induzida por valores de classe e distinção social.

Ao se fazer uma leitura mais ampla, em nível de Alagoas, é possível notar que Maceió tem um comportamento favorecedor da palatalização regressiva em relação as demais cidades investigadas e que quanto mais distante da capital, menor a possibilidade de o falante escolher as variantes palatalizadas, conforme pode ser notado no mapa 4.

Mapa 4 – Distribuição diatópica da palatalização regressiva no estado de Alagoas



Fonte: Autora (2021)

Assim como a leitura feita em Maceió, supõe-se que a distribuição geográfica dos dados em Alagoas carrega valorações diastráticas, como renda e classe social, pois Maceió, como a cidade que mais favorece o processo de palatalização, também é a cidade alagoana como o maior IDHM, 0,72, segundo o PNUD, Ipea e FJP (2015) e a Enciclopédia dos Municípios Alagoanos (2012).

Arapiraca, por sua vez, obteve um IDHM 0,65 e Delmiro Gouveia, 0,62, segundo o IBGE (2010). Há, desse modo, uma linearidade entre esses índices sociais e o percentual de realização das variantes palatalizadas em Alagoas, pois Maceió favorece o processo de palatalização regressiva, mas em Arapiraca e em Delmiro Gouveia essas variantes aparentemente não sofrem pressões sociais positivas.

Acredita-se que, em Alagoas, a cidade que mais favorece a palatalização regressiva é a cidade de Maceió devido a uma possível valoração social que afeta a distribuição diatópica. De igual modo, Ponta Verde, em Maceió, também favorece a variação na capital. Esses dados sugerem que os valores sociais atribuídos a mais importante cidade do estado de Alagoas e ao mais elitizado bairro de Maceió afetam as escolhas linguísticas dos falantes em favor das variantes palatalizadas. O processo de palatalização regressiva em Alagoas parece estar em expansão na capital, ao passo que se encontra em aparente estabilidade no interior do estado.

6. CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou investigar o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Alagoas, a partir de análise de dados de fala espontânea das principais cidades das regiões Litoral, Agreste e Sertão, a saber Maceió, Arapiraca e Delmiro Gouveia, respectivamente. O intuito da pesquisa foi investigar possíveis condicionantes linguísticos ou sociais que direcionem o processo de variação, favorecendo ou inibindo a realização da variante africada [tʃ] e [dʒ].

Foram estatisticamente analisadas, em cada uma das cidades investigadas, as variáveis sociais idade, sexo/gênero e escolaridade e as variáveis linguísticas contexto anterior, posição da sílaba, consoante alvo, tamanho da palavra e natureza do gatilho. Em Maceió, devido à distribuição demográfica da cidade, também foi analisada a variável bairro.

Foram realizadas três diferentes análises estatísticas para investigar o processo de palatalização regressiva em Alagoas, uma para cada cidade investigada, de modo que serão apresentadas as conclusões de cada uma das cidades.

Com os dados de Maceió, após a realização de testes estatísticos, obteve-se um percentual de 7,1% da variante palatalizada, com as variáveis idade, bairro, contexto anterior, posição da sílaba e consoante alvo mantidas no modelo final de análise, sendo possível concluir que:

- Os falantes mais jovens fazem maior uso da variante palatalizada [tʃ] e [dʒ] que os falantes mais velhos;
- Os falantes de Ponta Verde favorecem mais o processo de palatalização que os falantes dos demais bairros investigados;
- O contexto linguístico de duplo gatilho, regressivo e progressivo, é categoricamente o que mais favorece a realização das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ];
- A posição silábica postônica é favorecedora do processo de palatalização;
- É mais provável que ocorra palatalização regressiva com a consoante alvo /t/ que com a consoante alvo /d/.

Considerando a análise estatística dos dados na cidade de Arapiraca, obteve-se um percentual de 3,6% da variante palatalizada, com significância estatística das

variáveis escolaridade, contexto anterior, posição da sílaba, consoante alvo e natureza do gatilho, sendo possível concluir que:

- Os falantes menos escolarizados favorecem o uso da variante palatalizada e na proporção em que aumenta o nível de instrução escolar do falante, diminui a probabilidade de realização do processo de palatalização;
- Os contextos linguísticos com a fricativa /S/ e a vogal /i/ em posição anterior (duplo gatilho) favorecem positivamente o processo de palatalização das oclusivas alveolares;
- A presença das consoantes alveolares em posição postônica favorece a realização da variante palatalizada;
- A realização da consoante alvo /t/ favorece mais o uso da variante palatalizada que a consoante alvo /d/;
- Quando a vogal alvo do processo /i/ é não derivada, há maior probabilidade de realização da palatalização.

Quanto à análise do processo de palatalização regressiva em Delmiro Gouveia, obteve-se um percentual de 2,9% da variante palatalizada, com significância estatística das variáveis posição da sílaba e contexto anterior, sendo possível chegar a estas conclusões:

- Não há qualquer fator social que condicione o processo de palatalização regressiva;
- A posição silábica postônica favorece a realização das consoantes africadas;
- A presença da fricativa /S/ e da vogal /i/ em contexto anterior à oclusiva (gatilho duplo) favorece o processo de realização da variante palatalizada.

Desse modo, após algumas observações contrastivas entre os resultados obtidos é possível notar certas regularidades, principalmente, linguísticas, quanto ao processo de palatalização regressiva no estado de Alagoas: a) contexto silábico condiciona o processo de palatalização regressiva em todo o estado de Alagoas, sendo favorecido pela presença da consoante alvo em posição postônica; e b) o contexto de duplo gatilho (regressivo e progressivo) com a presença da fricativa /S/ e

da vogal /i/ em contexto anterior e com a vogal /i/ em posição seguinte às oclusivas /t/ e /d/ favorece linguisticamente a realização da variante africada em todo o estado.

O processo de palatalização regressiva parece ser sensível a questões de classe social, pois apesar desta pesquisa não ter investigado diretamente a classe social do falante, há uma intrigante correlação entre os índices de desenvolvimento social dos locais investigados e o uso da variante africada, sugerindo, assim como foi observado por Souza Neto (2014) em Aracaju e Dutra (2007) em Chuí, que, em Alagoas, o processo de palatalização também é condicionado por questões sociais, sendo favorecido pelas classes sociais mais elevadas.

Há possíveis interferências diatópicas no processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares em Alagoas, principalmente, por se considerar o comportamento linguístico de Delmiro Gouveia, que é a cidade que menos realiza a variante palatalizada.

Os dados sugerem que o processo de palatalização regressiva está em processo de expansão em Alagoas, indo do Litoral ao interior, pois há uma gradação de realização, sendo mais produzida em Maceió, principalmente em Ponta Verde, e diminuindo a frequência de produção na proporção em que se distancia da praia.

Essa perspectiva de expansão também é corroborada pelo fato de os falantes mais jovens favorecerem o processo de palatalização em Maceió, indicando que há uma tendência de aumento no uso da variante africada pelas novas gerações.

É evidente que alguns pontos que envolvem esse processo de variação ainda precisam ser investigados, como a valoração social que afeta cada uma das variantes e seu consequente julgamento por partes dos falantes alagoanos, sendo pertinente que pesquisas futuras investiguem com mais profundidade como os aspectos sociais dos falantes afetam os usos da variante palatalizada.

Desse modo, sabendo que as discussões sobre o processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares devem ser expandidas, esta dissertação se propôs a trazer algumas análises sobre esse processo variacionista em Alagoas.

7. REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. A palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: **Gramática do português falado VII: novos estudos descritivos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602

ALAGOAS. **Enciclopédia municípios de Alagoas**. 3. Ed. Alagoas, 2012.

BAILEY, Guy. "**Real and Apparent Time.**" **The Handbook of Language Variation and Change**. In: Chambers, J. K., Peter Trudgill and Natalie Schilling-Estes (Orgs). Blackwell Publishing, 2003. Blackwell Reference Online. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405116923_chun_g978140511692318> Acesso em 26 de maio de 2021.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A.; **Palatalização das oclusivas alveolares em uma comunidade ítalo-brasileira: variação linguística como prática social**. In: MARÇALO, João; et al. **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Universidade de Évora, 2010.

BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. In: **International Journal of Sociology of Language**, Mouton, n. 89, p. 107-124, 1991.

BISOL, Leda. Fonologia: uma entrevista com Leda Bisol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acessado em 10 de janeiro de 2021 às 11h54min.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In FONSECA, M.; NEVES, M. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1974, p. 17-23.

BRASIL ESCOLA. **Geografia do Brasil: Alagoas**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/alagoas.htm>> Acesso em 13 de março de 2021.

BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras: Baixada Santista, Campinas, Maceió e Vale do Paraíba**. Brasília: PNUD, Ipea, FJP, 2015.

CARVALHO, S. **A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores no norte e noroeste do Rio de Janeiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

CHESHIRE, J. **Sex and Gender in Variationist Research**. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003. Blackwell Reference Online. 31December2007 <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405116923_chunk_g978140511692324> Acessado em 11 de outubro de 2020 às 12h00min.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The patterns sounds of English**. New York: Haper and Row, 1991.

CLEMENTS, G N. The geometry of phonology features (1985). In: GOLDSMITH, J. (Org.) **Phonological Theory: the essential readings**. Massachusetts: Blackwell, 1999.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631201267_chunk_g97806312012679> Acessado em 20 de agosto de 2020 às 13h10min.

COULMAS, F. "**Introduction.**" **The Handbook of Sociolinguistics**. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631211938_chunk_g97806312119382> Acesso em 31 de abril de 2021.

CREGAN, A. **Sociolinguistic Perspectives on the Context of Schooling in Ireland**. Vol. II: parent perceptions. Combat Poverty Agency. Working Paper Series 08/04. August, 2008. Disponível em: <<http://www.combatpoverty.ie/publications>>. Acessado 28 de abril de 2021 às 9h30min.

CRISTÓFARO SILVA, T. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. In: **Revista de estudos linguísticos**. V. 20, n. 2, Belo Horizonte. p. 59-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/>>. Acessado em 10 de novembro de 2020 às 13h30min.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2007.

FREITAG, R. M.; "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística", p. 17-74 . In: FREITAG, R. M; SEVERO, C. G. (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GODINHO, Cyntia de Souza. **Variação das oclusivas alveolares no falar paraense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2012.

GOLDSMITH, J. Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. **The Handbook of Phonological Theory**. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. 31 December 2007. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631201267_chunk_g97806312012673>. Acessado em 20 de maio de 2021 às 13h10min.

GRIES, S. **Statistics for Linguistics with R: A Practical Introduction**. 2 Ed. Berlin, 2013.

HENRIQUE, P.; HORA, D. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.

HORA, D. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear.** Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, PUC-RS, Porto Alegre, 1990.

IBGE. **Censo demográfico 2010 – Alagoas.** Rio de Janeiro, 2011.

INSTITUTO THÉO INSTITUTO THÉO BRANDÃO. **Maceió: 180 anos de história.** Maceió: Grafitex, 1995.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola, 2008.

LE PAGE, R. B. "The Evolution of a Sociolinguistic Theory of Language." **The Handbook of Sociolinguistics.** Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631211938_chunk_g97806312119382> Acesso em 31 de abril de 2021.

MATTOSO CÂMARA JR. J. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

MILROY, Lesley.; GORDON, Mathew. **Sociolinguistics: method and interpretation.** Oxford: Blackwell Publish, 2003.

NEUSCHRANK, A.; MATZENAUER, C. L. B. **A palatalização na diacronia do PB: o surgimento dos segmentos palatais à luz de teoria fonológica.** In: **Linguística.** Montevideu, vol. 27. p. 18 - 46, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2012000200003> Acesso em 14 dez. 2020 às 9h30min.

OLIVEIRA, A. A. **Processos de Palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.** 2017. **Tese** (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 2017.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 254 p. Tese (Doutorado em língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PAGOTTO, E. G. **Variação e (“) identidade.** Maceió: EDUFAL, 2004.

PIRES, L. B. **A palatalização das oclusivas dentais em São Borja.** **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.** Edição especial n. 1, 2007. Disponível em <www.revel.inf.br> Acesso em 02 jan. 2021 às 11h00min.

SANCHES, R. D.; NASCIMENTO, J. L. S. **Palatalização de /d/ diante de /i/ no falar amapaense.** Universidade do Estado de Amapá – 2019.

SANTOS, L. F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió.** 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SASSI, M. P. M. **A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar**. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

SEVERO, C. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Voz das Letras**, Revista da Universidade do Contestado, número 9, p. 1-17, 2008.

SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). PPGLL-UFAL, Maceió, 2008

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TRUDGILL, P. **The social differentiation of English in Norwich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

VITÓRIO, E. **Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?** Tese (Doutorado em Letras e Linguística). PPGLL-UFAL, Maceió, 2012.

VITÓRIO, E. Sobre ter e haver existenciais na norma culta alagoana. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.

VOTRE, S. J. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51- 58.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. 5. ed. Blackwell Publishing, 2006.

WIENREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXO A



PROJETO PORTAL: Variação linguística no português alagoano
 Universidade Federal de Alagoas - Faculdade de Letras
 Coordenador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira

ENTREVISTA E ORIENTAÇÕES DE APLICAÇÃO

A entrevista deve durar em 9 e 11 minutos

Reforce com o participante: *objetivo é verificar a capacidade da pessoa de lembrar fatos do passado antigo e recente com a maior quantidade possível de detalhes. Somente pesquisadores terão acesso à gravação.*

Explique como será a conversa. Você dirá algumas orientações e o participante deve contar com detalhes algumas histórias de sua vida.

Dê tempo para o participante e incentive-o a falar. Mostre-se empático e interessado no assunto. Quando sentir que ele está empolgado com a história, incentive-o a continuar (“e aí?”, “por que isso aconteceu?”, “fale mais disso”, etc.).

Não fique mais do que 5 minutos em cada tipo de texto (narração, descrição e argumentação). Nem todas as perguntas precisam ser feitas. O que importa é o tempo de gravação (entre 9 e 11 minutos) e a diversidade dos tipos textuais.

1. NARRAÇÃO.

Diga ao participante: “Conte uma lembrança importante (veja a lista abaixo)”. Caso ele não se lembre de nada, ajude-o com sugestões: algum fato que tenha causado perigo, dificuldade, alegria, tristeza, etc.

- a. Da sua infância em casa.
- b. Da sua infância na escola.
- c. Da sua infância com amigos.
- d. Da sua infância com os pais.
- e. Da sua infância com os avós.
- f. Da infância dos seus filhos em casa (caso tenha filhos).
- g. Da infância dos seus filhos na escola (caso tenha filhos).
- h. Da sua juventude.
- i. De relacionamentos amorosos (marido/esposa, namorado(a), etc.) (como conheceu o marido/esposa, namorado(a), etc)

2. DESCRIÇÃO

Diga ao participante: “Conte com o máximo de detalhes possível (veja a lista abaixo)”

- a. Como era a casa em que você morava quando você tinha 10 anos.
- b. Como era a cidade na sua infância.
- c. Um filme que você assistiu ou um livro que você leu há mais de 6 meses.
- d. O que você fez na segunda-feira da semana passada.

3. ARGUMENTAÇÃO

Diga ao participante: “O que você pensa sobre (veja a lista abaixo)” (caso o participante não conheça o tema, explique-o do que se trata)

- a. pena de morte
- b. aborto
- c. casamento entre pessoas do mesmo sexo

